

Revista da Semana

Ano XLIV - N.º 49 - Cr\$ 1,50 em todo o Brasil - 4 de Dezembro de 1943



Winston Churchill

mirage



...mais um passo — e um

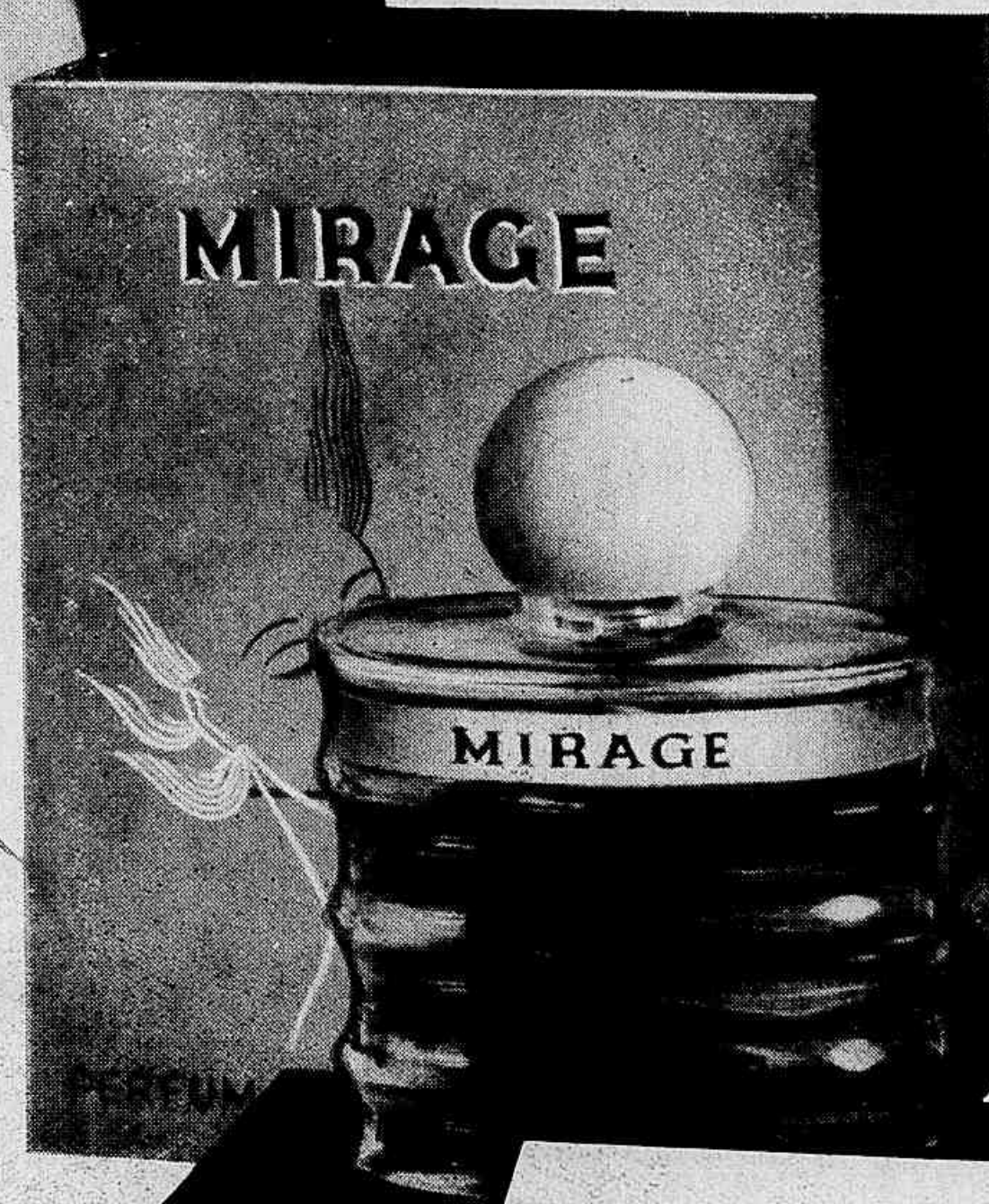
sonho tornou-se realidade.

Caprichosa fantasia, que

parecia sempre fugir, fugir...

está tão perto agora, foi

finalmente alcançada!



**-UM SONHO DE PERFUME
QUE REALIZA SEUS SONHOS**

UM PERFUME
ATKINSONS

Os telegramas, tão pródigos de há quatro anos a esta parte, de violências, horrores, catástrofes, misérias, trazem-nos, de vez em quando, um caso de simples doçura sentimental.

Não chegam, de certo, estes traços de psicologia suave a compensar-nos do sistema de pavores, angústias, atrocidades, desesperos que constantemente renovam aos nossos olhos o panorama do mundo. Além do mais, são raros. As agências de informações teem mais vultosa e mais urgente tarefa a cumprir, do que essa de registrar a troca de primores íntimos, o jogo sereno das correspondências em que se manifesta a harmonia dos corações... São escassas deveras as notícias puramente, simplesmente venturosas. Se, porém, não bastam para contrabalançar, na nossa sensibilidade, o espetáculo permanente e ainda cada vez mais tormentoso da guerra, benditas sejam, ainda assim, porque nos permitem respirar um momento com relativa desopressão e fazem que maravilhadamente nos surpreendamos a sorrir.

O sr. Lloyd George casou, a semana passada, com miss Frances Stevenson. Sorriamos tanto quanto possível consoladamente. E não deixemos de pensar, com um pouco de inveja, nessa lua de mel. O noivo tem oitenta anos e a noiva cinquenta e cinco. A felicidade da sua união está mais que assegurada. Vem de longe. Constituiu-se e consolidou-se lentamente, naturalmente, sem que, a bem dizer, nem o estadista nem a sua secretária dêssem por isso. A aproximação, o convívio frente a frente durante as melhores horas do dia: aquelas em que se trabalha; os deveres e preocupações de cada um, que continuamente se relacionavam, se completavam; o empenho de ser útil à sociedade e à nação, que, por mais ilustre ou mais obscuro, se impregnava da inteligência e se animava do esforço comuns — essa existência decorrida no ambiente das idéias, do labor, do sonho austero de bem servir e bem merecer, havia de irmanar as duas almas e, para mais cedo ou mais tarde, preparar o seu consórcio diante de Deus e dos homens, para o mundo e para a eternidade.

Marido e esposa agora, nem por isso se hão de compreender, se

Senhora Lloyd George



hão de amar mais ou de melhor maneira. Antes da lei e do sacerdote, a mão do Destino os unira e abençoara. As concepções do espírito que ele ditava e ela, na precipitação dos gatafunhos estenográficos, ia apanhando, para depois as converter na limpidez de gravura da cópia à máquina, valiam bem por uma escritura progressiva do matrimônio dalgum dia. Sobre a mesma folha de papel os dedos dela e a assinatura dele iam predestinadamente redigindo o documento superior em eloquência e valimento a todos os artigos do código mais consagrado. Assim o grande homem e a auxiliar modesta se identificavam por obra e graça da colaboração.

Não foi essa a razão maior que levou Anatole France a casar depois de velho também. No caso do filósofo artista que, nos domínios da arte pura, criou a filosofia de Monsieur Bergeret, tratava-se doutros motivos e outras afinidades. Mas ainda aí, por ter vindo tarde, não chegou o casamento fora de tempo. Serviu para regular os bens terrenos daqueles que não podiam marcar com idêntica precisão a sua presença na Terra. Interveio até no momento mais oportuno: quando o nobre pensador a quem essa condição não impedia de ser um grande amoroso, precisava de pronunciar, no sentido perfeito, as palavras de sentido superior a todas as outras

afeições e todas as outras solidariedades: "minha mulher". Já não trabalhava; já não podia acariciar com os dedos sábios e subtis as edições antigas em cujas páginas encontrara os seus verdadeiros amores doutro tempo; quase não distinguia as gravuras de museu nem as estatuetas gentilíssimas que se distribuíam pelas paredes, sobre os lambris, por entre os livros e as pastas da sua mesa de trabalho. Passava o tempo em repouso, em repouso cada vez mais largos, como a habituar-se ao definitivo descanso. Despertava levemente, de vez em quando, balbuciava "ma femme"... Até que adormeceu para sempre. Não é assim exatamente que o seu implacável biógrafo Brousson lhe descreve a passagem para a estreme glória. Aquela, porém, como quer que se formasse, surgisse sobre o seu derradeiro olhar para as coisas do nosso mundo, é a versão mais aceitável, a que devemos fixar e amar.

Minha mulher... Assim Rodin apresentava, no fim da vida, a singela, dedicada, celestial criatura a quem acabara dando o nome. Ela, porém, é que lhe não chamava marido. Tendo-lhe servido de criada e de modelo, permanecia no seu posto, e mantinha a dupla qualidade essencial de serva e devota. Por mais que os amigos do escultor miguelangellesco dos nossos dias a quizessem cercar de dignidade, Mme. Rodin se apagava e sumia nos cuidados domésticos que formavam o culto do seu ídolo. Desaparecia por trás das obras que continuamente andava preservando do perigo da passagem dos homens, da ofensa sacrílega do pó... Se alguma vez se mostrava aos olhos de estranhos, era para salvar a preciosidade que eles distraidamente ameaçassem, repor no lugar o livro ou o objeto que eles houvessem desarrumado. Assim diante dos outros, assim na intimidade. Nunca se dirigiu ao marido, nem para lhe dar o beijo do bom dia, sem dizer "Monsieur Rodin"...

Três mulheres, três esposas. A cada uma, em verdade, compete um poema. E', porém, a sra. Lloyd George, por se erguer diante de nós entre as ruínas e as pragas, em pleno pandemônio da guerra — é a esta que a nossa imaginação mais se compraz em revestir de sublimidade.



“A DANÇA DENTRO DA NOITE”

(Crônica de S. R.)

“Le pavillon des audiences
au clair de lune”

Entre dois acordes da espiritual e impressiva musica de Claude Debussy, num pavilhão branco sob o clarão do luar, Ida Lupino chegou mansamente — leve e sensível como um arrepiado de espumas. E tão alto, tão alto se encontrava que somente a amplidão azul de um céu noturno lhe servia de fundo de cenário. Na pontinha dos pés, entre as pilastras brancas reconstituídas talvez de algum canto de jardim ateniense, ela fremia, toda ansiedade de infinito, todo desejo de eternizar o efêmero na apoteose do movimento. Colombina — na inquietude e no dualismo do seu amor — o que a prendia à Terra, pelos sentidos, e o que a levava às paisagens distantes e inacabáveis.



das de um mundo estranho que se chama Poesia — ela se deixava levar pela sensação do presente. E se alguém lhe perguntasse o que é a Vida? responderia certamente: o movimento. O movimento harmonioso como uma combinação de cores, como um ajuste de sons, como uma continuidade emotiva, como o cair de uma estrela. E' a dança. Gestos que interpretam os ritmos. Gestos que sintetizam a musica imponderavel da Creação do Mundo. Algo que se parece com a sétima sinfonia de Beethoven.

O que é a Vida? E' a dança, é o movimento. E' o proprio Tempo que baila no ritmo dos minutos que não voltam.

E porque pensa assim é que Ida Lupino, a grande estrela da Warner, chegou ao pavilhão branco sob o clarão do luar, leve e sensível com um arrepiro de espumas. Chegou mansamente como só as borboletas sabem chegar. Mas um fotógrafo indiscreto da Warner bateu umas chapas e as distribuiu pelo mundo para a delicia dos seus "fans".

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.\$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica, constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o preço da capa.

Casada ou Solteira

Quando levar uma queda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma noticia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação destes importantes órgãos útero-ovarianos use **Regulador Gesteira**. Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas.

Use **Regulador Gesteira**

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, sensação de sufocação, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, peso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

Q número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

Sessenta e nove anos! Winston Churchill é um dos muitos desmentidos que a realidade pratica opõe às teorias que pretendem fixar a idade compulsoria dos homens. Ele está provando ao mundo inteiro que, nesta altura de sua já longa e atribulada existencia, não perdeu a vitalidade, não perdeu o ardor de agir e sim apurou, no cadinho de uma experiencia completa, todas as características que marcaram a sua mocidade de lutador irrequeto.

A' primeira vista, pode parecer muito estranho que esse homem, aos 69 anos, após um viver logicamente cansativo

e extenuante, esteja bem vivo para o desempenho da missão que, não apenas a Inglaterra, mas também o mundo lhe confiaram; entretanto, uma reflexão mais demorada nos levaria a afirmar que o organismo de Churchill estaria hoje envelhecido de tédio se não tivesse encontrado em tantissimos embates o proprio alimento que solicitava para viver normalmente. Temperamento de luta, é nesse ambiente que ele se sente bem e por isso é tão à vontade que Churchill vem se mantendo como timoneiro imperturbavel dentro no torvelinho desta guerra imensamente grande.

Do tamanho da Inglaterra, Winston, em pleno vortice da tormenta, foi digno dos ingleses. E a humanidade não esquecerá seu nome.

Felicidades, Mr. Churchill!

As artes têm terminologia, a da pintura copiosa, com palavras de uso corrente ou só de emprego entre oficiais do ofício. Na terminologia da pintura tres vocabulos sobresaem e são de conhecimento vulgar: pincel, palheta e cavalete. Cada um desses objetos tem serventia propria, o cavalete a sustentar triangularmente a tela, o pincel a buscar na palheta as cores com as quais a mão do genio ou do talento produz a obra prima ou a notavel.

Cavalete, pincel e palheta humilham-se a serviço da mediocridade, geradora do que em português se diz *bóla* e em francês *croûte*.

Nossos artistas coloniais tiveram por amigos velhos e auxiliares de subsistencia o cavalete, o pincel e a palheta. Com eles, no seu meritorio autodidatismo, trabalhavam para os templos ou para particulares desejosos de constituirem galerias de familia, retrato a retrato. Dessas galerias de antepassados, em primorosa poesia, Gonçalves Crespo, em *O Minueto*, deixou pintura inesquecivel, em sala nobre pondo a descer de quadros e a viver por momentos uma série de figuras caracteristicas de uma sociedade: um cavalleiro armado no campo de batalha; um doutor em canones, cruz de Cristo ao peito; uma donzela de noiva, por desgosto de amor passada a freira; uma acafata de corte, de olhos azuis e louro cabelo, de côlo robusto e nú, de rosto acerejado.

Venham agora aqui à lembrança de passado alguns que com cavalete, pincel e palheta trabalharam quadros no interior de oficinas ou na camara aberta da Natureza.

EL MUDO

Apareça primeiro um célebre, dessa Espanha tão devota da grandiosidade. Enriqueram-na escolas de pintura, em Madrid, Valencia, Toledo e na Andalusia, avultando as quatro por artistas de primeira ou quasi primeira ordem.

Figura singular sobresaem na velha pintura espanhola: a de Juan Fernandez Navarete, surdo-mudo de nascença. No tempo, bem antes do padre de l'Epée, um monge beneditino, Frei Pedro Ponce, emprehedia a educação especial do surdo-mudo. Era em 1570, e Epée fundaria escola para privados de palavra e audição só no século XVIII. Não ha diminuição de benemerencia, sim justiça de precedencia. Surdos a paixões, os mortos são mudos para ciúmes.

Armado de carvão, ainda joven, El Mudo, ou Juan Fernandez Navarrete, entrou a copiar bem quanto via. Despertou atenção. Pertencia a familia abastada, e esta o mandou à Italia. Nela longamente vio muito de sua arte. A ingratidão da natureza não lhe fôra aos olhos.

Na Italia, El Mudo teve Ticiano por mestre. Bastava. Ao regressar à Espanha, El Mudo encontrou Felipe II a ornar o Escorial, a palavra assim grafada nos textos contemporaneos da construção do mosteiro.

Felipe II convidou El Mudo a trabalhar no palacio-convento em forma de grêlha para memoria do suplicio de S. Lourenço.

Pintor notavel, notado, cheio de encomendas, El Mudo, o protegido de Felipe II, alcançou saber. Lia, escrevia, versado em historia e mitologia, a fundo. Dele diria Lope de Vega: "Privou-me o céu do uso da palavra para que mais sentimento eu imprimisse às cousas da pintura. Não podendo falar conseguí que elas por mim falassem."

*"Que como no pude hablar
Hice que hablasen por mí."*

Contou a Espanha mais dous pintores mudos: Diogo Lopez, também El Mudo, e Pedro El Mudo, mas ambos na desgraça mutua nenhum sobrepujou Juan Fernandez Navarrete, este a 28 de Março de 1579 ido a tumulo em Toledo.

ULRICO STEFFEN

Entre nós, houve um artista a lembrar, em ponto pequeno, El Mudo espanhol, este a brincar com as dificuldades da arte, assim a de iluminar tela por tres luzes.

El Mudo, no Brasil, foi Ulrico Steffen. Quem era? Onde aprendeu? Onde e quando morreu? Interrogações tais são vulgares quando se quer saber de alguém.

Laudelino Freire adiantou sem certeza ter Steffen chegado ao Brasil em 1874. Em Dezembro do mesmo ano, por carta, ofereceu um quadro ao Asilo de Invalidos da Patria, por intermedio da Imperial Academia das Belas Artes. Representava a tela o conde d'Eu e seu Estado Maior nas vespertas da Batalha de Campo Grande.

Onde o quadro? Todas as cousas do mundo são pereciveis e o proprio mundo a som de trombete não escapará em massa ao vaticinio. Adiantando-se a isto os objetos desaparecem. Uns resurgem, outros mesmo pesados são volateis ou volatilisaveis, neste caso sumidos para sempre.

Adianta ainda Laudelino ter Ulrico Steffen sido assiduo em trabalhos apresentados nas exposições publicas no Rio de Janeiro e nelas premiado.

PALHETAS E PINCEIS

ESCRAGNOLLE DORIA

As informações sobre Steffen formam filete. Sem engossal-o digamos o retrato a especialidade de Steffen. Na época do artista, no Rio de Janeiro, era o retrato o genero mais lucrativo para pintores, que de encomendas de outra especie por vezes não esperavam nem uma crosta do pão de cada dia.

A 2 de Dezembro de 1884 a Biblioteca da Faculdade de Medicina do Rio inaugurava Exposição Medica Brasileira. A Faculdade expoz bastante, muitos retratos de lentes, bustos, estampas. Steffen pintou o retrato de oito professores, entre eles Manoel Feliciano, Candido Borges, Freire Allemão, Jobim, Feijó, Valladão.

Qual El Mudo espanhol, guardadas as proporções, Steffen, não podendo falar, applicou-se no fazer as cousas falarem por ele.

SOUZA LOBO

Após um pintor estrangeiro outro bem nacional. Antonio Araujo de Souza Lobo, nascido em Campos de Goitacazes, a 26 de Fevereiro de 1840, veio a estudos na Academia Imperial das Belas Artes, posta no edificio arquitetónico de Grandjean ao flanco do Tesouro Na-



Souza Lobo — auto-retrato.

cional. Tesouro também era a Academia, pelos artistas que formou, pela sua pinacoteca, organizada, enriquecida e mantida no mesmo local por muitos anos.

O artista vale por si mesmo e também por seus mestres, a qualidade dos guias concorrendo para a valia dos encaminhados. Augusto Muller, Agostinho da Motta, Vitor Meirelles, Carlos do Nascimento, Costa Miranda foram guias de Souza Lobo.

No curso academico foi ele aluno assiduo e premiado, coroados seus esforços pela grande medalha de ouro, tanto mais ambicionada quanto menos concedida.

Oficialmente habilitado, Souza Lobo procurou cultivar tres generos de pintura, o historico, o paisagista, o do retrato. Qualquer das especialidades encontrava óbices. Para avultar a pintura historica demanda espaciaes telas, grandes temas, embora Meissonier no seu 1814 tenha conseguido produzir funda impressão em quadro pequeno. Telas espaciaes e caras, abundantes temas historicos, tudo difficil no Brasil.

Neste não faltavam paisagens, se minguiavam compradores aos paisagistas. A guerra do Paraguai histori-

camente inspirou artistas. Souza Lobo pintando a *Tomada do Forte de Itapirú*, quadro adquirido por um particular, o Sr. Costa Carvalho. Outro quadro, *O Bombardeio de Itapirú*, foi comprado pelo barão do Jaceguai, homem de guerra nos casos de apreciar um bombardeio em tela.

Discipulo aproveitado de Agostinho da Motta, Souza Lobo atirou-se à paisagem, pintando a *Vista da Bahia do Rio de Janeiro*, tão de enlevo a pintores e suas tintas quanto a escritores que no estilo podem achalas.

São bastantes os retratos de Souza Lobo. Distinguem-se pelas fidelidade na reprodução e pela minuciosidade dos accessorios. No *Auto-Retrato*, obra de sua velhice, o artista mostrou-se fiel a si mesmo. Não procurou retocar senetude e na simplicidade da reprodução do eu imprimio-lhe um desses toques tão familiares a pintores flamengos nas suas figuras bonacheironas, a dessas creaturas aceitissimas de todos, acolhedoras sem acepção de pessoas.

Outrora e hoje as corporações pias valeram e valem a artistas de todo genero, chamados ao ornato de templos, a serviço de preservação ou reparo do que eles contém.

Nos templos historicos nossos, muitos agora apenas vivendo na tradição, trabalharam o pintor, o escultor, o entalhador, o ourives, este produzindo as maravilhosas lampadas de prata suspensas ao tecto das igrejas para que no seu grande peso conténham a pequenina luz mantenedora do lausperene.

De Souza Lobo, em igrejas cariocas, se encontram trabalhos de pintura. Assim no templo de N. S. da Lapa dos Mercadores. Nele alem de imagens de santos, Santo Antonio e S. Narciso, figuram quatro pequenas pinturas na capela mór a recomendarem a palheta e o pincel de Souza Lobo. Do lado da Epistola o artista representou, com muita poesia, a Fuga da Sacra Familia para o Egito e a Visitação de N. S. a Santa Isabel. Da parte do Evangelho deixou Souza Lobo as cenas do Casamento da Virgem e do Natal de Jesus adorado pelos pastores.

Qualquer das quatro télas é tratada de modo a prender atenção e a merecer elogio. Já o deram artistas de renome, alguns sorpresos ante a obra de um pintor fiél às lições recebidas dos que no seu tempo mais sabiam de arte, eles considerando reprobos os que hospedes em desenho queriam pintar. A arte tem sua teratologia.

Muitos artistas guardam para si o que entesouraram na experiencia. Outros prodigalisam ensinamentos, mostram caminho a principiantes. Souza Lobo foi destes desprendidos do vicio capital do egoismo.

Durante uns pares de anos, fundado no principio da rua do Senado, teve sede e procura uma especie de pequena academia de Belas Artes. Chamava-se, um pouco helenicamente, Acropolio. Dividia-se em tres seções, cada qual dirigida por pessoa idónea. A seção de Arquitetura estava a cargo do arquiteto José Rodrigues Moreira, a de escultura dirigia-a Almeida Reis, a seção de pintura e desenho confiada a Souza Lobo.

O Acropolio foi centro de artistas. Frequentavam-no não só para se fornecerem de cousas atinentes às suas profissões como para comercio de estima ou troca de impressões, preferivel banir do Acropolio o espírito de critica tão caro aos que louvam pela frente esperando que o louvado dê as costas. No genero ha profissionais tristemente insignes.

De Souza Lobo só a bondade, porem, irradiava, ele incapaz de um motejo, de uma perfidia. Sendo um bom, todos para ele eram bons e se as decepções o faziam cair das nuvens pela ilusão renovada preferia remontar a elas a descrêr de todos.

Vivendo longevamente era natural que Souza Lobo se fosse tornando menos conhecido e menos apreciado de novos. Deles e de seus modos de sentir arte era também natural se fosse alheando o velho artista.

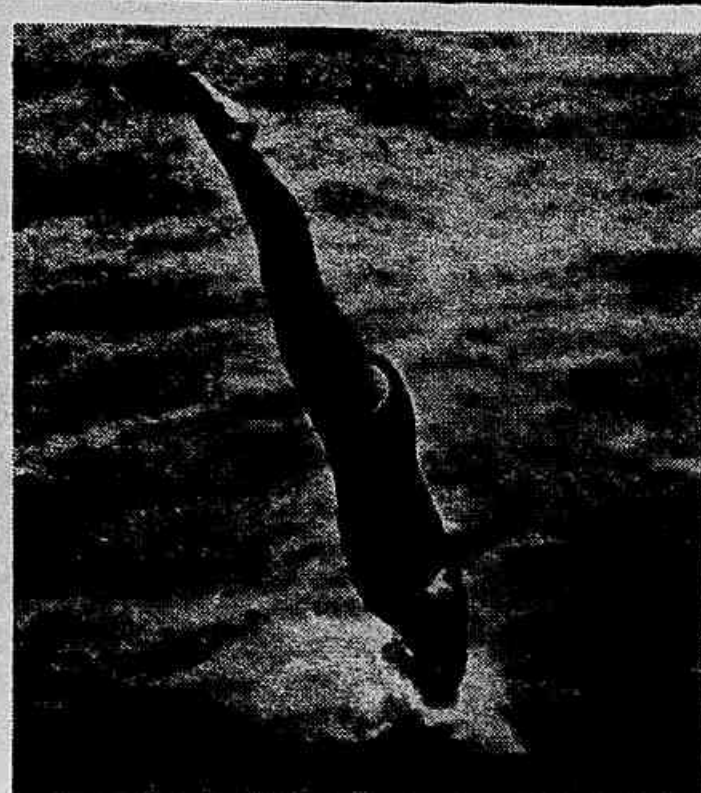
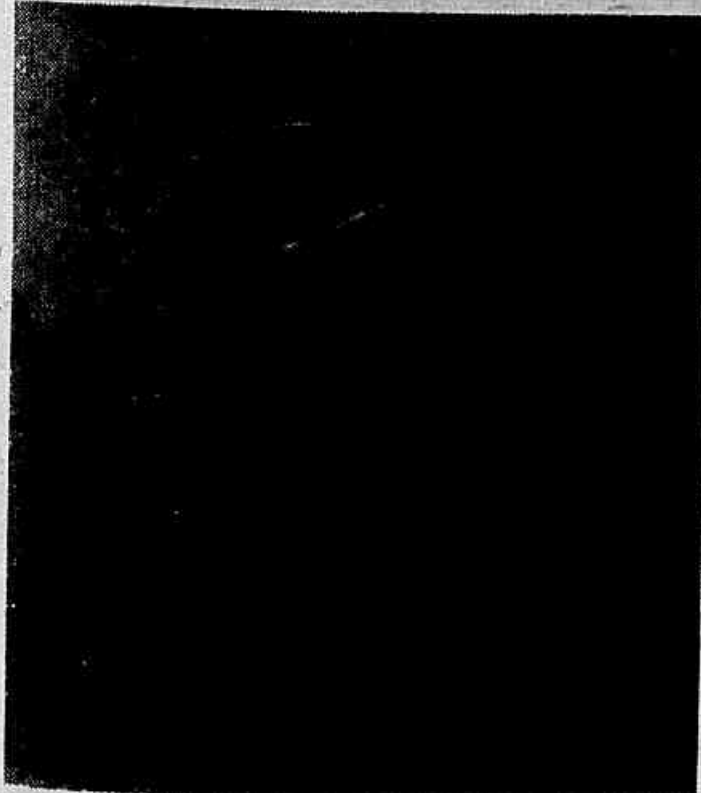
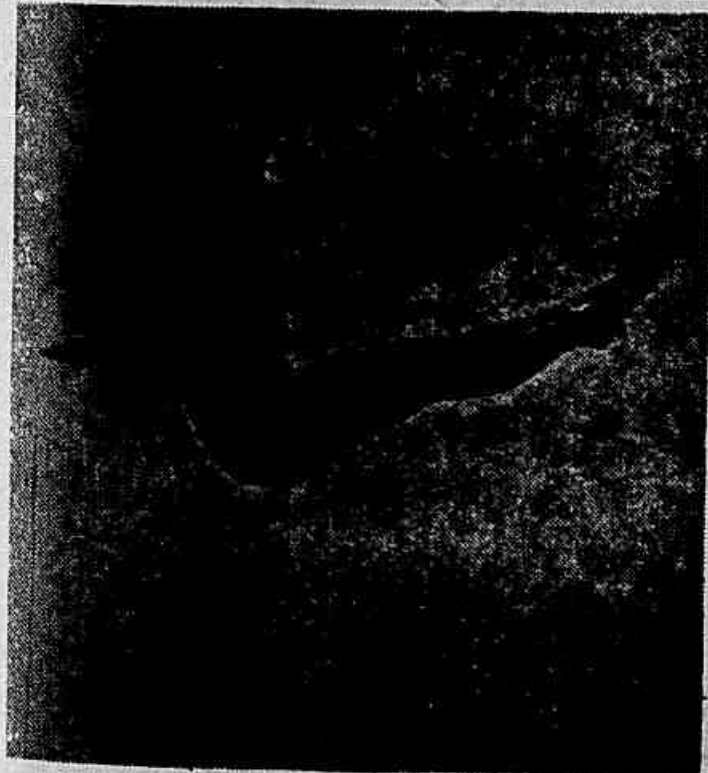
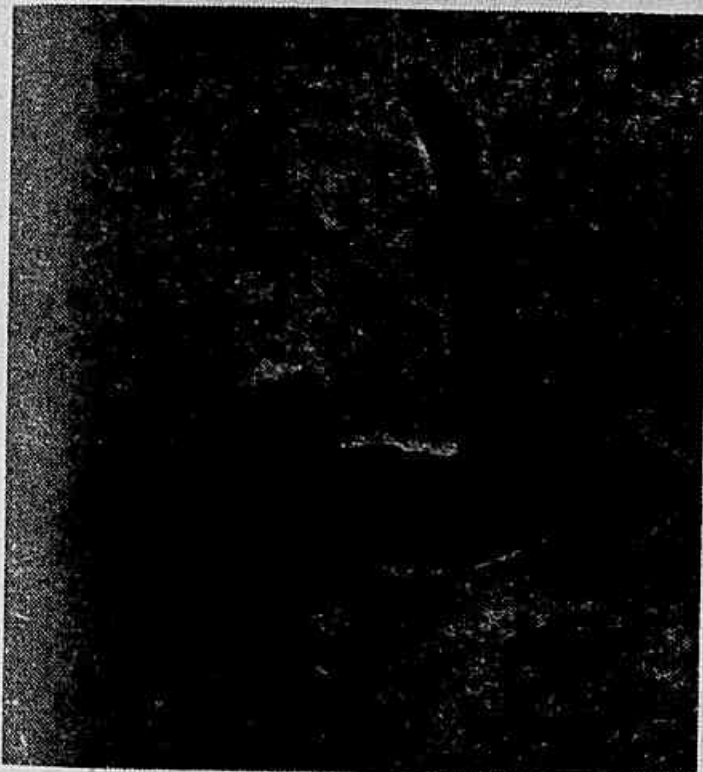
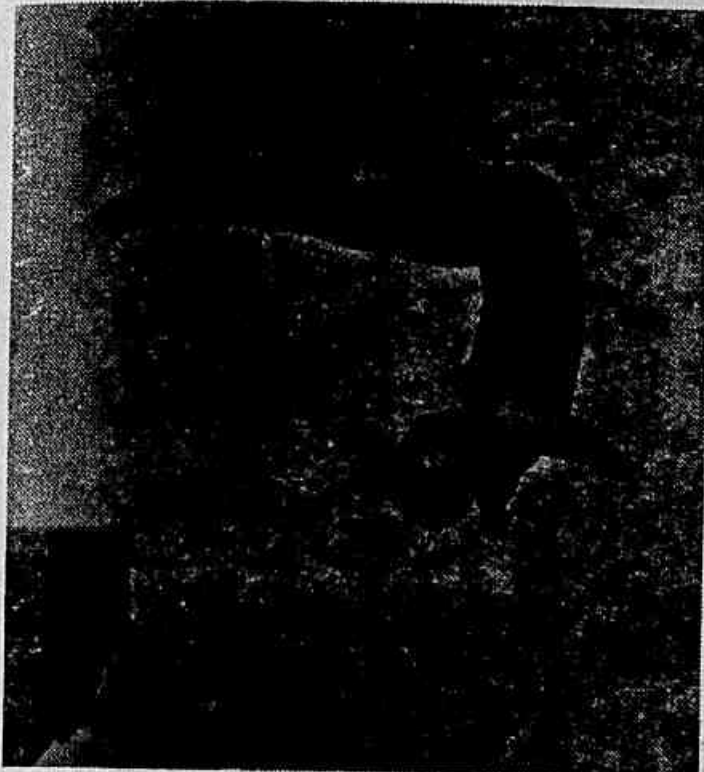
Buscou a companhia de poucos, a de alguns mestres e condiscipulos de sua geração. Assistido pela amizade de seu amigo e medico, o dr. Miguel Pereira da Motta, foi esperando fim á filosofica, admirando sempre o que no seu conceito era arte. Extinguia-se em 1910. Não disse se do mundo levava saudades, mas aos que o conheceram de perto as deixou.

MERGULHOS ARTÍSTICOS

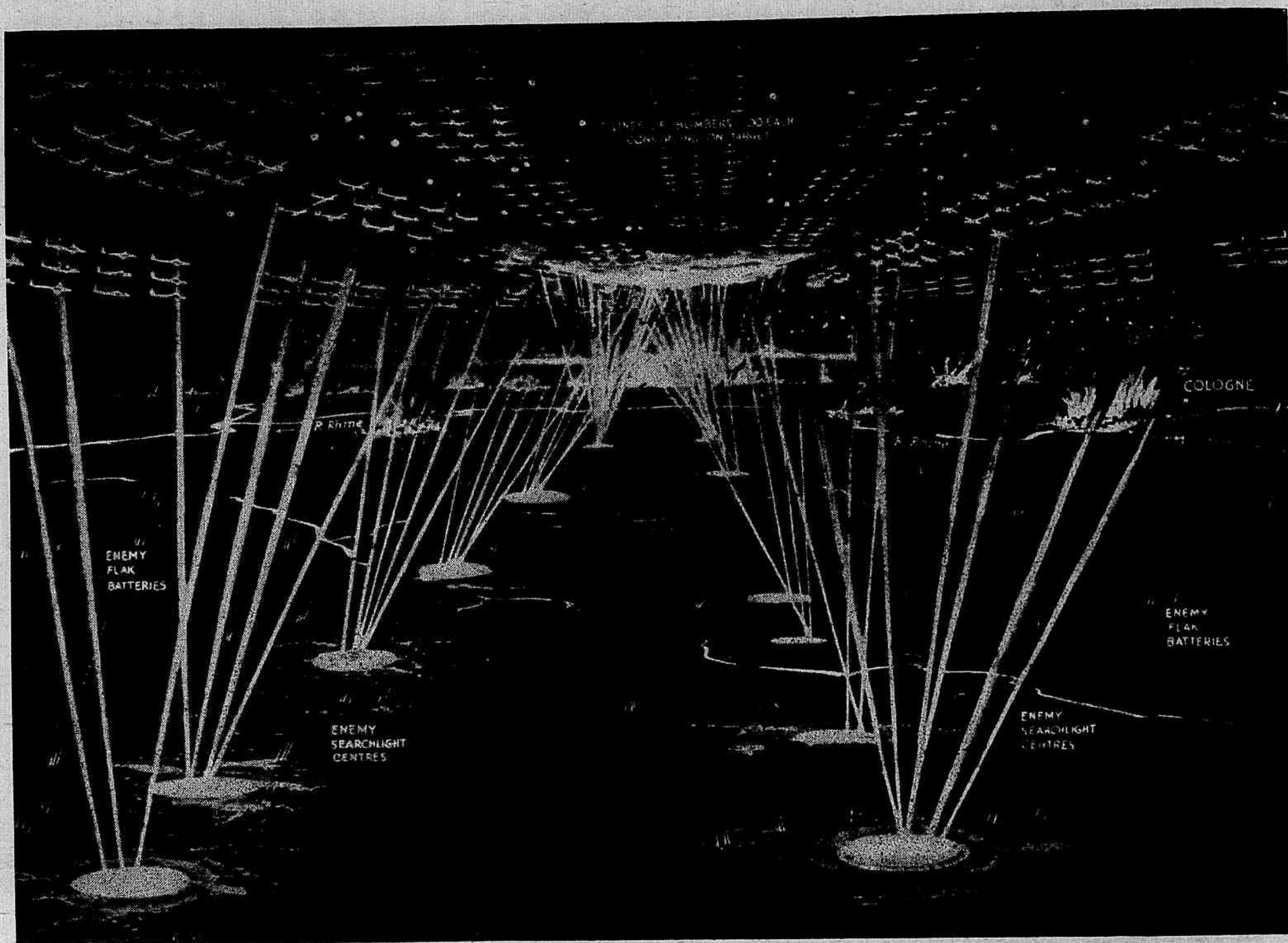
Verão, as férias, a praia ensolarada... e a mocidade sonha com o dia em que, na beirada de um trampolim elevado sobre as águas, acima da multidão que contempla extasiada, possa num salto preciso e gracioso, cortar as águas como uma gaivota. Muitos, naturalmente, não conseguem mais do que um desajeitado pulo e uma desastrosa "barrigada".

O encantamento da idéia, porém, nunca os deixará completamente. Continuarão fascinados, olhando com admiração para os campeões que passam superiores. É preciso incrível perícia e treino prolongado para atingir a simplicidade num mergulho impecável ou no salto mortal duplo, pois o corpo deve ficar em equilíbrio perfeito.

Nas fotografias pode-se observar o controle e o relaxamento dos músculos.



Bombardeio em massa sobre



CONCENTRAÇÃO DAS DEFESAS INIMIGAS NO RUHR. Inumeráveis holofotes e canhões anti-aéreos espalham-se no terreno, enquanto os caças noturnos enxameiam no ar. Nossos bombardeiros aproximam-se do Ruhr em sete linhas de 100 aparelhos cada uma: à direita distinguimos Colônia, o rio Reno serpenteia à esquerda, e mais afastado está o coração industrial da Alemanha.

A impressão causada às tripulações dos aviões atacantes pelos bombardeios em massa à região do Ruhr.

VISANDO salvar os seus grandes centros de armamento no Ruhr, os Germanicos parecem concentrar todas as suas defesas disponíveis neste importante distrito. Nossos pilotos notaram que em seus recentes "raids" tiveram que abrir caminho através da mais compacta barragem. Centenas de holofotes auxiliavam a pontaria inimiga; além disso enxames de caças noturnos atacavam os nossos bombardeiros (os Germanicos declararam recentemente que só no Ruhr estão concentrados 1.100 aparelhos). Estes aparelhos atacam continuamente os bombardeiros, desde o momento em que eles cruzam a Mancha em suas jornadas até que eles recruzam o Canal em sua viagem de regresso.

Como um exemplo do que suportam os nossos bombardeiros aqui vai a descrição feita por um piloto que tomou parte num recente "raid" a uma cidade do Ruhr, onde mais de 700 bombardeiros — a maioria quadrimotores — tomaram parte.

A operação foi levada a efeito numa das noites mais curtas do ano. Os aparelhos não levaram mais de quatro horas para atingir seu objetivo, realizar o bombardeio e regressar antes da alvorada.

Entretanto, não havia escuridão absoluta pois uma lua fazia da noite um verdadeiro paraíso para os combatentes.

AS APÁVORANTES DIMENSÕES DO ÚLTIMO TIPO DE PLANADOR NAZISTA. Este é um dos monstruosos planadores nazistas abatidos na campanha da Tunísia onde tiveram um papel tão importante. Numerosos planadores desse tipo, foram abatidos sobre a Sicília, onde procuravam reforçar o derrotado Afrika Korps. O exemplar ao lado foi encontrado quando as tropas inglesas entraram na cidade de Tunis. Ele foi destruído pelos nazistas em fuga.



e a Alemanha



O BOMBARDEIO DE WUPERTAL. Uma impressão da cena no estreito vale, distinguindo-se Barmen e Eberfeld. Nesta ação noturna, vaga após vaga de grandes bombardeiros aproximam-se do objetivo. Esta fotografia mostra-nos um Lancaster em vôo baixo quando iniciava a viagem de regresso.



BOMBARDEANDO UM NINHO DE CAÇAS NAZISTAS PERTO DE BREST. O aeroporto de Brest é usado como base para os caças da Luftwaffe; o campo foi atacado pelos bombardeiros Mitchell da RAF (escortados por caças), á luz do dia. Nesta fotografia tomada de um dos aparelhos atacantes, podem ser observadas cerca de 30 explosões. Observem a concentração do bombardeio no hangar á esquerda, quasi inteiramente destruído. Uma das bombas caiu na pista de aterrisagem e duas fileiras de oito bombas cada uma, explodem no campo.

Ao se aproximarem, os primeiros bombardeiros viram o imenso cinturão da defesa do Ruhr entrar em ação.

Os holofotes e os grandes canhões entraram em ação, abriram fogo e as equipagens puderam observar centenas de holofotes varrendo os céus.

Quando os nossos homens atacaram o grande centro produtor de aço de Krefeld; os feixes de luz dos holofotes entraram em ação, mas havia no céu mais caças noturnos do que usualmente e muitos combates tiveram lugar sob o brilhante luar.

"Até bem pouco tempo, as barragens eram facilmente distinguidas", diz um piloto descrevendo as suas experiencias sobre o Ruhr. Agora é preciso voar através de um fogo continuo por milhas e milhas antes de encontrar algum alvo no Ruhr; As defesas anti-aéreas estão localizadas mais profundamente do que nunca, mas as nossas grandes concentrações tornam o fogo inoperante.

A INFLUENCIA DAS NUVENS NA EFICIENCIA DOS HOLOFOTES. Isto começa a se tornar um fator muito importante, agora que os nossos ataques são efetuados sob quaisquer condições atmosféricas.

O estado do tempo tem agora grande importancia, pois grande numero de ataques é efetuado em noites escuras. Nestas ocasiões a artilharia anti-aérea não é auxiliada pelos holofotes cuja luz não pode furar o teto. Assim sendo os canhões atiram cegamente e os pilotos notam que os projéteis parecem cobrir o céu sobre a cidade atacada. Observam os nossos pilotos que, terminado o "raid" as nuvens refletem o clarão de enormes incêndios. Eles nunca vêem suas bombas explodirem, pois as nuvens difundem os jatos brilhantes dos holofotes.



Para a mãe e o filho



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas", em seus grandes mostruários anexos às oficinas, à rua Melo e Souza n.º 100/10 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para residências e escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

PENSAMENTO

Os homens são como os algarismos: valem conforme a posição que ocupam.

NAPOLÉÃO

Se é
tão fácil obter as
**PILULAS DE
REUTER**
por que conti-
nuar a sofrer
do estomago?



NUMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NA BAHIA

Pedir a ALFREDO J. SOUSA
Rua do Colegio, 8 — Salvador

SABÃO
TIMBOROL



ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

Encapelações femininas



Estilo "tampinha"



"Tampinha equilibrista"



Cartolinha



Dôr de cabeça



Côifa africana



Solidêu enpenado. Essencialmente agrícola. Saudade da vovó...

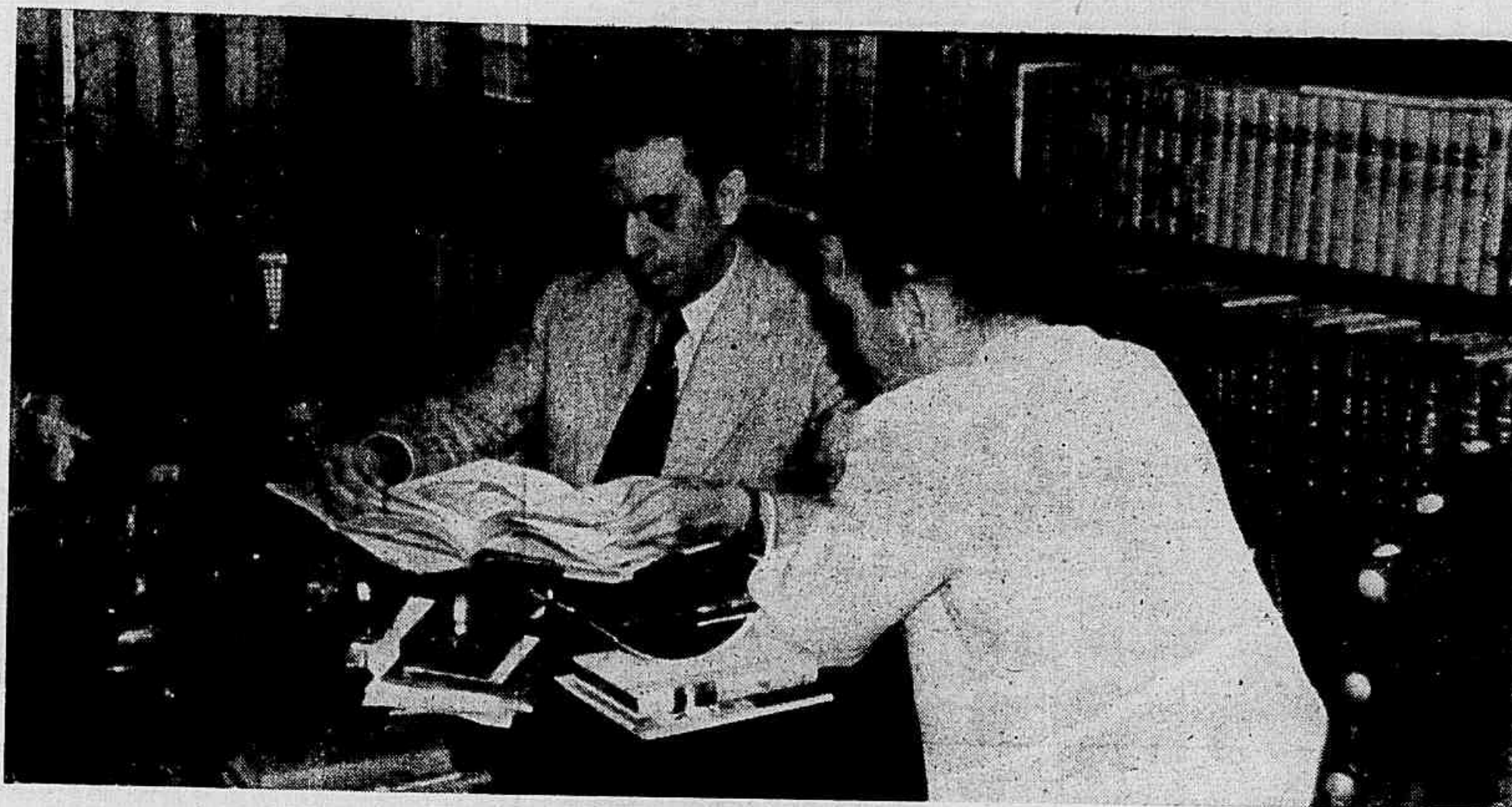
RAUL

FALA AFONSO DE CARVALHO

Uma duzia de perguntas prontamente respondidas - A poesia não morreu.

Reportagem de MOACIR SIMARDI

De há muito que o reporter vem notando a frequencia de uma afirmação que, se a principio não conseguia sequer fazer rir, vai ganhando com o passar dos dias foros de verdade, embora quase não haja revista ou jornal que deixe de reservar, mesmo modesto, um cantinho para versos dos poetas de hoje e de ontem. Versos talhados a buril, no velho gosto parnasiano, e poemas em estrutura de cimento armado. Tanto uns como outros são aceitos e combatidos. Não compreendem os novos, os modernistas, esse apego, esse renitente culto pelo classicismo e pelo verso "dobrado ao geito do ourives..." Poderia ficar bem, não discutem, com longas cabeleiras, olhos pisados na boemia ruivosa das noites quando se afogavam em bebidas e largos gestos declamatórios as infidelidades da inspiradora definitiva e que de pronto era substituída. Mas não agora. Falta-lhes a sombra propícia e acolhedora dos "longos beirais coloniais" e a luz mortífera dos lampeões. Hoje as avenidas se rasgam amplas, inundadas de sol e os edi-



Um momento da entrevista na residência de Afonso de Carvalho, na Urca, onde o bom gosto chama a atenção de quantos são recebidos pela fidalguia do cidadão, do poeta, do escritor. A livreria é notável por todos os motivos.

fícios crescem para o céu, pondo silhuetas enormes em todos os horizontes.

Por outro lado as criticas que se fazem aos modernistas não perdem em intensidade. O Sr. Eloy Pontes desaruma os versos dos poetas que lhes caem nas mãos e por vezes concede que se trata de...prosa, bem ruim é verdade.

E, como sempre acontece, em meio das discussões resultantes das diferentes atitudes e opiniões, aparecem os "terceiros" para atrapalhar um pouco mais ainda:

— "A poesia morreu, meu velho. O que o publico quer é coisa bem diferente. Não ha mais tempo para versos, disciplinados dentro do metro e da rima, nem para esses "quilométricos" disparates que certos poetas teimam em chamar poesia."

Foi a proposito de afirmações como esta que resolvemos procurar Afonso de Carvalho. Era tambem uma oportunidade de rever um velho companheiro aqui da casa, secretario que foi da REVISTA, por quase dois anos, e que agora acaba de publicar as suas "Poesias".

Estivemos na Fortaleza de São João, quando o Tenente Coronel Afonso de Carvalho, seu atual comandante, presidia à cerimonia da formatura de seus soldados nas festividades do dia da Bandeira. Dissemos da nossa vontade de manter uma palestra e aclarar os palpites sobre os "funeraes" da poesia... E Afonso de Carvalho nos diz:

— Dê um pulo até minha casa, amanhã, aí por volta das onze. Lá conversaremos melhor.

Pedimos licença para um flagrante e no dia seguinte esperava-nos o poeta, para a prometida entrevista. O reporter foi direto ao assunto:

— Comenta-se a morte da poesia...

Afonso de Carvalho intervem para afirmar de pronto:

— A poesia não morreu, nem morrerá. E creio que nunca houve tanta solicitação aos bons livros de versos como atualmente. Pelo menos é o que dizem os livreiros. Varias editoras têm feito publicar as obras completas de Castro Alves, Fagundes Varela, Casemiro de Abreu e de outros poetas de igual cul-

minancia, e grande tem sido a procura.

— Mas se trata, no caso, de nomes consagrados. De poetas que recebemos como preciosa herança e de quem ouvimos falar desde os bancos escolares. E cujos versos citamos envaidecidos em muitas cartas às meninas da provincia, nos muitos namoros da adolescencia.

— E' verdade. Quanto aos poetas novos há, de fato, um retraimento do publico, mercê da confusão estabelecida no Parnaso brasileiro, pelos chamados modernistas. A geração passada, com poetas da altania de Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, a "Sentissima Trindade" da nossa poesia parnasiana, e ainda Vicente de Carvalho, Hermes Fontes, Amadeu Amaral, Humberto de Campos e outros constituiu um verdadeiro império de esplendor poetico.

O nosso entrevistado toma uma atitude forçadamente séria e pergunta ao reporter com ar professoral:

— Que foi mesmo o que determinou a queda de Roma?

— Estamos certos de que os Barbaros...

— Pois é isso. A invasão agora foi dos modernistas. Chegaram furiosos, iconoclastas, com a embriaguez da destruição do classico e dos cânones literarios já consagrados.

Afonso de Carvalho interrompe por instantes o que nos vinha dizendo, enquanto ri à lembrança de alguns "versos" que já fazem parte do anedotario carioca; e logo depois continua:

— Alguns deles levaram a coisa a sério e quizeram neste chão de glórias construir alguma coisa nova, retirando as pedras do caminho... Outros, à mingua de talento, mas na opulencia do cabotinismo, preferiram armar um circo, em cujos trapézios os palhaços de vez em quando dão umas cambalhotas excéntricas para gaudío do humorismo nacional.

— Mas poeta... muitos desses li-

(Continua na pag. 14)



Afonso de Carvalho não dispensa a companhia de Veludo, um legítimo pequenez que trouxe da sua viagem a Portugal, cerca de dois anos atrás.

Roténol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO

Alívio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Si V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoríasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc..

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA



...nos tons ardentes do **BATON COLGATE!**

PRENDA na armadilha de seus lábios embelezados com Baton Colgate, os beijos do seu bem amado... Torne seus lábios mais provocantes... mais irresistíveis e... muito mais *beijáveis!* O Baton Colgate importado da América é feito com KARANÚVA, supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas! Use, desde hoje, Baton Colgate. Experimente, especialmente, o encanto inigualável da nova cor da moda: Vermelho Amazonas: exclusiva de Colgate!

**O coração bate...
com BATON COLGATE**

PRISÃO do VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM OS ÍNTESTINOS SEM TORTURA-LOS

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luís Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

Livros

UM MUNDO SÓ, por Wendell Willkie, tradução de Monteiro Lobato — São Paulo, 1943.

Eis aqui, no mais alto sentido profissional e literário, uma reportagem. Para a efectuar e poder tirar dela matéria para este amplo volume de duzentas e cinquenta páginas, gastou o autor cinquenta dias e percorreu de avião mais de trinta mil milhas. Esteve no norte da África, no Oriente Médio, na Rússia, na China. Por toda a parte observou, investigou; consultou os homens e penetrou até onde possível os costumes; entreteve conversações mais ou menos longas com dirigentes políticos e com chefes militares; confrontou as noções que levava com os espectáculos e as questões que de perto e directamente se lhe apresentavam; e de tudo nos fala agora, com a lealdade, um tanto rude às vezes, de que sempre nos seus discursos de campanha política ou de debate parlamentar deu prova, e com o empenho veemente, ardente, que também sempre se lhe reconheceu, de acertar.

Todos nós, pelos telegramas das agências, tivemos conhecimento dos comentários e não raro bem severas críticas do Sr. Wendell Willkie à acção dos Estados Unidos e dos Aliados, desde o princípio da Guerra. De certo as suas concepções, do ponto de vista geral, se não alteraram, porém, com mais amplas bases e uma orientação mais segura que ele nos transmite nestes capítulos a sua maneira de compreender e sentir os acontecimentos e os problemas relacionados com aquilo a que chama "uma Guerra de Libertação". Assim ele nos diz gravemente:

"Tive oportunidade de voar ao redor do mundo em meio da guerra, de falar com centenas de pessoas de uma dúzia de nações, de tratar intimamente com muitos líderes mundiais. Foi uma experiência que pouquíssimos cidadãos tiveram — e não a teve nenhum daqueles líderes. A corrida deu-me novas convicções e fortaleceu-me algumas antigas. Essas convicções não são meras esperanças humanitárias; não são apenas idealísticas e vagas. Baseiam-se em coisas que vi e aprendi de primeira mão, e sobre idéias e opiniões de homens e mulheres, importantes ou anônimos, cujo heroísmo e cujos sacrifícios dão sentido e vida aos seus pensamentos..."

O SERVIÇO EM CAMPANHA NA ARMA DE CAVALARIA, por Antônio Pereira Lira — Rio de Janeiro, 1943.

É o "livro do cadete, do aluno do C. P. O. R. e do graduado de Cavalaria". E trata-se, sem dúvida, duma obra superiormente organizada e levada a cabo, porque a opinião do Ministro da Guerra, general Eurico Dutra, e os pareceres do Estado Maior do Exército, da Inspectoria da Arma de Cavalaria e da Diretoria de Cavalaria não podiam, dentro da gravidade das fórmulas disciplinares, ser mais explícitos nem mais honrosos.

O capitão Antonio Pereira Lira orientou o seu trabalho entre os modelos do catecismo e do dicionário. Para corresponder mais aproximadamente àquele faltam as perguntas sacramentais, aqui realmente — como em tantos compêndios modernos — desnecessárias; para seguir o segundo, cumpriria observar a ordem alfabética, que neste caso determinaria embaraços e complicações. O sistema adotado parece, com efeito, ser o mais prático e em todos os sentidos o melhor. O autor procedeu por definições que partindo das noções mais rudimentares do aprendizado se encaminham até às circunstâncias e às questões em que se completa este curso de arte militar. No capítulo inicial "Conhecimento do terreno" se esclarece tudo o que diz respeito a formas e aspectos, elevações, planícies e depressões, vegetações, lugares habitados, águas e acidentes respectivos, vias de comunicação etc. Acompanhamos mais detidamente as primeiras quarenta páginas; nelas se encontram, além de notas paralelas ou complementares, mais de trezentas definições. Por aqui se vê com que atenção e rigoroso empenho elucidativo o autor atende às minúcias de cada ponto da doutrina. E pelas tres partes do volume, que vai a quatrocentas páginas e oferece numerosas gravuras, tudo está exposto com precisão e clareza exemplares.

DOZE SONETOS E UMA CANÇÃO, de Marcell Mathias — Rio de Janeiro — 1943.

Esta plaquette ligeira nos traz uma bela revelação. Vem nos dizer que o sr. Marcell Mathias é um poeta. Não nos envergonha dizer que lhe ignorávamos essa qualidade, porque de certo pouquíssima gente a conhecia. Tem agora que aliar à pessoa do Secretário de Embaixada a individualidade dum rimador excelente. Com efeito o sr. Marcell Mathias não é literariamente apenas um diplomata *qui taquine la muse*. Tem o sentimento profundo, essencial da poesia; e sem dúvida não a exerce com menos convicção do que as fórmulas ou as diligências da Carreira. Para só citarmos um dos dezessets, escolheremos, por emção e gosto próprios, o *Relógio do tempo*, sem por isto o qualificarmos, em princípio, como superior aos outros:

Ha tres dias que só a chuva e o vento
Andam à minha volta e até parece
Que está parada a Vida... ou que se esquece
Do tempo. A terra, o mar e o céu cinzento

Novos

São os lúgubres munges dum convento
Em que o rumo das árvores dissesse
A litania duma extranha prece
Feita de imprecações e sofrimento.

O relógio da torre está parado...
Terá parado o Tempo? Sendo assim,
Por que vai, afinal, tão apressado

O relógio do Tempo que anda em mim
bater tão apressado
Tem tanta pressa de chegar ao fim?

O FENÔMENO MILITAR RUSSO, por J. B. Magalhães — Rio de Janeiro, 1943.

Foi intenção do autor do presente livro, esclarecer e explicar tanto quanto possível os motivos de que resultou a surpreendente ação dos exércitos da Rússia na guerra a que assistimos e que ainda não foi qualificada, porque, tendo a de 1914 — 18 obtido a classificação de Grande Guerra, não se sabe realmente que adjetivo, que superlativo esta virá a merecer...

A tarefa assumida pelo coronel J. B. Magalhães era importante e deveras necessária. Como pôde a nação moscovita enfrentar, deter, repelir enfim, como agora está repelindo, a força germânica que, no consenso do mundo inteiro, fatalmente a havia de esmagar? O único recurso, imaginava-se, que assistia à Rússia para evitar o aniquilamento, era a sublevação contra o regime existente e a sua substituição pela forma de governo que o inimigo — ainda assim generoso, altruisticamente — lhe indicasse. Assim, o mundo pensava e concluiu; e nesse geral engano era a Alemanha que nutria a mais profunda, mais ingênua ilusão. Está agora pagando caro, com a vida dos seus melhores soldados e ante a perspectiva do decalabro total os erros em que o orgulho da força, do saber, da superioridade em relação a todos os outros povos, a fez tão reiteradamente cair.

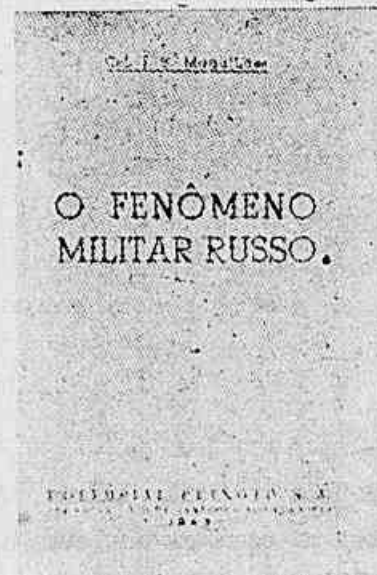
O coronel J. B. Magalhães não pretende, diz-nos ele próprio, "haver desvendado todos os segredos do que constitui a força militar russa" e muito menos espera que, ao cabo destas trezentas páginas, o leitor possa dizer: "sei o que é a Rússia". Vai, porém, estudar os problemas que a Rússia tem resolvido e de cuja solução resultaram o seu poder e a sua glória de hoje. Para isso considera os seus elementos geológicos, éticos, históricos, sociais e políticos, com o prestígio que assumiram, as influências que através das épocas e até hoje exerceram. E, graças ao engenho da organização das matérias e ao estilo sem pretensões propriamente literárias, mas espontâneo, desenvolto e bastante claro, o ilustre militar nos leva sempre na sua companhia, atentos e agradecidos.

A obra, enriquecida com grande número de mapas, desenhos e fotografias, divide-se em sete partes, a saber: Que é a Rússia? — A Rússia e a Europa — A revolução bolchevista — A tradição militar — A formação e o desenvolvimento do Exército Vermelho — A prova da guerra — Conclusão geral. E há ainda um anexo: A luta na Rússia e as realidades da guerra — Stali grato.

MARINA, contos de Fernando Levisky — São Paulo, 1943.

É o penúltimo dos contos aqui reunidos que dá o título ao volume. Trata-se dum notícia de casamento do tipo mais usado, com os nomes dos noivos, dos pais dos noivos, dos padrinhos — e mais uma referência de três linhas à elegante recepção após a cerimônia da igreja. Nada mais si-gelo, com efeito, nem mais de todos os órgãos da imprensa diária. Dezenas de milhares de indivíduos leram aquela local ou a abandonaram aos primeiros nomes, sem lhe ligar a menor importância. A um pobre rapaz, porém, causou ela uma emoção dominadora, incombível. Estava sózinho, a um canto de sala, sentado, como qualquer de nós, na poltrona dos repousos habituais; e de repente ficou fóra do mundo e da vida, porque tudo para ele acabara. Tentou reagir, raciocinar. Recordou conceitos de cientistas e frases de filósofos... Pensou nos amantes desgraçados que vivem nos poemas e andam nas óperas. E acabou tomando, em dose fatal, um entorpecente que, antes de o vitimar de todo, lhe proporcionou momentos de benignidade, doçura, reconciliação, e por fim lhe deu ao rosto "a expressão sublime de felicidade que só os mortos sabem serenamente ostentar".

Poderá parecer que este final de apaziguamento e ventura constitua uma espécie de convite ao suicídio... Tal não foi certamente a intenção do autor. Não estamos diante dum homem de letras pessimista e com a preocupação de tornar as outras pessoas pessimistas também. Nem o conto citado, por batizar o volume, influe na tendência ou no sentido das outras narrativas. O Sr. Fernando Levisky toma os assuntos como se lhe deparam ou lhe acodem, cuida sinceramente de os tornar o mais eloquentes possível pela intensidade comovedora, pela elevação do pensamento ou pela simples alegria. E justamente o último trabalho, que detalha os episódios dum passeio de camaradas, rapazes e moças de São Paulo à enseada santista da Bertioga, é do mais espontâneo, mais franco humorismo.



ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO



O grito lancinante de um homem
que sentiu toda a dor da sua raça!

Espetros da Intolerancia

Fernando Levisky

(da Academia de Letras de S. Paulo, da Academia de Ciências e Letras e da Associação Brasileira de Escritores).

Episódios marcantes do drama
multimlenar dos judeus, fixados
por uma pena sensível e sincera.

◆ Um livro que se lê.
◆ Um livro que se admira.
◆ Um livro que não se esquece.

A SAIR BREVEMENTE

EDIÇÕES E PUBLICAÇÕES BRASIL



Tenente-coronel Afonso de Carvalho, comandante da Fortaleza de São João, rumo flagrante feito no dia da Bandeira.

FALA AFONSO DE CARVALHO

(Continuação da pag. 11)

vros foram vendidos e ha quem aceite sem grandes restrições nomes do modernismo.

— Fruto da primeira entrada em cena. Mas o artificial é efemero. Isso tudo passará. E a poesia, eterna na sua verdadeira interpretação, continuará seu império de grandezas.

Fizemos um reparo sobre a feição materialista dos tempos que correm e o nosso entrevistado rebate:

— Não importa. Desde Homero, a humanidade vem sofrendo as mais desconcertantes mutações. E nem por isso a poesia deixou de existir. A força animadora, vital da poesia é o coração. E "o coração é o pendulo universal dos ritmos". Os temas, sim, têm variado. O que se canta na antiguidade classica não é, objetivamente, o mesmo que interessa aos bardos da Idade Média. Mas haverá sempre poetas para cantar a mulher e o amor. Isto porque os homens sempre têm coração e a vida é sempre cheia de sofrimento.

O reporter aproveita a oportunidade para perguntar sobre o ultimo li-

INSOMNIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!



Quando não é possível conciliar o somno, é porque os toxicos estão se accumulando no organismo, intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita a insomnia. Mas... só o Eno pôde produzir estes resultados.

'SAL DE FRUCTA' ENO

vro de Afonso de Carvalho, "Poesias", com ilustrações do artista patricio Alberto Lima.

— Incluí neste volume, fala-nos Afonso de Carvalho, toda a minha obra poetica, uma pequena parte extraída dos "Poemas Parnasianos" e outra constante de poesias até agora conservadas inéditas. São versos filiados à velha escola. Não quero evidentemente pertencer ao circo...

— Mantêm-se fiéis ao metro e à rima.

— Exatamente. Um critico já me chamou um "parnasiano retardatário." E Menotti del Picchia, referindo-se às "Poesias", acha que não transijo e me considera como a sentinela romana, que morreu incinerada no seu posto, quando da erupção do Vesuvio. Orgulho-me dessa fidelidade. A nuvem de cinza que o vulcão modernista fez cair sobre os modelos vai desaparecendo com o tempo. E os belos marmores da poesia pompearão em sua original beleza.

Fizemos uma pausa para um cafézinho e logo depois prosseguimos na palestra. Afonso de Carvalho lembra os seus primeiros trabalhos literarios, em "O Jornal", uma série de crônicas com

o titulo "Cartas ao Sr. Diabo", correspondencia essa, de que, felizmente, nos diz, não recebeu resposta. Por esta epoca escrevia tambem para a REVISTA DA SEMANA, crônicas, visando de preferencia o publico feminino.

Nesta altura o reporter pergunta, aproveitando as evocações do poeta, qual a impressão que lhe ficou do primeiro livro exposto nas montras das livrarias, e Afonso de Carvalho responde com uma apreciação mais geral:

— Não é nada agradável a impressão que me ficou dos primeiros livros — "Poemas Parnasianos" — Cartas ao Sr. Diabo, reunidas em volume e "Memórias Postumas dum Homem Vivo". Posso resumir-la assim: silencio da critica e encalhe nas livrarias. Mas não desanimei. E mais tarde com "1.ª Bateria, Fogo", experimentei o primeiro sucesso de livraria, aliás bastante rui-

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e ardida volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

doso. Seguiu-se o de "Capacete de Aço". Depois desses sucessos, os livros anteriores começaram a ser procurados, esgotando-se rapidamente.

Perguntamos a seguir qual o seu melhor livro e porque não havia escrito um romance com motivos tirados da caserna.

— O meu melhor livro: "Caxias". Quanto ao romance de que me fala, sei que o assunto é interessante e está a espera de um escritor. Mas, creio não ter nascido com essa predestinação.

O reporter deixara para o fim da entrevista duas perguntas difíceis, isto é, difíceis as respostas.

— Que acha da chamada pintura moderna?

— Um galinheiro colorido onde o portinarismo desova as suas produções. E Afonso de Carvalho olha o reporter, quase adivinhando o que, iam perguntar:

— Gostaria de pertencer à Academia Brasileira de Letras?

— ...se o gosto fosse reciproco.

PERFUME

Reve Rose

SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE!

EXTRATO Nº 1317
Nº 1330

PÓ DE ARROZ Nº 1350

COLONIA Nº 1300-F
Nº 1301-F

BRILHANTINA Nº 1312

LOÇÃO Nº 1320
Nº 1321

COLONIA Nº 1300
Nº 1301

EXTRATO Nº 1332 C/CX
Nº 1332 S/CX
Nº 1332-M

T. TERQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

A Semana da Economia

Uma tradição
da cidade

HA anos atrás era instituída pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro a "Semana da Economia", que trazia como principal e grande objetivo difundir no seio do povo o hábito salutar da poupança. Tão amplos e benfazejos propositos e a maneira pela qual foi lançado o utilíssimo certame, cedo lhe deram notável repercussão e angariaram prestígio, passando a interessar, mais de perto, as camadas menos favorecidas, que se beneficiavam com os seus ensinamentos e melhor os aproveitavam.

Destarte, cercada dos aplausos unânimes, de ano para ano a "Semana da Economia" se impôs no conceito público, à força dos seus princípios que defendia e propagava, mostrando aos perdulários e imprevidentes, como aos descrentes e pessimistas, e em muitos casos lhes proporcionando o ponto de partida, como é fácil e necessário realizar o *pé de meia*. Dos magníficos resultados dessa cruzada do bem, da considerável influência que exerceu no ânimo das massas, melhor falam o argumento das cifras e o esplêndido surto de prosperidade que atravessa a Caixa Econômica do Rio de Janeiro, como as suas congêneres outrora tão malsinada, hoje ostentando uma fase de culminante progresso.

Sabidamente orientada, levando o estímulo ao operário, ao estudante, ao soldado, à dona de casa, ao professor, ao jornalista, premiando os mais capazes e os que já se habituaram a poupar, a "Semana da Economia" entrou no rol das tradições da cidade, olhada com simpatia por todos, porque simpáticos são os seus fins e os seus métodos. Está assim definitivamente entrosada na vida da metrópole a "Semana da Economia", cujo transcurso acabamos de presenciar, e que foi marcada por esse brilho a que já nos acostumamos, embora as contingências da hora presente houvessem imposto ao programa das festividades algumas restrições. Foi uma "Semana da Economia" de guerra. Mas nem por isso sofreu o seu desenrolar, que registou o êxito das vezes passadas. Os concursos escolares, disputados renhidamente pela mocidade estudiosa e pelos professores, tiveram os seus vencedores premiados em reuniões grandemente concorridas; muitas donas de casa receberam a quitação do penhor das suas máquinas de costura; representantes das classes armadas, que mais se distinguiram em suas corporações, tiveram, como recompensa, o começo de uma pecúnia, o que também aconteceu com os pequenos moradores dos parques proletários da cidade; tudo isto num ambiente festivo, onde belíssimos números de arte faziam o deleite das grandes assistências, que acorriam a presenciar e aplaudir uma das mais felizes e úteis iniciativas dos últimos tempos.

Nesta reportagem, os leitores apreciarão todas as solenidades da "Semana da Economia" de 1943, que assinalaram mais uma vitória no largo programa que traçou e vem cumprindo tão auspiciosamente a Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro.

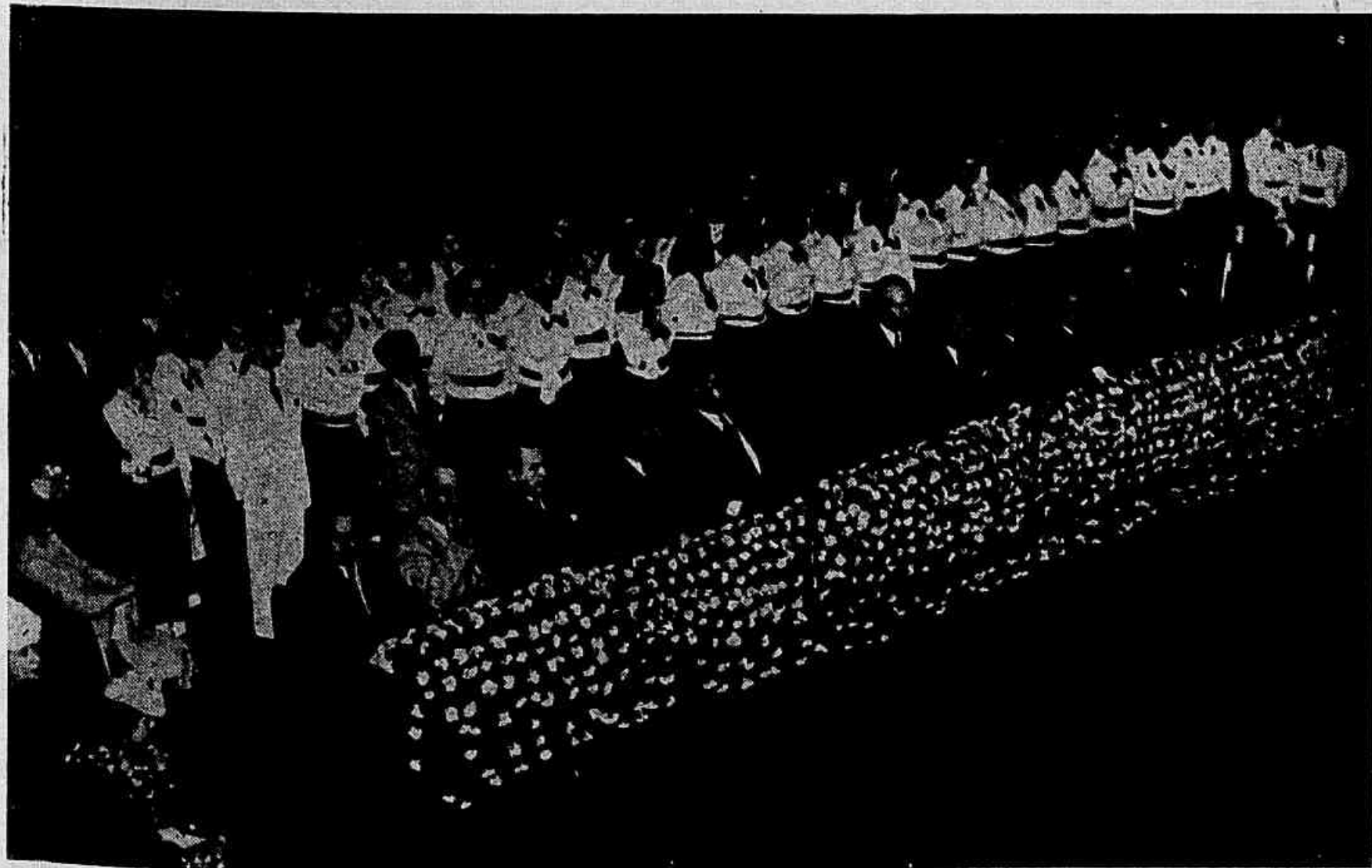
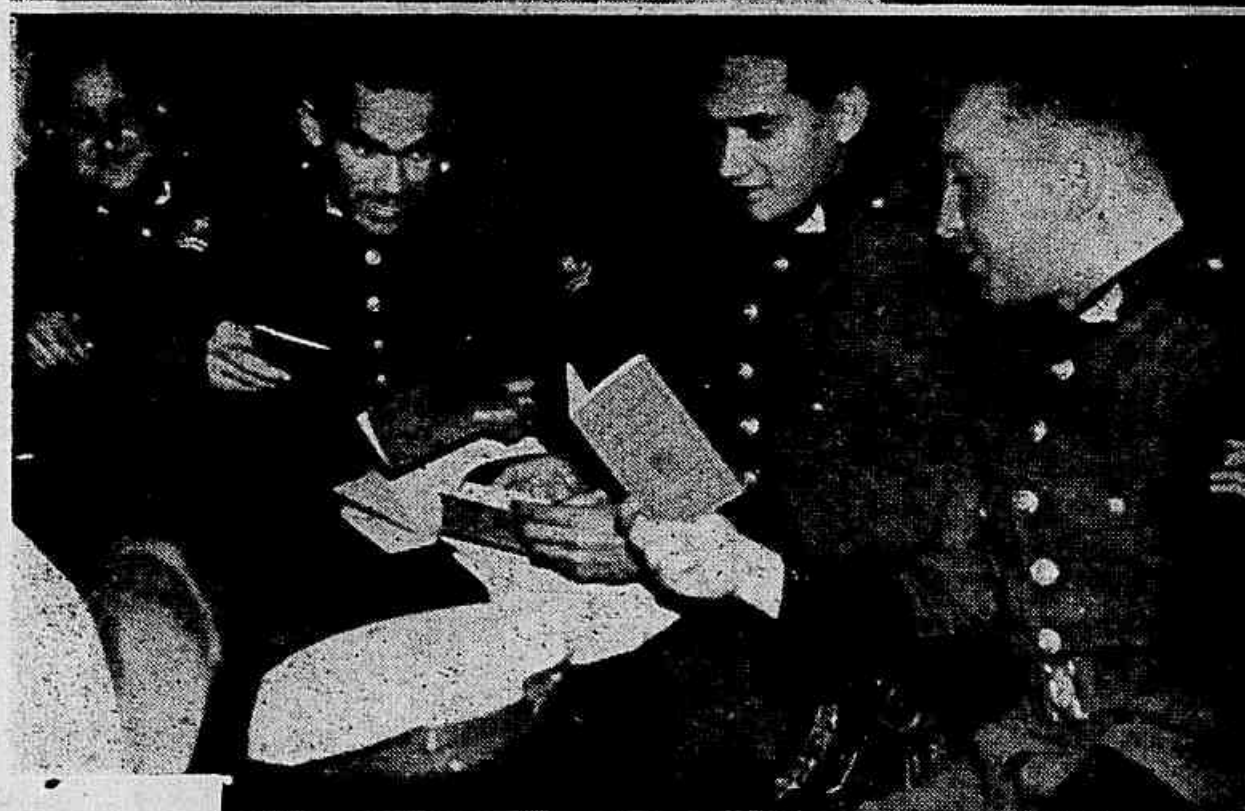
Reportagem de ADALBERTO MENDES

Fotografias de ARNALDO VIEIRA
(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

A Semana da Economia teve início com o sorteio do "Prêmio Economia", destinado àqueles que perseveraram no hábito da poupança, e que são os depositantes das contas correntes populares; esse prêmio importa no valor do saldo da caderneta sorteada, até o valor máximo de Cr.\$ 20.000,00, no dia do sorteio. Foi contemplada a caderneta n.º 508.965, pertencente a José Monteiro de Araujo. Na mesma ocasião as donas de casa foram aquinhoadas como sorteio de vinte cauteles de máquinas de costura, que assim ficaram desoneradas do penhor. Esse item da Semana da Economia é dos mais interessantes, resultando numa aureola de gratidão e simpatia à Caixa Econômica, e ajudando a criar candidatos aos seus "guichets" de depositos.

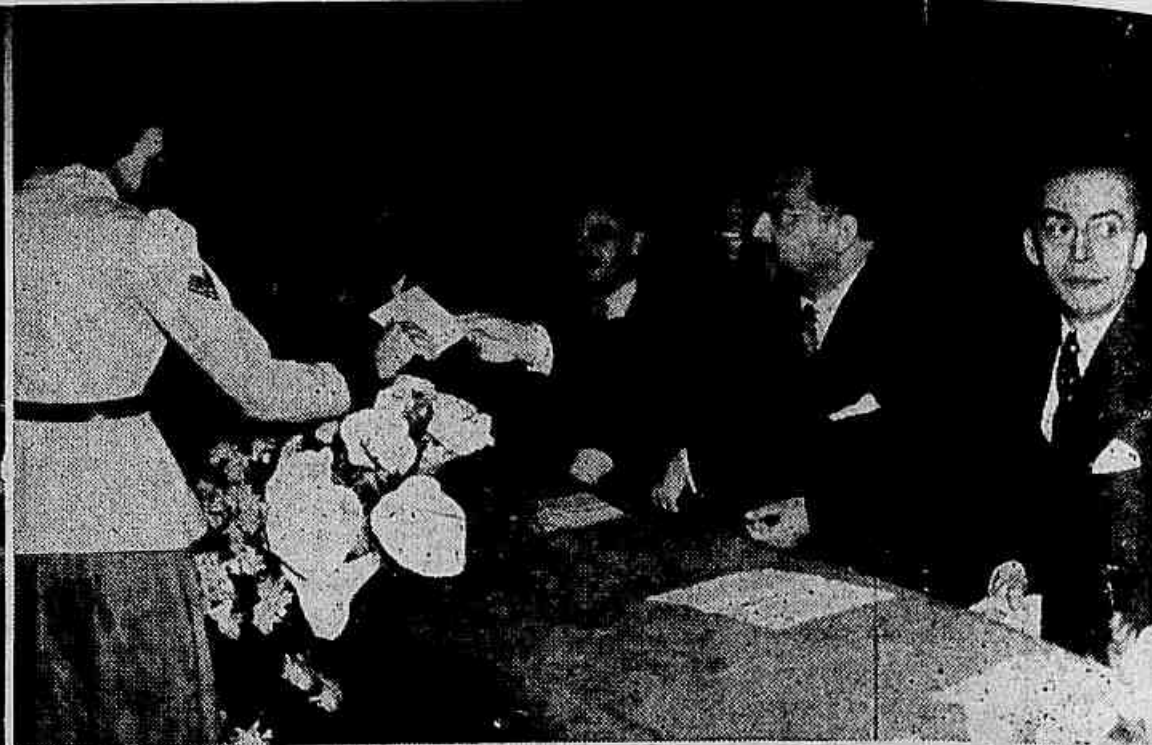
Premiando os militares que mais se distinguiram em suas corporações, como faz anualmente, a Semana da Economia realizou uma reunião no Palácio Tiradentes, que foi presidida pelo general Maurício Cardoso, comandante da Primeira Região Militar, à qual assistiram altas patentes do Exército, da Marinha, da Aeronáutica, do Corpo de Bombeiros e da Polícia Militar. Inferiores e praças de diversas unidades, que mais fizeram jus aos prêmios instituídos, pela disciplina e merecimento, receberam as cadernetas de economia, o que, como nos anos anteriores, encontrou ampla ressonância no seio das camadas armadas. A direita vê-se o general Maurício Cardoso fazendo entrega do prêmio a um soldado do Corpo de Bombeiros.

Inferiores e praças da FAB trocam impressões sobre os prêmios recebidos, que serão o ponto de partida para a formação de uma reserva.



Ao terceiro dia das comemorações a Semana da Economia realizou no Teatro Municipal a cerimônia da entrega dos prêmios aos vencedores do Concurso de Professores, que foi presidida pelo sr. Edmundo de Miranda Jordão, presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, que se vê com a palavra.

A solenidade da entrega e prêmios do Concurso de Professores, seguiu-se uma festa artística desempenhada pelas alunas do Instituto de Educação, que constou de uma audição do Programa dos Novos, na qual se houveram as jovens educandas com brilho, prendendo a assistência através de números interessantes e sugestivos.



O quarto dia da Semana da Economia reservou às séries Primária e Jardim da Infância uma enantadora festa, no Teatro Municipal, quando os alunos daqueles cursos receberam os prêmios da competição aberta à sua classe, cujo 1.º lugar coube ao menino Gustavo Mendes de Oliveira Castro, do Colégio Julio de Castilhos, a quem foi conferida a Bolsa de Estudos "Getúlio Vargas", que lhe assegurará o custeio dos estudos secundários e de todo o curso na Escola Nacional de Belas Artes. Numerosos outros prêmios foram conferidos aos pequenos estudantes, seguindo-se a isto uma hora de arte, sendo representada a peça "Brasil Imortal", a cargo dos alunos de varios estabelecimentos de ensino, que muito se destacaram, arrancando repetidos aplausos da numerosa assistência.

Ao alto, á direita, o cel. Jonas Corrêa, secretario de Educação e Cultura, que presidiu á reunião, entregando o premio a uma colegial. Grupo de creanças que tomaram parte na festa artistica.



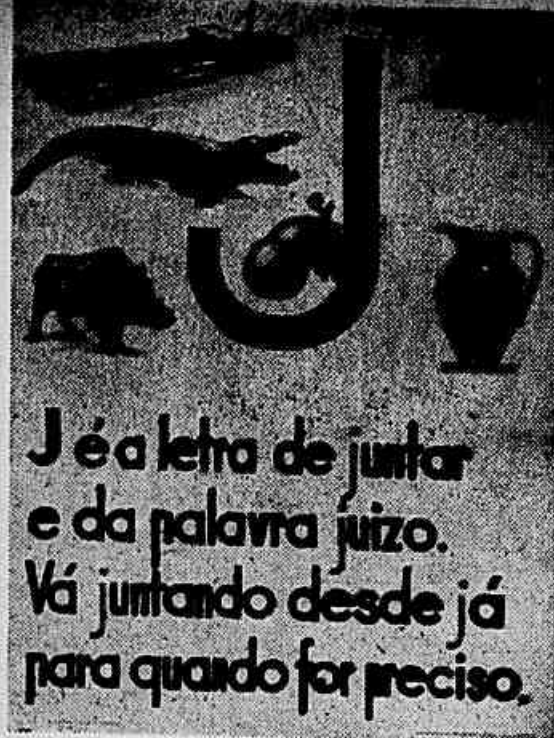
O sr. Carlos Luz cumprimenta uma candidata premiada.

O quinto dia da Semana da Economia foi dedicado à entrega dos prêmios da Maratona Intelectual de 1943, instituido pela Caixa Econômica entre os alunos dos cursos secundários do Distrito Federal, que assim concorreram com o seu saber e a sua inteligência para o maior brilhantismo daquele certame. Neste ano, obtiveram os prêmios principais os seguintes: Bolsa de Estudos "Zeferino Costa", primeiro lugar da Prova Gráfica, a aluna Maria Teresa de M. Oliveira, do Instituto La-Fayette; Bolsa de Estudos "Olavo Bilac", primeiro lugar na 1.ª série da Prova Escrita, a aluna do Colégio Independência, Maria Irene Clapp, e a Bolsa de Estudos "Visconde de Itaboraí", primeiro lugar da 2.ª série da Prova Escrita, o aluno do Colégio Metropolitano, Iedo Moura de Figueiredo. Diversos outros prêmios foram distribuidos. Na classificação final

A SEMANA



Dois graciosos numeros apresentados pelos alunos do Colégio Franco-Brasileiro (parte artistica da festa da Maratona Intelectual) intitulados "Rosa Morena", e "Dansa dos Escravos". Na foto á esquerda, os alunos Aldo Pereira da Cruz, da Escola Arte e Instrução, Otacilia Rodrigues Afonso e Bartolomeu Pontes de Andrada, do Instituto La-Fayette, conversam, muito interessados, sobre os premios que lhes couberam, talvez fazendo projetos de aumentar em muito os saldos daquelas cadernetas.



Com o propósito de incutir no ânimo das classes estudantis o costume da parcimônia, a Semana da Economia organizou nesse sentido cartazes instrutivos, destacando-se o

A B C da Economia, onde as 25 letras do alfabeto foram utilizadas para conselhos em forma de quadrinhas, e dos quais reproduzimos ao lado e em baixo dois exemplares.



O "Rei da Economia" foi uma contribuição da professora Maria Madalena Pontes para a Semana da Economia, que a Caixa Econômica mandou confeccionar e distribuiu largamente entre a meninada.

No Teatro Municipal funcionou a exposição de desenhos apresentados pelos alunos dos cursos Primário e Jardim da Infância, que alinhou uma interessante mostra do Concurso de Desenho da Semana da Economia. Esse concurso, que resultou num completo êxito, com um numero consideravel de participantes, foi um dos pontos altos da Semana da Economia. Acima, á direita, colegas apreciavam num recanto da exposição, o painel do primeiro colocado.

dos concorrentes, conseguiu o primeiro lugar o Colégio Metropolitano. A solenidade, que foi presidida pelo sr. Carlos Luz, realizou-se no Teatro Municipal, à mesma comparecendo a sra. Lucia Magalhães, diretora da Divisão de Ensino Secundário; o sr. José Augusto de Lima, representante do ministro da Educação; os srs. Veiga Faria, Ariosto Pinto, Amalio da Silva e Arfio Mazzei, diretores da Caixa Econômica, e outras autoridades, que tomaram parte na mesa. Procedida a chamada, receberam os alunos vitoriosos as suas recompensas, sob palmas da assistência. Também receberam os certificados de eficiência os diretores dos colégios melhor classificados. Após essa cerimonia, seguiu-se a parte artística, sendo levada à cena a peça "Desfile da Primavera", que terminou com uma linda apoteose às Nações Unidas.

DA ECONOMIA



Quadro intitulado "A Primeira Missa no Brasil" parte artistica da festa dos Cursos Primários.



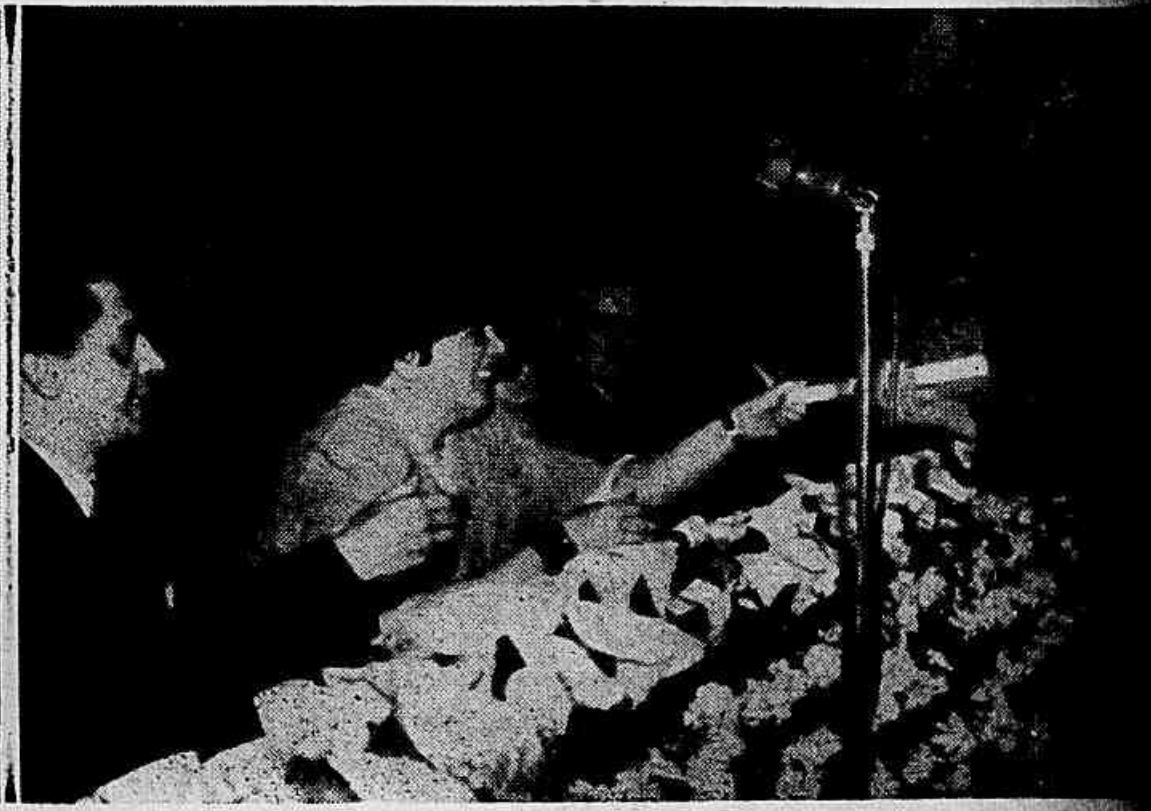
"Os Acordes da Independencia", representação de um quadro de Augusto Bracet pelos alunos da Escola Amaro Cavalcante (parte artistica da festa dos Cursos Primários).



Apoteose final da festa dos cursos Primários e Jardim da Infância, pelos alunos de diversas escolas.



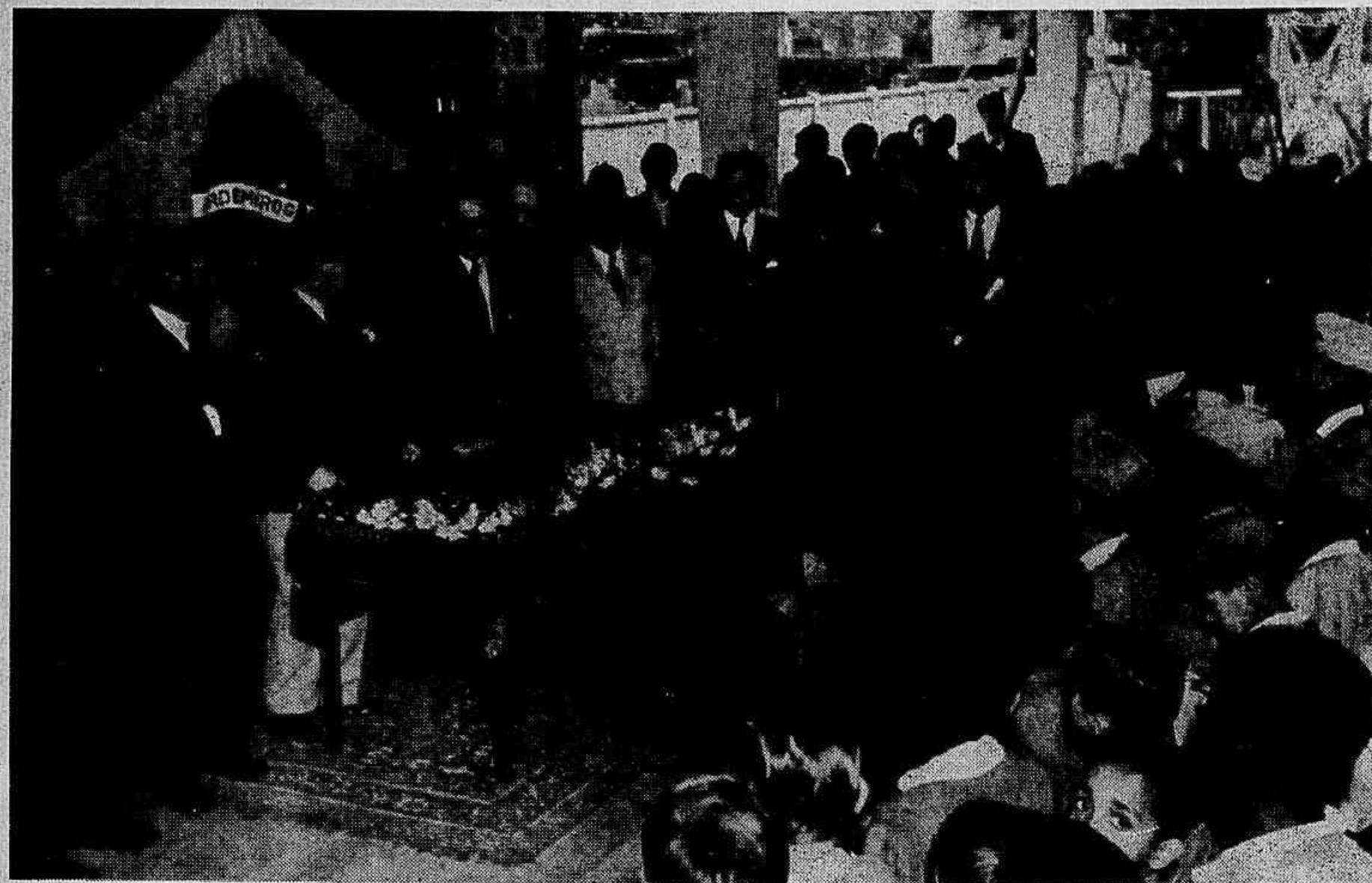
"Fiesta", lindo quadro desempenhado pelos alunos do Colégio Vera-Cruz (parte artistica da festa da Maratona Intelectual).



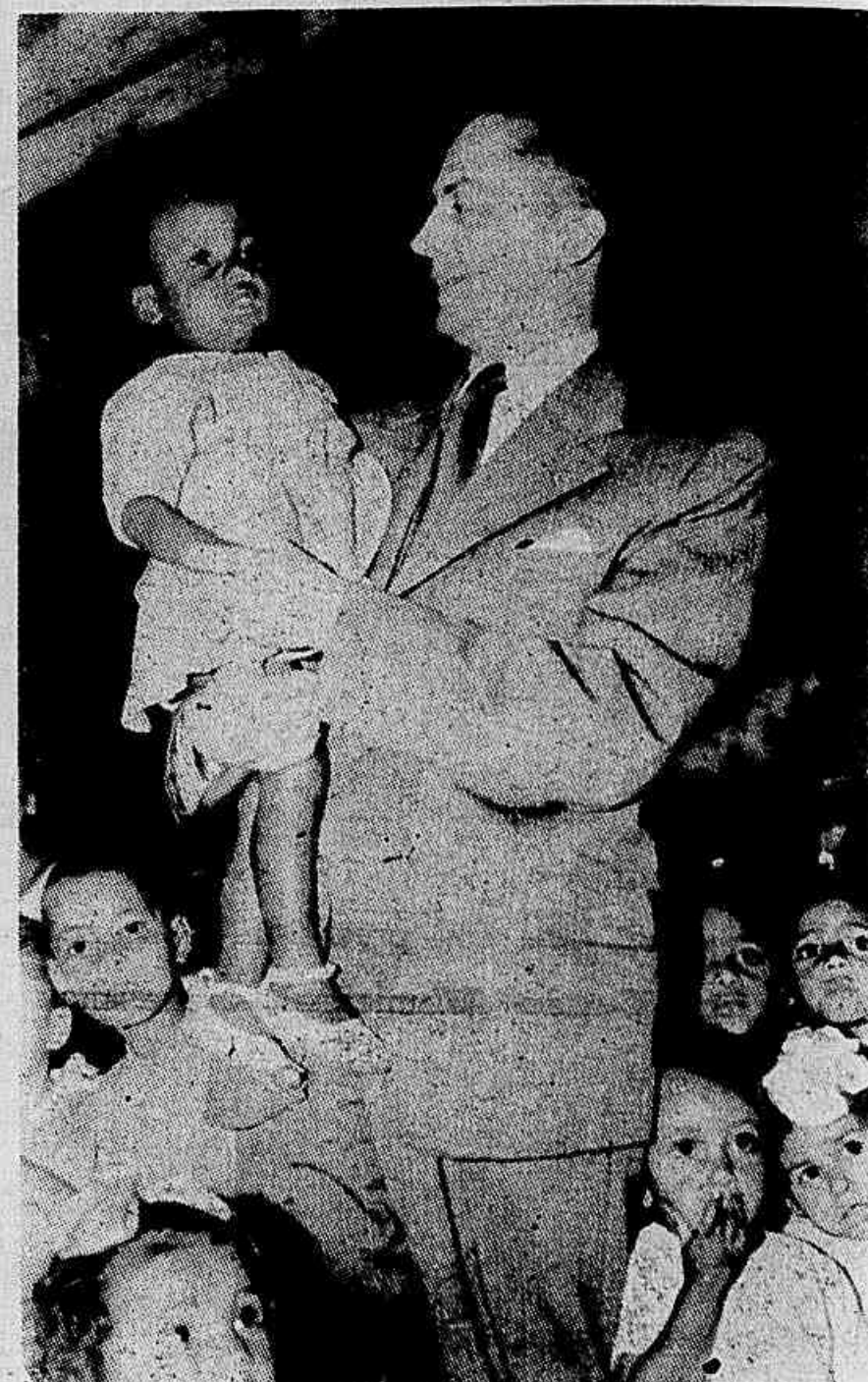
A sra. Lucia Magalhães entrega ao diretor do Colégio Metropolitano o certificado do primeiro lugar de eficiencia.

A SEMANA DA ECONOMIA

A ESQUERDA — Aspecto geral da cerimonia do Parque Proletario da Gávea, no momento em que falava o presidente da Caixa Economica.



Os primeiros colocados do Parque da Gávea põsam com as autoridades que fizeram parte da mesa.



O sr. Carlos Luz ergue nos braços o pequeno Jassanan, de 2 anos de idade, um dos mais com-penetrados circunstantes da festa do Parque da Gávea, e que muito chamou atenção dos assis-tentes.

A festa dos parques proletários marcou o término da Semana da Economia. Foi o fecho de ouro das festividades e talvez o episodio mais comovedor de quantos assinalaram o transcurso daquele certame. No modesto ambiente do Parque da Gavea, entre a gente simples que o habita, a Semana da Economia teve um encerramento de rara beleza e expressão, levando-lhes momentos de alegria e felicidade, dando-lhes estímulo e encorajamento para prosseguirem na jornada de recuperação social que emprenderam. Era de ver como se comprazia a meninada, compenetrada hoje dos deveres que antes desconhecia, ao receber os premios a que fez jus, nos serviços onde se distinguiu, em proveito proprio e do bem comum. Aberta a cerimonia com o Hino Nacional, cantado pelos alunos das escolas do Parque, teve lugar em seguida a entrega dos premios, cabendo os principais aos meninos Walter Cardoso, Ivan Moreira, Hermogenio José de Souza, Orlando Silva e Adriano Rodrigues de Almeida Filho, das Escolas Profissionais de Sapateiro, Vimeiro, Marcenaria e Carpintaria, Eletricista e Pedreiro e Pintor. Na gravura, à direita o sr. Carlos Luz está cumprimentando um dos pequenos operarios do Parque, premiado em primeiro lugar.





CONTO DE AFONSO ARINOS

JOAQUIM MIRONGA

Ilustração de RENATO SILVA

■ O sol estava querendo sumir, quando eu encostei a porteira. Pulei da sella e amarrei no moirão o ruço pedrez — bicho malcriado, reparador, mas de espírito. No lombo desse pagão eu comia doze leguas, de uma assentada. Olhei a frente da casa, puz a mira no alpendre e não vi ninguém. — Uai, Joaquim, aí tem cousa! — Entrei bem sutil reparando duma banda e outra.

— Patrão velho, na hora em que eu estava arreando o pedrez, tinha chegado perto de mim, dizendo: — Olha lá, Mironga, não me vás sair um perrengue!

— Perrengando, perrengando, meu branco, eu entrei lá dentro. Vossemecê ha de vêr, com o favor de Deus".

— Olha o café, Joaquim, sem te cortar a conversa — disse um caboclo meão, de chapéu de couro e sigigóla. E estendeu o cuité fumarento, onde parecia ainda borbulhar o líquido.

Na varanda da frente, a gente do retiro estava reunida para ouvir o Joaquim. Era tempo de vaquejada e todo o dia havia um caso novo, uma chifrada de marruaz, uma passagem bem feita com algum garrote bravo. A varanda era comprida, defendendo-a do mau tempo a grande cimalha, apoiada em colunas de madeira lavrada. Presas a estas, duas ou três rédes, tecidas de seda de burity, embalavam o sono da camaradagem que ruminava o jantar depois de um dia fadigoso, em que o gado na verdade dera que fazer.

Demais, esse gado de beira rio Preto não era caçoada. E nesse dia, no cerrado do Periquito, os vaqueiros toparam uma rez alevantada, que fez o diabo.

Mas o Joaquim não era homem de ficar quieto assim, de barriga para o ar, como qualquer tiú ao sol. Era preciso animar a rapaziada na véspera de qualquer trabalho mais difícil.

Para o dia seguinte, o patrão tinha marcado uma campeação no cerrado do Garapa, onde havia um cambaúbal de meter medo. E as rezes velhacas sovertiam-se lá dentro, que só mesmo o capêta podia com elas.

Quando ia ficando lusco-fusco, o povo campeiro chegava para a banda de fóra, atiçava o fogo e pegava a contar casos, a passar em revista os sucessos da vida de cada um.

Mironga, vaqueiro meio maduro, era respeitado por sua justa fama e pelo conceito de que gosava junto do patrão.

— "Como ia dizendo, enccestei a porteira ao batente e entrei sutil.

"O pátio estava soturno. Nem viva alma. Isso no tempo das guerras bravas da éra de quarenta e dous. Patrão velho andava amoitado. Amoitado é um modo de dizer, porque ele dormia, lá de vez em quando, num rancho de palmito no meio do mato, mas zanzava de uma banda para outra o dia inteiro, sem perder de vista a casa do retiro onde estava a família. Eu não lhe deixava a costela; vivia rente com ele para o que dêsse e viesse, porque, Deus louvado, nunca me desprezou, e nós da família servimos até a morte a gente do patrão, isso desde meus velhos.

"Quando entraram lá na cidade as forças do defunto coronel Joaquim Pimentel para agarrarem os rebeldes, patrão velho teve aviso. Ele era homem de opinião e não fugia assim com dous arrancos. E demais disso, a patrôa estava chagadinha a ter menino, esse pedaço de moço que vocês vêem aqui hoje — Só Néco.

"Um dia, nós já tínhamos jantado na fazenda e eu tinha descido para o quarto dos arreios, quando, na estrada que vem da Barra da Egua, olhando pelo caminho afora, eu enxerguei uns cavaleiros chegando devagar, como quem não conhecia bem o lugar e desconfiava de alguma cousa. Subi arriba e mostrei os cavaleiros ao patrão.

— Aquilo não é senão escolta e é para prender vossemecê.

"Para que falei, meu Deus! foi uma trabusana levada em casa. A patrôa tomou um susto muito grande e desandou a chorar; as mucamas trançavam pelos quartos, correndo.

"Com pouca duvida, acenderam o cirio bento junto da imagem do menino Jesus e a patrôa tirou reza, acompanhada das mucamas e dos negrinhos. Patrão velho não saiu do alpendre. Gritou pelos companheiros e pela negrada.

— Hoje é dia! — disse eu cá comigo.

Tudo quanto era clavinote, trabucos e bacamarte saíu para fóra. Qual, gente! nem eu gosto de lembrar desse tempo!

"Sô moço, sô Juca, filho mais velho do patrão ainda não tinha, a bem dizer, nem buço de barba. Era espigadinho e animado. Eu sei quanto me custava ter mão nesse menino nos dias de vaquejada. Não havia garrote que ele não quizesse esperar na ponta da vara, nem cavalo chucro de que ele não quizesse tirar a nica. Ia já beirando pelos dezeseis anos, mas não mostrava.

"Oh! meu S. Sebastião, advogado dos aflitos! quando me acóde à lembrança essa éra amaldiçoada, sinto a modo de um travo na boca".

(CONTINUA NA PAG. 44)



APRESENTA
Novas Linhas

REMETEMOS PELO COR-
REIO, LIVRE DE PORTE,
MEDIANTE VALE POS-
TAL, CHEQUE OU PELO
REEMBOLSO POSTAL.

RUA BARÃO DE ITAPETININGA 146 - S. PAULO



FT. 238
(Salto 6 cm.)
Em Bufalo, com guarni-
ções de Cromo azul,
preto ou havana.
Cr\$ 180,00



FT. 220
(Saltos 4½ ou 6½ cm.)
Em Bufalo, com guarni-
ções de Cromo preto,
azul ou havana.
Cr\$ 180,00



FT. 245
(Salto 6½ cm.)
Em Bufalo, com guarni-
ções de Cromo azul
ou havana.
Cr\$ 180,00



A. 248
(Salto 6½ cm.)
Em Camurças preto,
azul, havana ou em
Bufalo branco.
Cr\$ 120,00



B. 247
(Salto 7½ cm.)
Em Serpente branco,
azul ou vermelho.
Cr\$ 150,00



A. 204
(Saltos 4½-5½-6½ cm.)
Em Camurças de todas
as cores ou em Bufalo
branco.
Cr\$ 120,00



FT. 241
(Salto 6½ cm.)
Em Bufalo, com ponta
griz, azul ou havana.
Cr\$ 180,00



FT. 255
(Salto 6½ cm.)
Em Bufalo, com fanta-
zia, preto, azul, bordô
ou havana.
Cr\$ 180,00



FT. 258
(Salto 6½ cm.)
Em Bufalo, com fantasia
de Cromo preto, azul
ou havana.
Cr\$ 180,00

• • • REEMBOLSO POSTAL — Recorte o desenho do sapato que escolheu, marque o núme-
ro e faça seu pedido à Fabrica de Calçados UNICA Ltda. — Rua Barão de Itapetininga 146
— São Paulo. O Correio entregará e receberá a importância na porta de sua residência.
OS MODELOS UNICA SÃO ENCONTRADOS À VENDA EM SANTOS, NA CASA RIBEIRÃO
RUA GENERAL CAMARA 26

NOSSA TERRA



ESTA fotografia, apanhada na cidade mineira de Montes Claros, é um flagrante que abrange o mercado local e arredores deste em dia de feira.

O predio é mais ou menos típico — sendo de notar apenas o mirante e a cena genuinamente brasileira. Porque Montes Claros, ponta de linha ferroviária, é por isso mesmo, como toda extremidade de estrada de ferro, um entroncamento de comunicações diferentes. Se desses pontos finais dos caminhos de aço partem hoje rodovias, ainda não lhes faltam tropeiros e carreiros trazendo e levando utilidades.

Carroças, animais de carga e cavalos de montaria estacionam, pacientemente, enquanto homens e mulheres compram e vendem, vão ao "doutor", pagam impostos, assinam escrituras de terra, negociam boiadas e conversam fiado...no "dia de feira", que tomam para tudo que têm a fazer na cidade, inclusive os homens para cortar o cabelo de trinta e raspar a barba de oito dias.

Diga-se, a proposito, que Montes Claros é, entre muitas outras, uma cidade resultante da ação dos bandeirantes: Antonio Gonçalves Filgueiras, da bandeira de Fernão Dias, vencendo os indios locais, fundou um engenho no lugar "Brejo Grande", vindo depois diversas fazendas, inclusive a de Montes Claros, à margem do Rio Verde. E, tempos após, a garimpagem formou o "Arraial de N. S. da Conceição", também "S. José" e "Arraial das Formigas". Em 1832, com o nome de Montes Claros, foi vila o povoado, para ser cidade em 1857.

Hoje, um grande centro de trabalho e de cultura, por força da produção mineral e animal, é Montes Claros, também, ponto de passagem para quantos transitam, via Bahia, entre o Norte e o Sul do Brasil no formigamento pelo interior que a guerra veio acelerar.

MAIS UM NAVIO PARA A NOSSA ARMADA

Na manhã do dia 20 de novembro ultimo, realizou-se na Ilha do Viana, a entrega de mais uma belonave fabricada nos estaleiros da Organização Henrique Lage á nossa Marinha de Guerra.

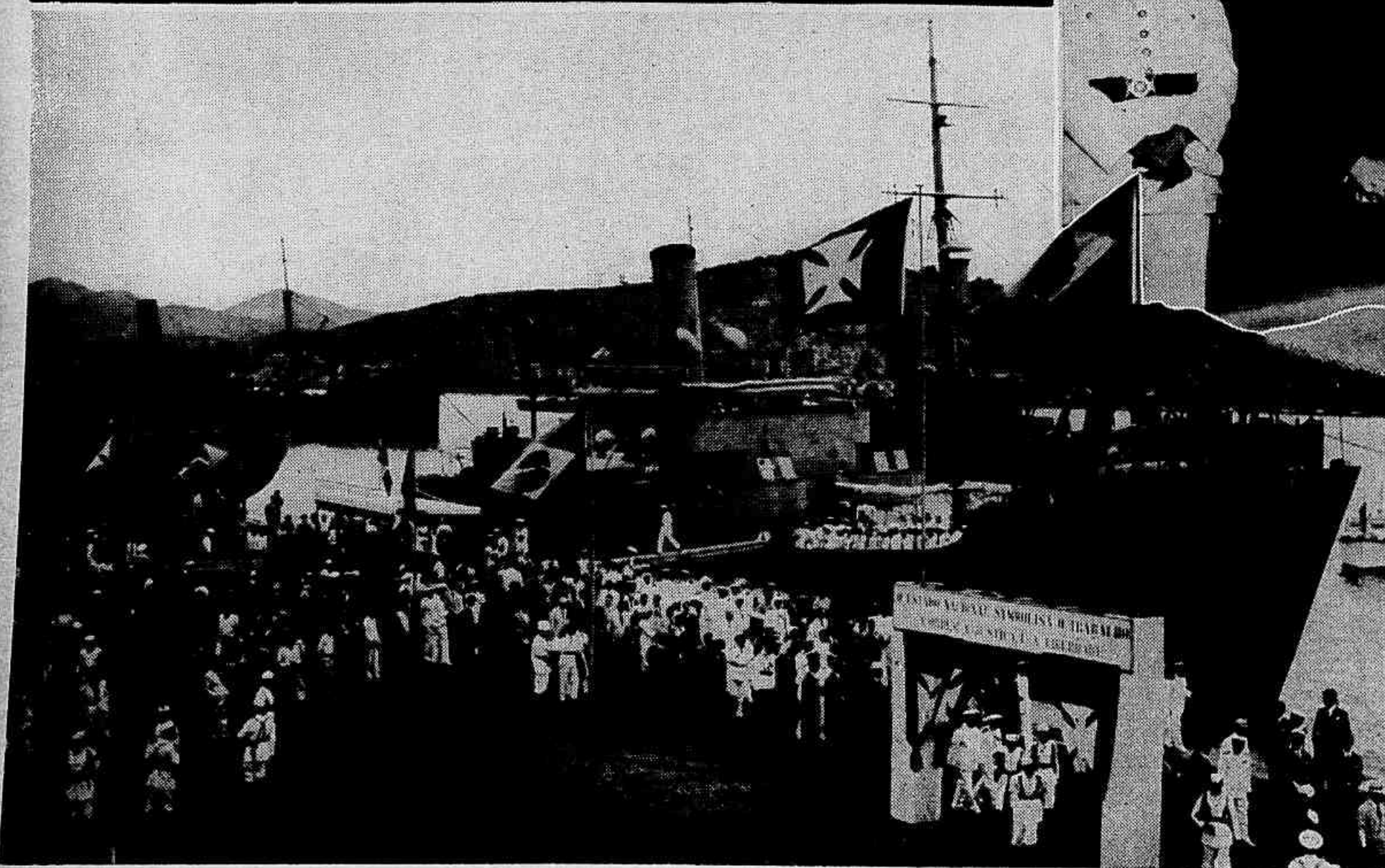
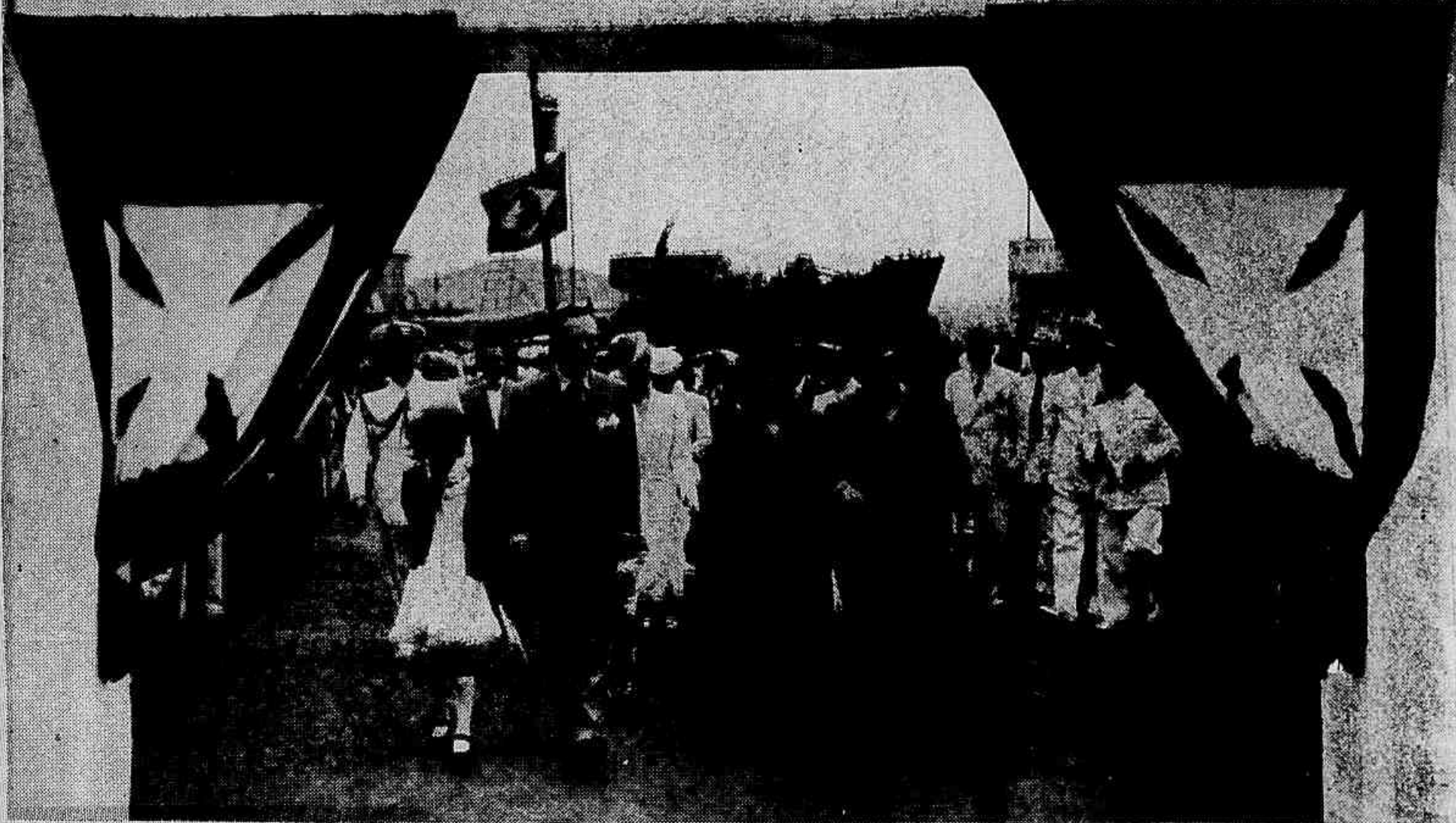
Assim a Organização Henrique Lage, continuando a obra de seu saudoso fundador, sob a superintendencia do Sr. Pedro Brando, marca mais uma vitoria para a industria pesada brasileira, concorrendo, a par disso, para o esforço de guerra da Nação, lançando ao mar mais um vaso de guerra fabricado no Brasil com materia prima brasileira e construido de acordo com planos de engenheiros brasileiros, destinado a defender as aguas territoriais brasileiras.

A entrega e incorporação da nova unidade, a corveta "Fernandes Vieira", á Armada do Brasil, realizou-se após a cerimonia do batimento da quilha do "Brasil I", o primeiro barco mercante de uma serie encomendada pelo Ministerio da Viação á Organização Henrique Lage.

A solenidade foi assistida por grande numero de autoridades civis e militares, destacandose entre os presentes os ministros Aristides Guilhem e senhora; Eurico Dutra e senhora; Mendonça Lima e senhora; o sr. Carlos Martins de Sousa embaixador do Brasil em Washington; o sr. Pedro Brando, superintendente da Organização Henrique Lage; o comandante Otavio Figueiredo de Medeiros, sub-chefe do Gabinete Militar da Presidencia da Republica; o comandante Gastão Brasil Carmo Junior, ajudante de ordens do Ministro da Marinha; o engenheiro Vitor Tamm, chefe de Gabinete do Ministro da Viação; o dr. Darci Mendonça, secretario da Organização Henrique Lage; o sr. Cicero Machado, secretario da Costeira, varios officiais de alta patente da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, outros convidados especiais e todo o operariado dos estaleiros da ilha do Viana.

Usaram da palavra, du ante as solenidades o Ministro da Viação e o Sr. Pedro Brando, Superintendente da Organização Henrique Lage, que pronunciou entusiastico discurso alusivo ao auspicioso acontecimento.

AO PRESIDENTE VARGAS O RESTAURADOR DA GRANDEZA NACIONAL



Nas fotos acima vemos: A' direita, do alto para baixo: o Sr. Pedro Brando, acompanhado das Sras. Aristides Guilhem, Gaspar Dutra e do comandante Otavio Medeiros, passa pelo arco armado á entrada do recinto onde foi batida a quilha do "Brasil I"; Mme. Gaspar Dutra, auxiliada por um engenheiro e cercada por altas autoridades, bate a quilha da nova unidade da nossa marinha mercante; O Ministro generai Mendonça Lima, quando pronunciava a sua aplaudida oração, ladeado pelo Ministro Eurico Gaspar Dutra, Sr. Pedro Brando e Sras. Gaspar Dutra, Aristides Guilhem e Otavio Medeiros. A' esquerda, em cima: Mme Aristides Guilhem, ao lado do Ministro Aristides Guilhem, assina a ata de incorporação da corveta "Fernandes Vieira" á Armada Nacional, como madrinha do novo vaso de guerra; Em baixo: a A nova unidade da Marinha de Guerra do Brasil, a corveta "Fernandes Vieira", atracada ao cais da Ilha do Viana, onde se realizaram as solenidades.

Um homem correndo

De WILL SCOTT

(Novela traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

Cerca de nove horas, numa horrorosa noite de Março, achava-me do lado de fora do botequim de Nove Agulhas, naquela parte ressoante da City de Londres, entre Blackfriars e a Torre, procurando adivinhar onde o velho Diver morava. Tinha vindo de setenta milhas para vê-lo, deixando sua carta, com o endereço no alto, em cima de minha secretária, em casa. O que era do meu feitio. E ainda é.

Nunca conheci bem a City, e essa parte eu desconhecia por completo. Tudo o que podia dizer com certeza era que estava na rua indicada, mas a rua indicada era muito mais extensa do que eu tinha esperado nessa parte de Londres, e agora se achava — a City, à noite, sendo a City à noite — tão vazia como uma nave de igreja às duas horas da manhã. Vazia, quer dizer, de viva alma. Nem mesmo um polícia se avistava: ninguém. A rua era uma rua torcicolada, estreita e de prédios altos, e quando eu dava um passo ou dois o som de minhas passadas ricocheteava das paredes altas.

O que dera em Diver para deixar meu recanto, na costa do mar de Kent, e vir se meter neste lugar remoto

e uma espécie de pátio de recreio para crianças, imediatamente ao fim do caminho do Nove Agulhas. Era difícil chamar-se aquilo de pátio de recreio; era apenas um quadrado de poucos metros. Subiam-se três degraus para chegar lá e havia dois bancos, sem que houvesse relva. A escadinha abria para a rua, mas os outros três lados da praça eram fechados por altas construções que tinham o aspecto de apartamentos. Num deles, vivia, sem dúvida, pensei, o velho Diver; o diabo era eu saber em qual.

Fazia talvez um minuto que eu estava olhando pela janela do Nove Agulhas, quando de repente vi um homem correndo. E assim que o vi senti que se passara qualquer coisa de anormal. Sabem como é: a gente pode ver nove homens correndo e não se pensa em nada de mais; vê-se o décimo e se percebe. Não se trata de pensar. É uma coisa que nos ocorre. Os cães têm essa mesma espécie de sentido.

Não era por causa da estranha vizinhança, do cenário sombrio, do silêncio. Não era somente pelo fato dele estar correndo. Eram todas essas coisas, alguma coisa mais e principalmente pela cara dele. Era uma cara tão diabólica como eu nunca pensei ver em homem algum, e logo que

Todavia, fiquei olhando de modo muito significativo para a senhora que tomava conta do Nove Agulhas.

— Sim? — disse ela outra vez.

O mesmo que dizer — Bem, nunca viu um homem correndo? Eu já vi muitas vezes. Às vezes os homens correm.

Vi que não obtinha nada do Nove Agulhas e assim sai, dizendo que voltaria para saber notícias de meu amigo. Segui até o pátio de recreio e subi os três degraus, olhando para os apartamentos no alto. Não sabia o que podia fazer, mas o lugar parecia atrair-me.

Não se passou muito tempo que eu não pensasse que havia qualquer coisa diferente no bloco de apartamentos do meio, e então me dirigi para lá. Havia, quando eu o avistei primeiro, duas janelas iluminadas no segundo andar; e agora havia apenas uma. Naturalmente, podia ser que alguém tivesse ido dormir, embora fosse muito cedo. Podia não ter nada que ver com o homem que ia correndo. No entanto...

Aproximei-me da porta da rua e entrei. O hall não estava muito iluminado e não havia sinal de porteiro nem lugar para este. Não se ouvia nada, além dum som de



ultrapassava tudo o que eu pudesse imaginar. E nesta rua, numa noite destas, eu podia imaginar bem pouca coisa.

Voltei, então, ao botequim, como última esperança que me restava, por ser aquele lugar para o velho Diver como um pote de geléia para uma vespa. Se o conhecessem de vista nalgum canto só podia ser lá. Assim, entrei no Nove Agulhas.

O Nove Agulhas, no momento, não parecia muito próspero. A senhora que tomava conta não estava atendendo a ninguém quando eu apareci, nem meu aparecimento, nem meu modesto pedido pareceram indicar-lhe que houvessem vacas gordas na esquina. Serviu-me meia caneca de cerveja e voltou a seu tricô.

Perguntei-lhe se por acaso conhecia um Mr. Diver e ela disse que não. Assinalei que não fazia muito tempo que ele estava morando por aquelas bandas porém ela disse não, outra vez. Descrevi meu amigo e afinal ela disse sim, explicando que não sabia o nome dele. Perguntei-lhe se ele era esperado. Disse-me que ele não tinha vindo nessa noite, mas era provável que viesse. Falou que ele estava sempre entrando e saindo. Eu podia ter-lhe dito isso. Eu disse que o esperaria e ela voltou novamente ao seu tricô.

Desse modo, fui até a janela e fiquei olhando no vago, para fora. Bem, não foi exatamente no vago. Havia a rua, deserta, os lampeões da rua e luzes em janelas fronteiras

o vi correndo fiquei pensando: de que seria que ele vinha fugindo?

Parecia ter saído de um dos blocos de apartamentos na extremidade do pátio de recreio, e chegara abaixo da escadinha antes que eu o tivesse notado.

Parou e olhou à direita e à esquerda, rapidamente, e foi então que lhe vi o rosto repulsivo à luz do lampeão. Por um momento apenas; depois ele partiu de novo correndo a toda pela rua. Ao desaparecer de vista, relanceei os olhos pelas janelas dos apartamentos fronteiras. Que teria ele feito? — pensava eu.

Devo admitir que eu estava assustado. Bastava ver a cara do homem. Era preciso fazer alguma coisa; eu havia resolvido isso. Mas primeiro precisava dizer alguma coisa.

Voltei-me para a senhora no balcão.

— Passou um homem correndo!

— Sim? — disse ela.

— Saiu dum daqueles apartamentos do outro lado. Nesse instante sumiu correndo pela rua.

Agora, nada mais a fazer, salvo se quizesse ficar imaginando coisas. Podia-se pensar que havia naquela pilha de apartamentos um cofre arrombado, e, pior ainda, um cadáver com um punhal metido entre as costelas, podia-se pensar tudo. Mas, sem saber, que se podia dizer?

música, pareceu-me, apagada, muito distante. Aquelle hall escuro, com seus degraus de pedra subindo, não se sabia para onde (ao que se podia ver), dava um arrepio.

Embora. Não havia nada a lucrar em ficar em pé, olhando. Subi os degraus de pedra, lá me fui ao segundo andar. E, quanto mais subia, mais clara se tornava a música. Era um rádio tocando.

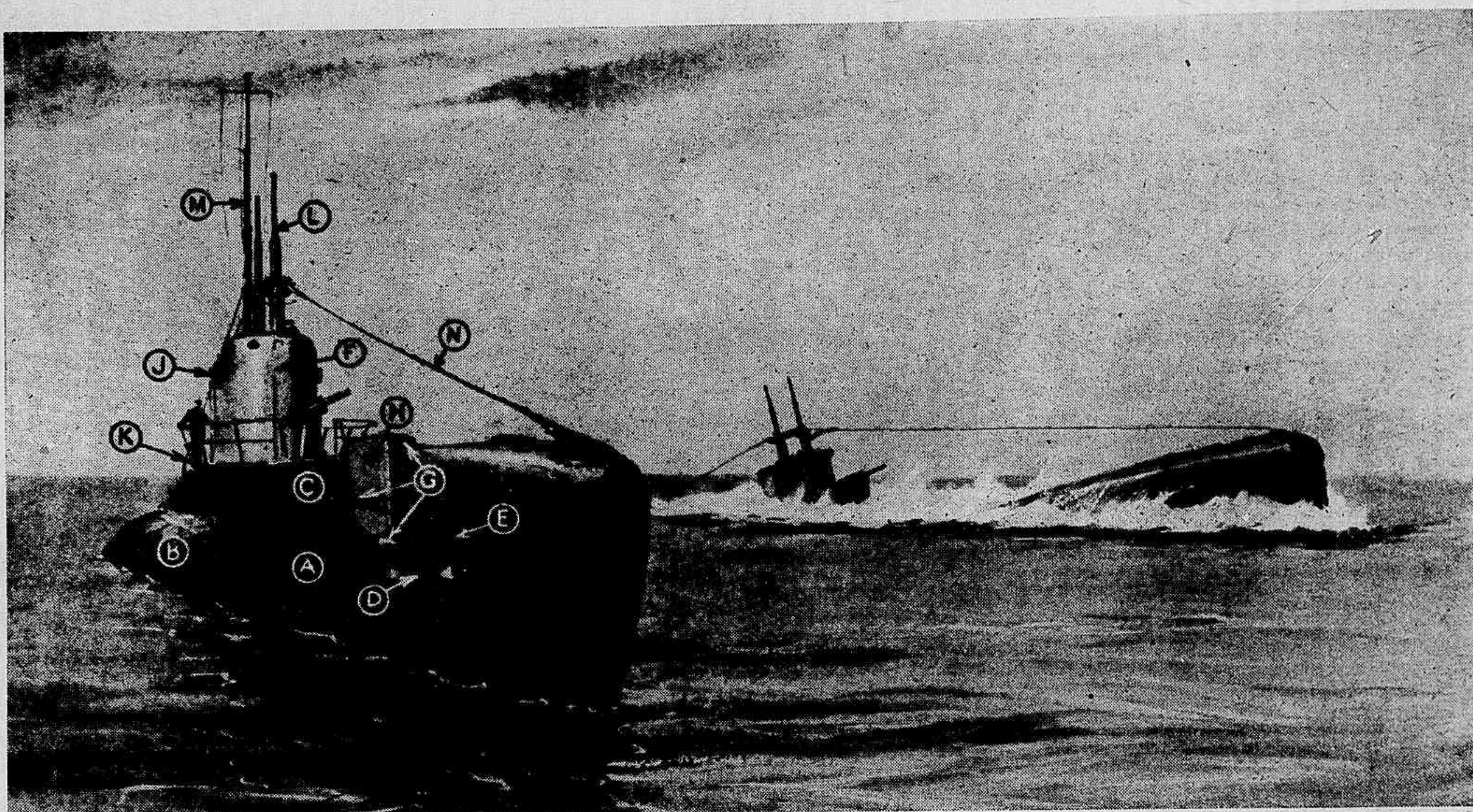
No fim do corredor vi luzes brilhando através da bandeira de algumas portas. De algumas, era isto: outras estavam escuras. E uma que estava escura era a de um apartamento do segundo andar, de onde vinha a música do rádio.

No momento não podia ter muita certeza, mas me pareceu que pela posição do apartamento era neste que a luz se havia apagado. Segui pelo corredor uma certa distância e achei uma janela que dava para baixo, para o que parecia ser um pátio. Eu agora estava defrontando os fundos dos apartamentos, e podia ver que havia um que não tinha provavelmente mais do que dois quartos. Os fundos, como a frente, estavam sem luz, e havia qualquer coisa de impressionante no som daquele rádio saindo do escuro. Estava trancado. Voltei à janela e, abrindo-a, olhei para fora.

Não havia passagem para baixo; nem passagem de qualquer espécie; mas dando para o pátio, parecia ser

(Continua na página 42)

Revelações interessantes acerca dos submarinos



Modelo dos novos submarinos britânicos. Vemos dois tipos diferentes de deck. A' esquerda um submarino de tonalagem média, com o canhão montado na torre. A direita um submarino da classe do "Thunderbolt", no ato de emergir.

Pode ser observado que nos submarinos da classe do "Thunderbolt" o canhão não fica no deck, mas faz parte da estrutura da torre.

Esta classe — a mais recente da marinha inglesa — tem um deslocamento que varia entre 1.090 a 1.575 toneladas.

O "U-boat" à esquerda desloca cerca de 1000 toneladas e tem uma tripulação de cerca de 40 homens. A chave abaixo explica os pontos indicados na gravura.

- | | |
|--|-----------------------------------|
| A — casco; | G — Proteção do leme de mergulho; |
| B — lugar dos tanques de lastro; | H — leme de mergulho; |
| C — Superestrutura; | I — luzes de navegação; |
| D — Buracos para a secagem da super-estrutura quando fora da água; | J — plataforma do canhão; |
| E — receptáculo da ancora; | K — periscópio; |
| F — torre; | L — mastro do telescópio. |

Por M. J. MASSEY

Uma das coisas mais interessantes a respeito dos submarinos é o fato de serem eles uma das poucas armas desta guerra que não mostram uma tendência a se tornarem maiores e mais caras.

Estamos agora construindo submarinos tão pequenos como em 1928. Sem falar nos da classe L e H, usados presentemente para treinamento, a marinha possui atualmente nove classes de submarinos. Na realidade não há mais que meia dúzia de tipos se pusermos de lado alguns de menor importância e algumas classes antigas de que há apenas dois ou três exemplares. Inegavelmente as classes mais modernas e mais importantes numericamente são as dos "Thunderbolts", cujo modelo é o "Thetis", as dos "Ursulas" e as dos "Sealions".

Os "Thunderbolts" são submarinos de 1000 toneladas, os "Ursulas" de 540 e os "Sealions" de 670.

A razão de ser de um submarino é o torpedo. O pequeno "Ursula" custando apenas 200.000 libras, com sua tripulação de 27 homens, armado com 6 tubos lança-torpedo de 21 polegadas tem eficiência mais ou menos equivalente ao gigantesco "Severn". Os canhões do "Ursula" têm apenas 3 polegadas contra os de 4 polegadas do "Severn", mas isto não faz grande diferença. Um submarino não dispara seus canhões debaixo d'água, e na superfície não pode sustentar um duelo, nem mesmo com o menor dos destroyers.

Inúmeras bases alemãs e algumas rotas comerciais estão no Mar do Norte.

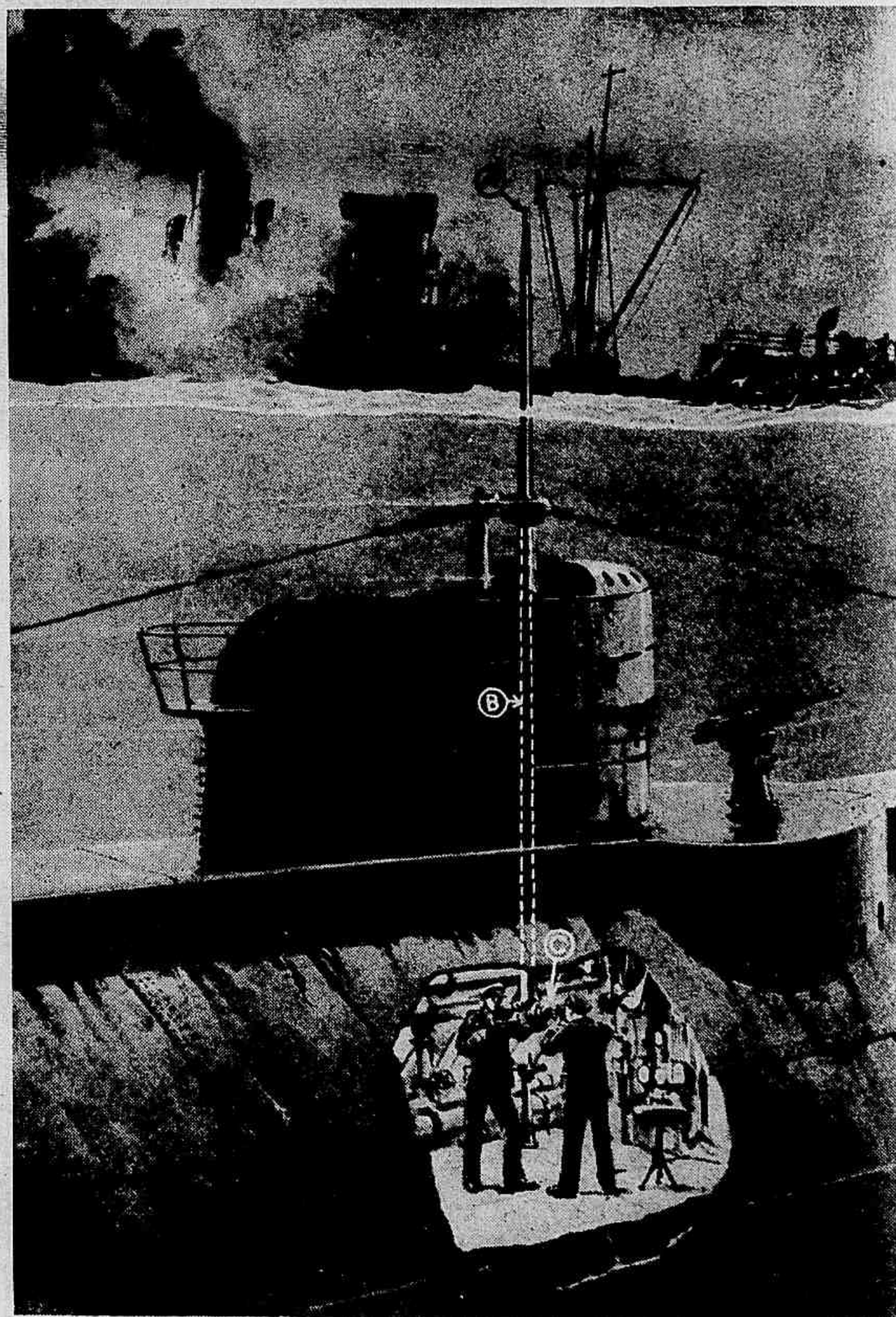
Nesta região as águas têm pequena profundidade e são cheias de bancos de areia, havendo largas áreas em que a profundidade máxima não atinge 100 pés. Um grande submarino de 1500 toneladas levaria enorme desvantagem em tal lugar. Enquanto o pequeno "Ursula" e o "Sealions" podem submergir em 30 segundos, os grandes botes levariam muito mais tempo. Com seus 325 pés de comprimento, eles correm um risco muito maior de serem atingidos do que os seus pequenos irmãos.

O número de submarinos de grandes dimensões está sendo agora restringido em muitas marinhas. Depois da última guerra, foram cons-

A figura à esquerda mostra como foi tomada a fotografia.

- | |
|--------------------------|
| A — lente do periscópio; |
| B — tubo do periscópio; |
| C — óculo. |

Uma fotografia pôde ser facilmente obtida, usando-se uma pequena câmara de precisão com uma forte lente. Pôde ser necessário juntar um tubo cu to ao óculo para evitar qualquer claridade além da que entre pelo periscópio. Trata-se evidentemente de um navio mercante japonês, de tonalagem média. A estrutura da ponte de comando está no centro da fotografia; à esquerda a chaminé parcialmente obscurecida pela fumaça.



truidos diversos monstros com enormes canhões. O 'Surcouf', submarino francês, tinha dois canhões de 8 polegadas.

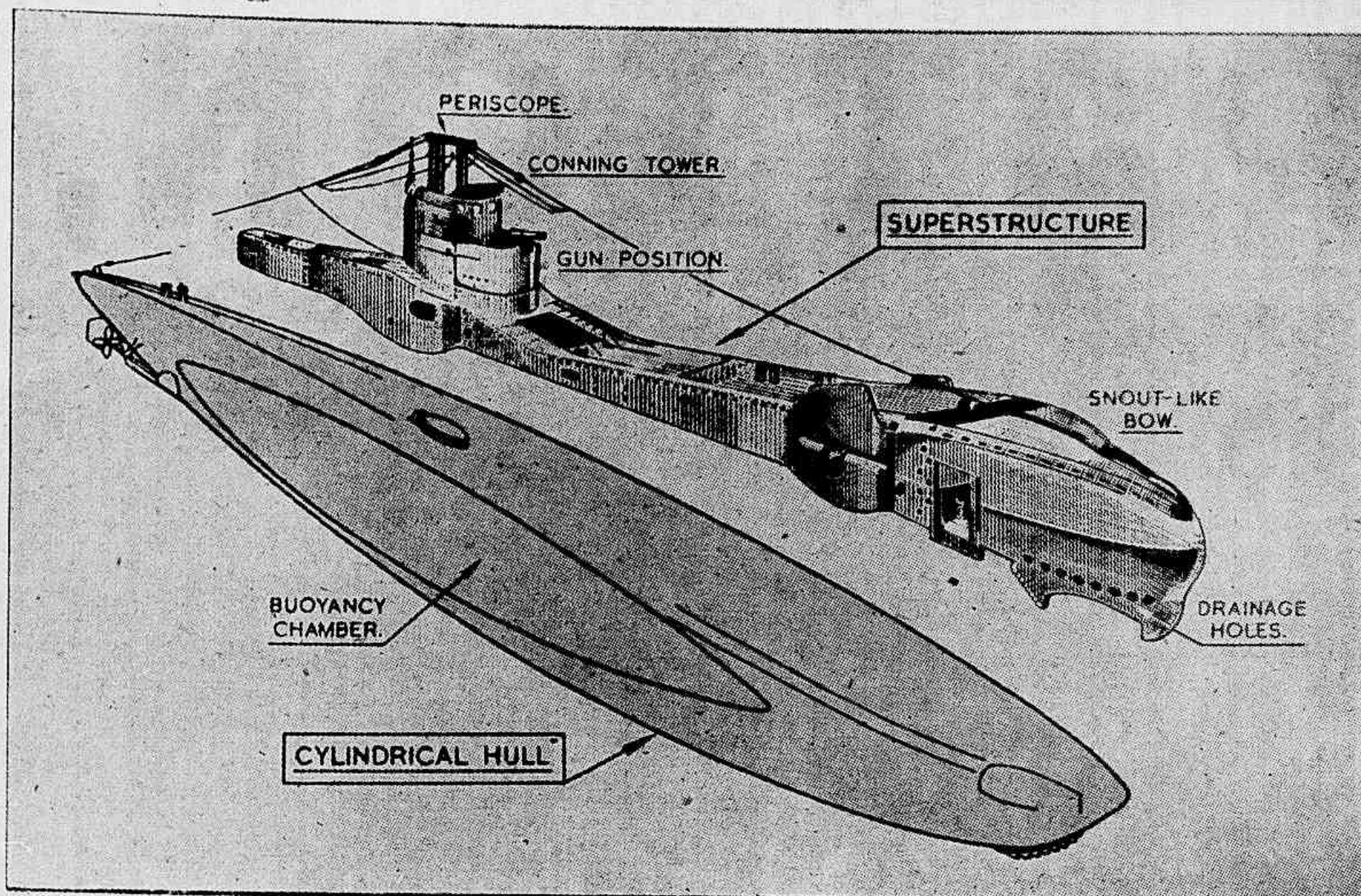
Em vista da sua grande vulnerabilidade, o submarino deve atacar submerso, exceto à noite. Por isso a arma ideal para o ataque aos U-boat, seria aquela que os atingisse submersos com grande rapidez. O torpedo que desenvolve 40 nós é a única arma nestas condições. Os inventores sugerem frequentemente que os submarinos poderiam navegar à frente do comboio lançando uma corrente de minas lateralmente para que este navegasse dentro dela. Neste caso, um grande numero de minas seria necessario para garantir o exito.

Um submarino pôde fazer apenas 7 ou 8 nós quando submerso, e isto apenas por poucas horas (à pequena velocidade as dificuldades crescem) suas possibilidades para lançar tal esteira são pois, evidentemente pequenas.

Em contraposição, o torpedo pôde desenvolver 40 nós e o ataque não precisa ser efetuado pela proa.

Enquanto os torpedos são dispendiosos, uma tripulação bem treinada pode ser consideravelmente eficiente e os exitos são comuns a 2.000 jardas.

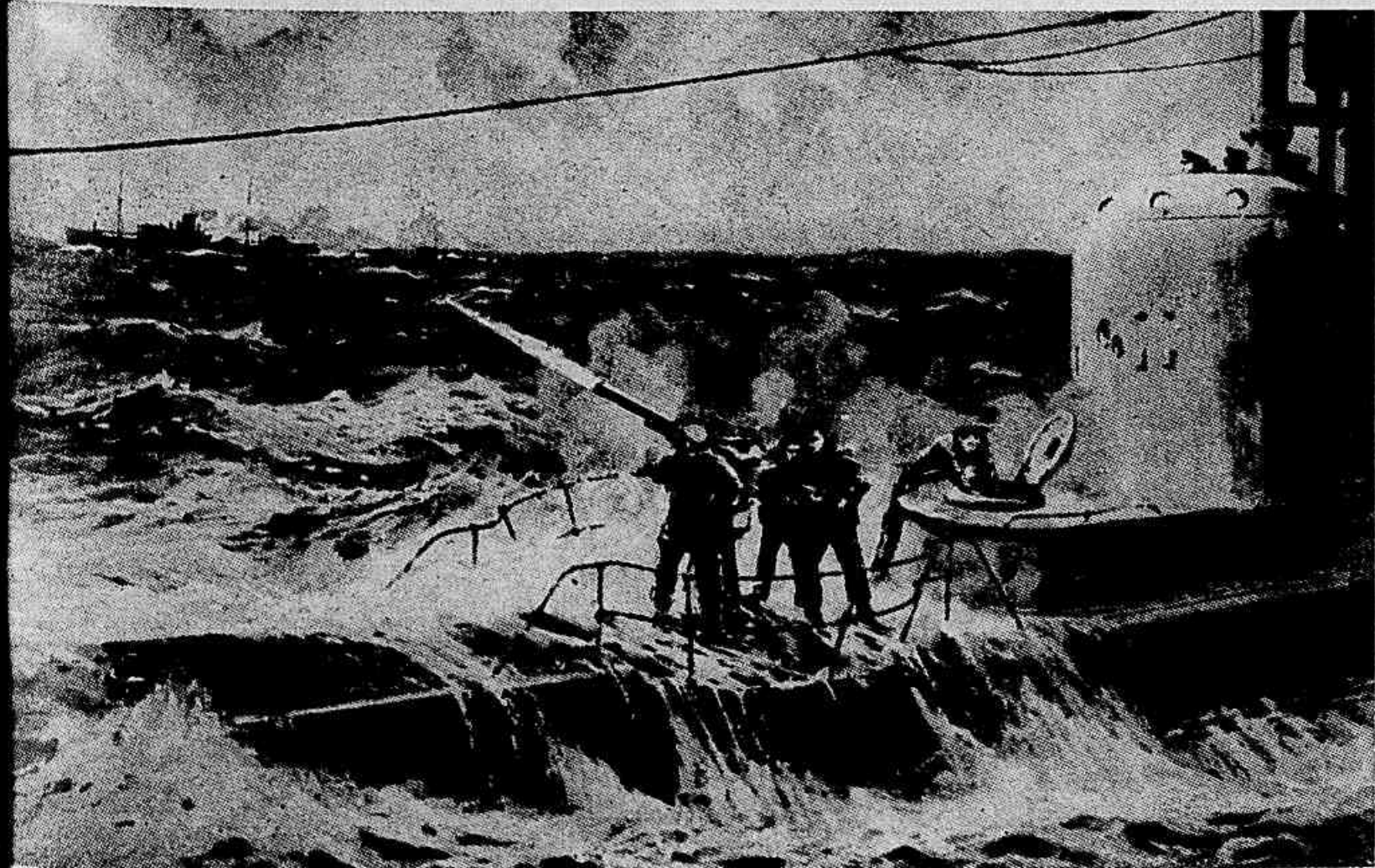
Os submarinos não podem navegar com 5 ou 8 pés abaixo da água.



Modelo dos novos submarinos britânicos. A superestrutura é separada e fica no principal casco cilíndrico. Para tornar a construção mais sólida, as duas partes da embarcação devem ser construídas deste modo. Na parte exterior do cilindro está o tanque. A forma da super-estrutura varia em seus detalhes, com as diferentes classes de submarinos. Esta fotografia mostra os detalhes da construção de um "Thunderbolt".



Um dos maiores tipos de submarinos ingleses da classe do "Thunderbolt", atingindo um pequeno comboio de suprimentos inimigo.



No menor tipo de submarino, usar o canhão num mar encapado é frequentemente um trabalho penoso para os artilheiros quando a arma está colocada nesta posição.

Usualmente eles o fazem com 2 pés ou mesmo 10 a 12 polegadas.

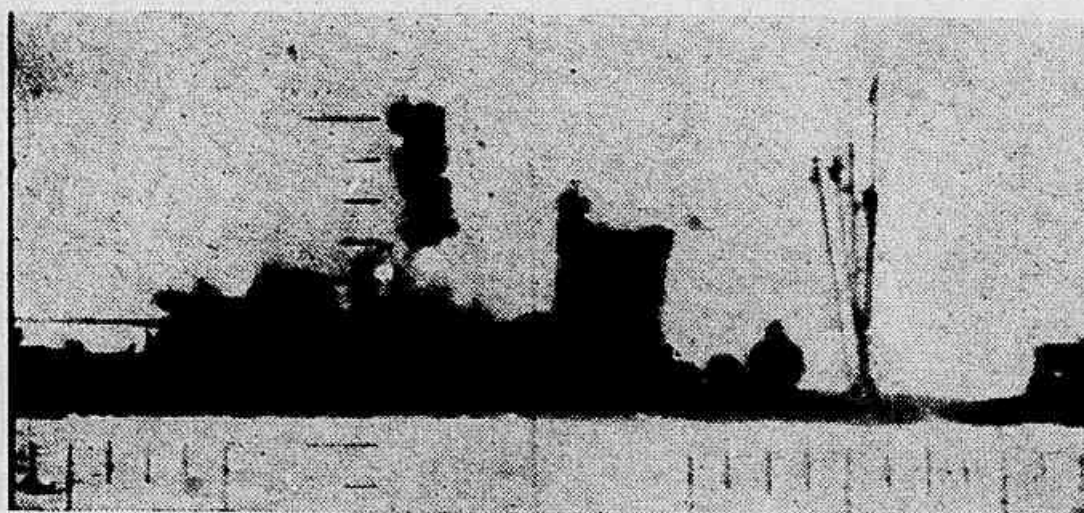
A cerca de uma milha é quasi impossível a um navio ver o periscópio, enquanto a esta distancia é facil para o submarino localizar o navio.

Quarenta e oito horas é o limite pratico de resistencia de um submarino sob agua. Ele deve emergir enquanto as baterias estão "carregadas, pois as bombas que enchem os tanks de lastro ficam secas neste tempo.

O limite de segurança para o mergulho é muito reduzido. Para os botes comuns o limite é de 45 braças ou 270 pés.

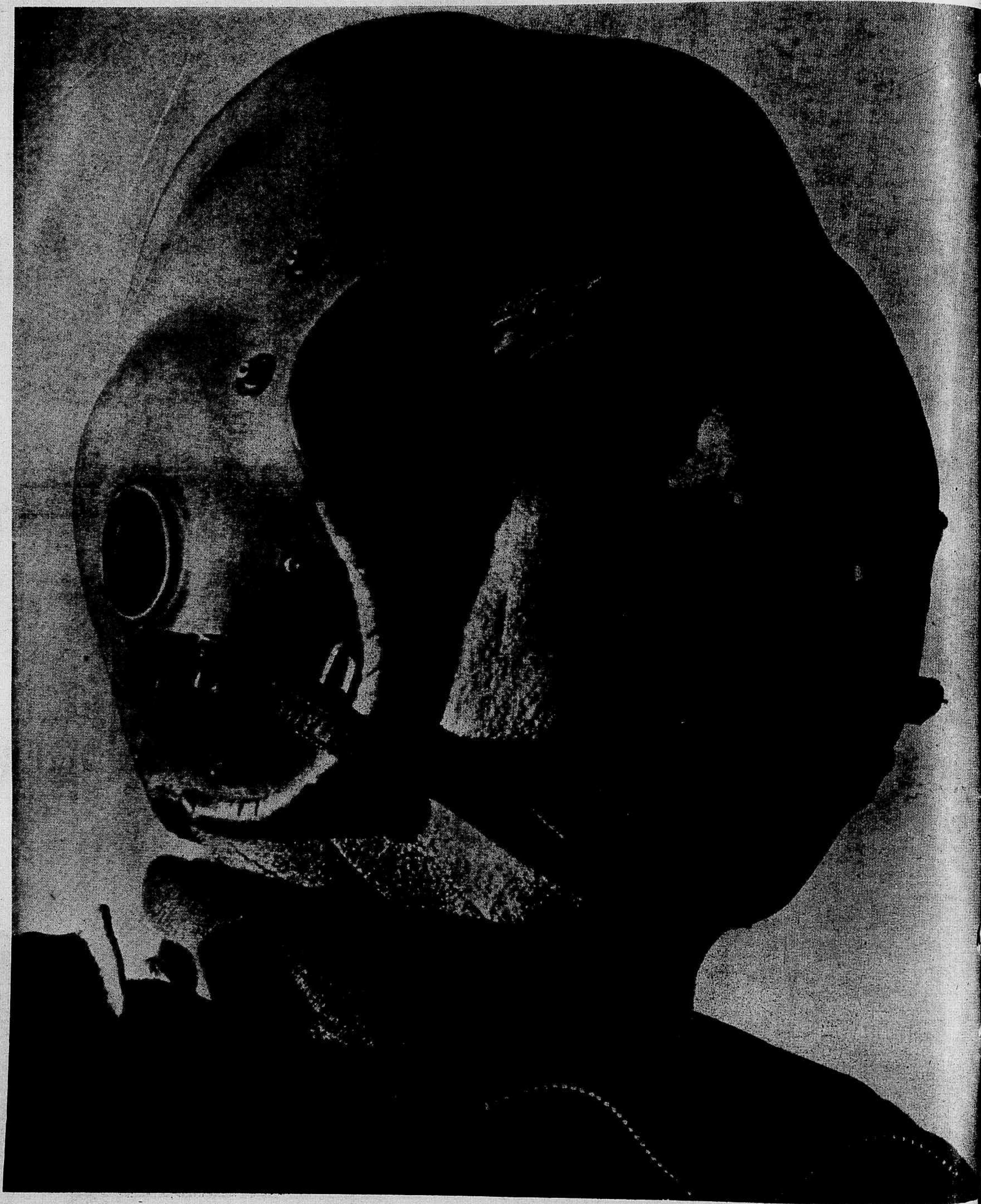
Os submarinos são extremamente semelhantes e sem duvida nenhuma são embarcações muito feias. Duas características distinguem os submarinos ingleses dos alemães e italianos. Uma é a torre que é desenhada em nossos "U-boat" para acomodar seis tubos lança-torpedo. A segunda é que em quasi todos botes ingleses o lugar dos canhões é ao pé da torre e atualmente embutido nela. Na maioria dos botes inimigos os canhões são separados da torre. Navegando com o periscópio muito submerso, num mar picado, pode o submarino se tornar de difficil controle, tornando-se um alvo relativamente facil.

Ordinariamente os movimentos da tripulação, etc., são muito leves para afetar a estabilidade do submarino. Entretanto o fogo de um ou mais torpedos dão um rude couce de baixo para cima que provocam o desequilibrio do submarino.



Como um submarino registra um impacto. A camera que tomou esta fotografia estava sob a superficie das águas do Pacifico, num submarino dos Estados Unidos. A camera tomou a imagem refletida nas lentes do periscópio depois que o submarino atacou e canhoneou este navio Japonês não identificado. As linhas verticais e horizontais na figura são as de gradação nas lentes do periscópio.

PATTON, O DI



s
t

c
s

n
t
t
b
tr
te
c
v
p
v
ra
re
so
qu
m
so
in
ca
a
ac
so
ks
Pa
eq
de
na
se
ca
es
de
da
se
ti
fis
sa
Te
br
do
m
es
qu
o
em

DISCIPLINADOR

Traços biográficos. -- O homem e seu espírito. -- Sua maior aspiração é defrontar-se com Rommel num combate pessoal.

Por **John Field**

Condensado de *LIFE*, de 30-11-42

Na Africa, o General Dwight Eisenhower, senta-se para escrever uma carta ao General George S. Patton Jr. Comandante das forças americanas em Marrocos.

Prezado Georgie:

A Algeria é nessa ha dois dias.

As defesas de Oran ruíram rapidamente com a rendição das baterias de costa. Apenas alguns núcleos resistem. E' preciso forçá-los à rendição rapidamente. Ike.

Ele sabia que mesmo as vontades mais teimosas não resistem por muito tempo ao impeto de Eisenhower.

Em quatro dias, a esquadra Francêsa estava destruída e a cidade, cercada por um movimento de pinça, teve que se render.

A lancha de Patton foi atingida quando este desembarcava.

Dirigindo seu "tank" ele comanda o avanço de suas tropas, em meio ao fogo da artilharia inimiga.

Esgotado o prazo para a rendição da cidade, Patton marchou para o Quartel General do Almirante Michelier, Comandante de Casablanca, com dois revólveres na cintura e uma metralhadora nas mãos:

— "Sinto ter que fazer fogo" — foram as suas palavras.

Parece que daí por diante os fados resolveram favorecer Patton em todas as suas campanhas.

Sua reputação começou a se firmar com a captura de um famoso bandido Mexicano, cujos detalhes daremos mais adiante.

Para definir a sua ousadia e determinação, os soldados costumam chamá-lo "o homem de sangue quente." Tem o arrojo de um cavaleiro Medieval. Seu maior desejo é desafiar Rommel para um combate pessoal. Entusiasmado pela idéia, ele mesmo relata como imagina a cena: "Poderíamos fazer como os antigos cavaleiros. Os dois exercitos ficariam assistindo. Face a face, como dois campeões, decidiríamos então".

Patton sabe, porém, que nenhum oficial alemão, aceitaria tal desafio. Não é possível combatê-los pessoalmente: é preciso combatê-los com as tropas, os "tanks", os canhões de 75 e os aviões. E com esses meios Patton saberá derrotá-los.

Tem grande confiança nos seus homens e no seu equipamento e em alguns meses de campanha aprendeu as táticas e manhas do inimigo.

Em Fort Benning, nos pantanos de Louisiana e nas florestas de pinho das Carolinas, exercitou-se com seus futuros comandados. Com a primeira Divisão Mecanizada, acampou no deserto da California, nas areias escaldantes, aprendendo a viver a uma temperatura de 120° Farenheit. As tempestades de areia e as geladas noites Africanas, as manobras com "tanks" no deserto não o surpreenderam. Patton e seus homens praticaram e conhecem todas essas coisas. A resistencia fisica do General permite enfrentar todas as asperezas do combate. Apesar dos seus 57 anos, aparenta 47. Tem bela estatura, hombros largos, cintura estreita, braços e pernas fortes. E' capaz de derrotar qualquer dos seus jovens oficiais no tiro ao alvo. Pode passar muitas horas sem comer nem beber...

Nos seus lazeres joga polo ou pratica a corrida rasa, esporte em que se pode medir vantajosamente com qualquer jovem graduado de West Point.

Seu temperamento tornou-o conhecido em todo o Exército. A história das suas façanhas correu de boca em boca. Alguns colegas detestam-no, embora todos



Em uniforme especial para as forças couraçadas. Foi ideado pelo General Patton em 1941, não tendo entretanto sido adotado.

admitam que é um brilhante estrategista, e um ardoroso apologista das forças mecanizadas e da aviação. Tendo plena conciencia da importancia do papel que foi chamado a desempenhar, procura reprimir o seu temperamento demasiadamente impetuoso, tornando-se menos arrogante.

Suas promoções sucederam-se rapidamente de dois

anos para cá. Realizou depressa a grande aspiração de tornar-se comandante de um corpo expedicionário. Como General Comandante da 2.ª Divisão Mecanizada tornou-se o favorito dos reporters. No seu "tank", alegremente pintado de vermelho, azul e branco, parece um herói legendario na sua montaria.

Todas as suas ações são espetaculares. Dá a tudo um cunho de dramaticidade. Conta-se que durante as manobras na Louisiana sua divisão devia atravessar o Rio Vermelho. A's primeiras horas da madrugada as tropas chegaram ao Rio. Aí, do meio da ponte, Patton numa atitude que lhe é muito propria, assumindo um ar teatral, conclamou os inimigos imprecando a plenos pulmões: "Venham cães danados! Com mil demônios! Venham depressa!"

Em todos os combates encontra-se nas linhas de frente, quasi sempre num "tank". O inimigo tem procurado em vão capturá-lo, mas ele é muito esperto para se deixar surpreender. Acha que um general deve compartilhar as agruras da campanha com os seus soldados. Exige porém o máximo de cortezia da parte destes. Se algum soldado passa sem cumprimentá-lo, admoesta-o com imprecções. Esse modo de agir, embora constituindo um exemplo para os seus comandados, concorre para obscurecer outras qualidades suas. Felizmente para o exercito Americano, Patton conseguiu vencer o mau efeito que tais atitudes produziam e foi nomeado para o comando das tropas. E' atualmente um dos maiores peritos em "tanks". Por trinta anos eles constituiram a sua unica preocupação. Além disso é um grande estudioso das táticas gerais de combate, possuindo uma das maiores bibliotecas militares dos Estados Unidos. Conhece de cór as campanhas de Napoleão, Lee, Grant, e Frederico o Grande. Acompanhou o desenvolvimento do exercito Alemão desde o fim da guerra passada.

No Mexico, Patton tornou-se o herói duma expedição perto de Namaquita, quando foi encarregado de capturar ou matar um conhecido facinoroso Mexicano. Dirigindo a busca a uma fazenda onde este se refugiara com seus asséclas, viu-se de repente face a face com o bandido. Em trágico combate, liquidou-o.



O General Patton dirige seu "tank". A bandeira com duas estrelas brancas corresponde á sua patente de Major General. Aqui o vemos no montanhoso deserto do sul da California, escaldante e empoeirado que lhe ensinou muito para as suas campanhas atuais.

NA FRANÇA

Em 1917, como ajudante de campo do General Pershing, foi encarregado, de organizar em Langres, a primeira escola de mecanização do Exército Americano. Poucas semanas depois encontrava-se no comando da 304ª brigada, a única mecanizada do exército. Em St. Michel teve oportunidade de demonstrar sua bravura; mas poucas semanas depois era seriamente ferido, quando dirigia um assalto no qual a maioria dos seus homens perdeu a vida. Em consequência disso teve que passar o resto da guerra num hospital. Seu feito foi elogiado em ordem do dia: "Demonstrou esplendida coragem, sangue frio, energia e inteligência, comandando a sua brigada no baixo vale do Aire.

Foi ferido quando comandava uma força de infantaria que levou avante apesar do terrível fogo da artilharia inimiga.

Impossibilitado de avançar, continuou dirigindo as operações de sua unidade até que foi possível transferir o comando."

Para muitos oficiais o dinheiro poderia constituir um obstáculo na carreira militar. Com Patton não sucede o mesmo. Apesar de possuir uma fortuna regular ela não lhe constitui empecilho. Tanto ele como sua esposa acreditam que, desde que o dinheiro seja usado para viver confortavelmente mas sem aparato, deve-se transforma-lo num auxílio.

Em West Point sua maior ambição foi tornar-se um "crack" de futebol, no que não foi muito bem sucedido.

Nos estudos era apontado por seus colegas como um "decorador", de raciocínio vagaroso. Desde o dia em que ingressou em West Point Patton ambicionou ser o primeiro da sua classe a sair general, no que também falhou.

Dois anos depois de sair de West Point casava com Beatrice Ager, de Boston.

As anedotas a respeito de Patton são em grande numero. O General Philip Gage, que foi seu companheiro de quarto em West Point, contou-nos a seguinte:

"Encontrando certa vez o pai de Patton perguntou-lhe este: "Sabe o que fez este maldito rapaz? Estavam praticando o tiro. Patton achava-se deitado debaixo dos alvos; de repente este doido varrido levantou-se no meio da fuzilaria. Queria experimentar a sensação de encontrar-se sob o fogo.

Poucos anos depois ele teria essa oportunidade repetidas vezes. Voltando a casa inteiramente restabelecido atirou-se de corpo e alma às atividades militares. Serviu sucessivamente em Maryland, Virginia, Kansas, Massachussets, Texas e Washington.

Foi por alguns dias ajudante de campo do Príncipe de Gales, atual Duque de Windsor.

Em toda a sua vida Patton tem se caracterizado pela grande audácia e pelas atitudes decididas. Seu

filho lembra-se do dia em que chegou em casa todo ensanguentado e com alguns dentes quebrados: estivera dando uma lição de futebol aos rapazes de Fort Sheridan.

O DISCIPLINADOR

Apesar destes acidentes, Patton sempre mostrou habilidade em manter uma rígida disciplina entre seus comandados, mesmo em tempo de paz.

Dedicou-se também à poesia compondo alguns volumes que segundo ele terão publicação postuma. Estes versos falam-nos de soldados, dos seus sofrimentos e da sua glória, tema que sempre o preocupa.

Atualmente Patton abandonou a poesia por outras atividades mais dinâmicas e perigosas: este é o seu ele-



Mrs. George S. Patton estudando um mapa de Marrocos no jardim de sua residência em Washington. Três vezes depois de casado, Patton ausentou-se do lar para tomar parte em guerras.

meito. Agora suas atividades literárias resumem-se numas poucas palavras que dirige a seus comandados.

Quando a banda militar executa a "Marcha das Tropas Mecanizadas" (escrita por Mrs. Patton) o General aparece dramaticamente na plataforma. Os soldados aguardam ansiosos a palavra de seu chefe e raramente ficam desapontados. Nesses pequenos discursos encontramos frequentemente as palavras "honra", "coragem" e "a necessidade de lutar até o fim".

Como escritor porém é nitidamente superado por sua esposa, que além de historiadora é uma boa novelista. Entre os livros que publicou figura um sobre Hawa-

escrito em francês e uma novela de grande sucesso. Entre o General Patton e Mrs. Patton ha uma grande afinidade de gostos. Antes do casamento tanto um como outro tiveram uma vida cheia de peripecias. Um grande amor ao mar e à navegação uniu mais estas duas vidas.

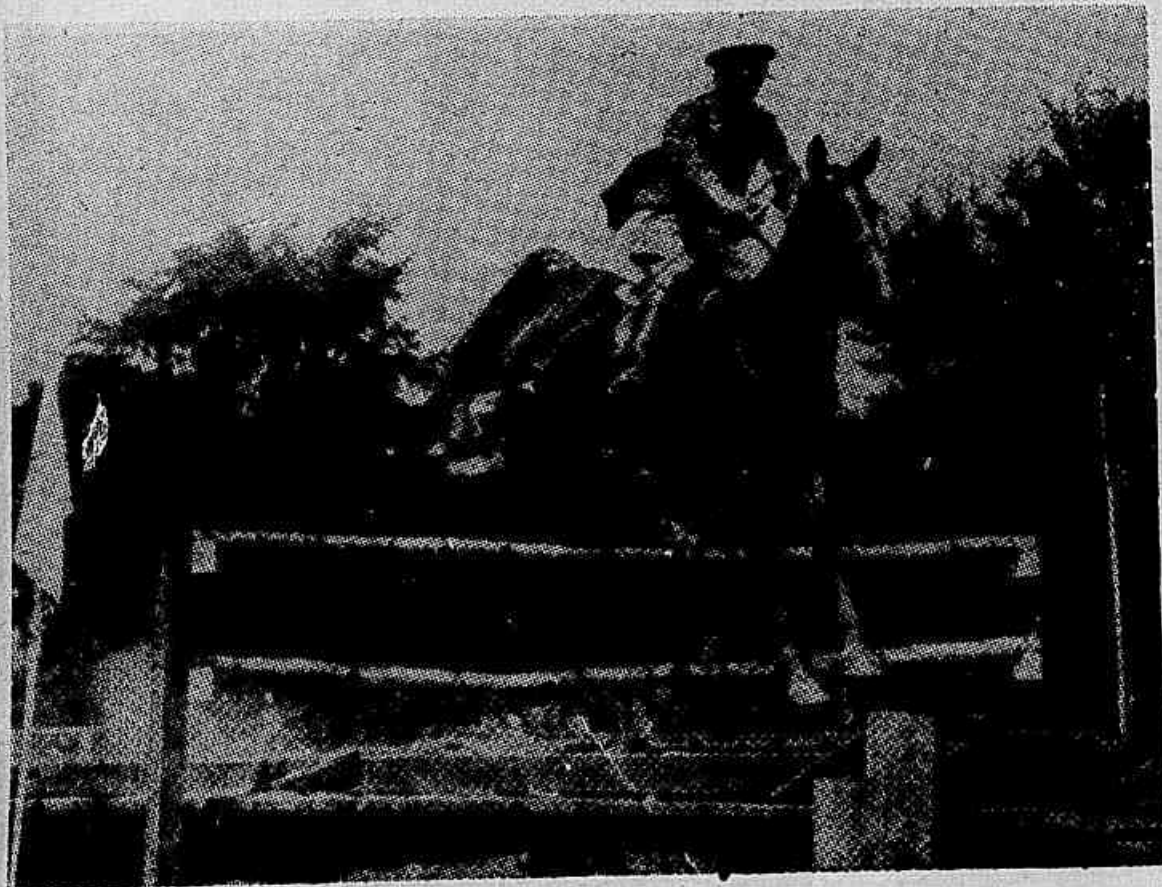
Patton possui um barco, que ele mesmo desenhou, com o qual pretende dar a volta ao mundo. "Talvez" diz ele ironicamente, "seja preciso pedir licença aos Alemães e aos Japoneses". Em 1926 construiu uma bela vivenda campestre em Hamilton, onde com sua esposa passou dias admiráveis de paz e alegria. Nesta vivenda encontra-se atualmente Mrs. Patton.

Para ela o General é como uma grande criança. E' um modelo de esposa, principalmente para um oficial. "Não ha carreira," escreveu, "exceto a diplomacia", em que seja tão importante o papel da esposa como a militar. Depois que nasceu meu primeiro filho já vi meu marido tomar parte em três guerras. Comandou tropas em batalhas, foi gravemente ferido e condecorado por heroismo. O primeiro compromisso de Patton com a história teve lugar em Junho de 1940. Era ele então um Coronel Comandante de Fort Myer. As divisões couraçadas alemãs acabavam de esmagar a França e mesmo os oficiais mais conservadores do Exército Americano começavam a se impressionar com o poder militar dos "tanks". Tornava-se evidente que os Estados Unidos necessitariam de divisões couraçadas e que era preciso organiza-las e equipa-las o mais rapidamente possível. O nome de Patton era o mais indicado para a importantíssima tarefa.

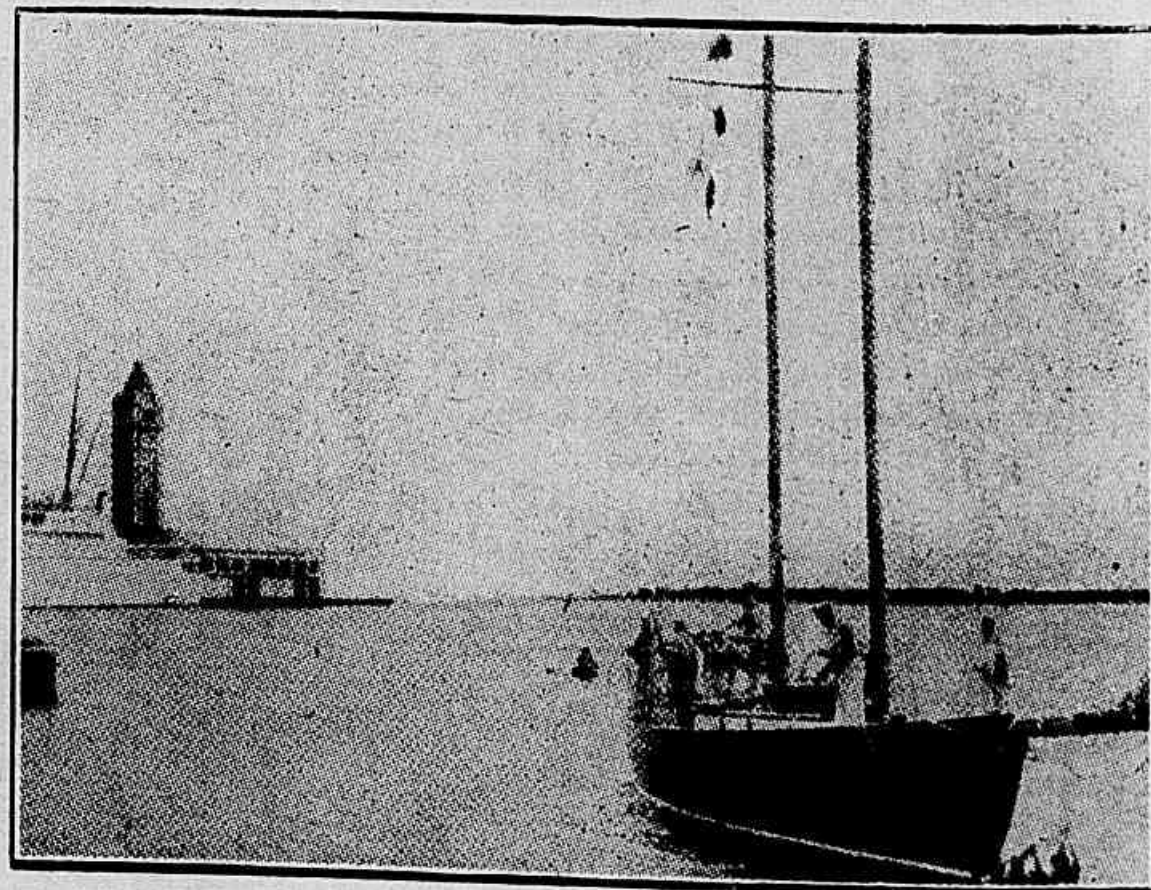
Havia mais de trinta anos vinha estudando e escrevendo sobre os "tanks" e o modo de conduzi-los numa batalha. Conhecia todos os métodos dos alemães. Se algum no exército americano merece o nome de perito em "tank", esse alguém é Patton. Quando assumiu a direção reia uma grande desordem, muitos "tanks" eram velhos e exigiam reparo. Patton conseguiu em pouco tempo restabelecer a ordem. Todos os "tanks" sofreram os reparos necessários. Certa vez assumiu a responsabilidade de comprar equipamentos. Dentro de poucos meses, a Segunda Divisão Couraçada que não passava de um aglomerado de homens e maquinas, começava a sentir a disciplina militar. Em Outubro de 1940 Patton foi nomeado Brigadeiro General, e em Abril de 1941 Major General. Atingiu depressa as culminancias. Finalmente, com a transferencia do General Scott para a primeira Divisão Couraçada, Patton tornou-se o Comandante da Segunda.

Todos os soldados orgulham-se de ser seus comandados.

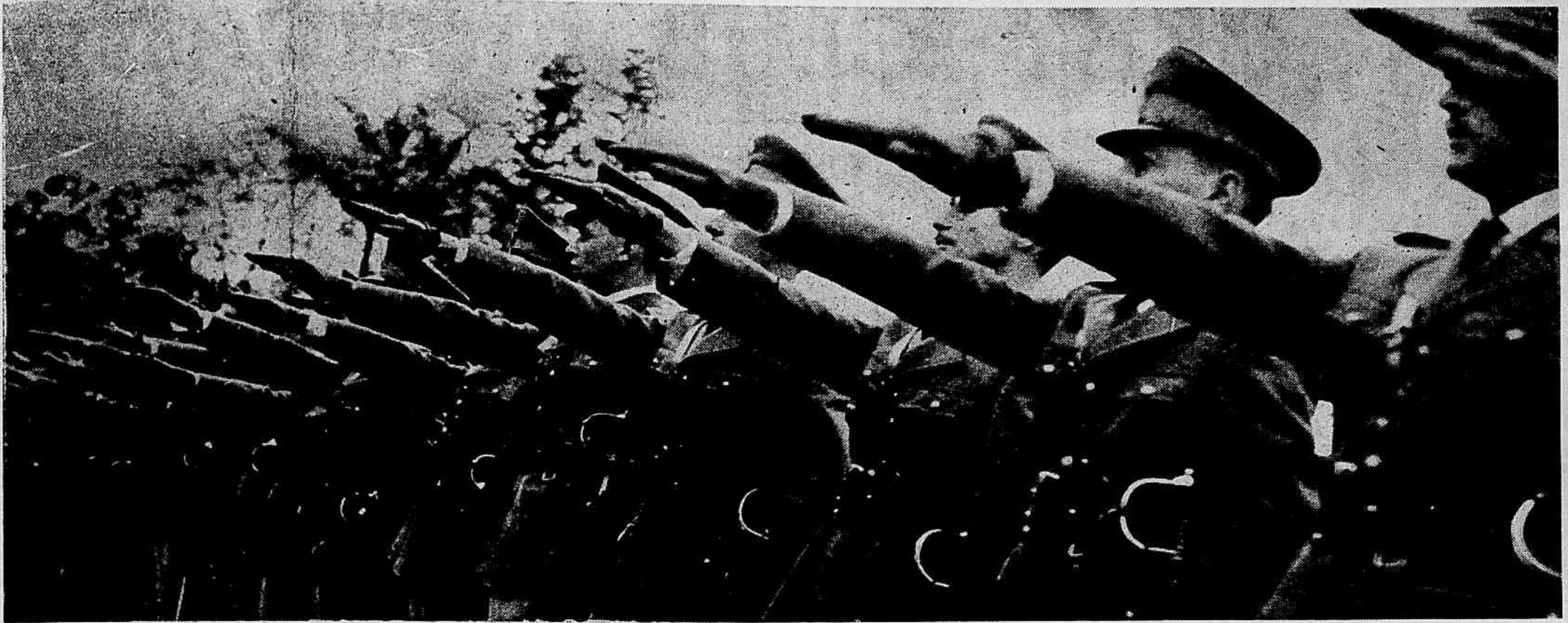
"Todo bom soldado anseia pela glória. Nunca ha patriotismo demais. O desejo de realizar alguma coisa heroica, levará os soldados a lutar até a morte. E' possível defender uma posição apenas com patriotismo, mas não é possível atacar sem a sede da glória. Nunca me interessei pela defesa. Meu lema é: Adiantel Adiante sempre!"



Um belo salto no seu cavalo "Hukupu", em West Point. Patton era então Major.



Arcturus, o "yacht" de Patton — flutuando em Honolulu em 1935, depois de uma tranqüila viagem. A famosa Torre de Aloha aparece ao fundo.



ASPIRANTES DO C.P.O.R. Flagrante apanhado quando os novos aspirantes do C.P.O.R. prestavam juramento em solenidade realizada recentemente com assistência de autoridades civis e militares, pessoas gradas e famílias.

De São Paulo

INSTITUTO ROENTGEN
Radioterapia superficial e profunda
DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.
Rua Barão de Itapetininga, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394
— SÃO PAULO —

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



UMA NOVA CIDADE. Flagrante colhido por ocasião do julgamento das "maquettes" do monumento destinado à cidade que se está fundando com o nome de "Fronteira". Foi unanimemente escolhido o trabalho do escultor patricio Julio Guerra.



PEDRA FUNDAMENTAL. Aspecto tomado quando se realizava o lançamento da pedra fundamental da "Casa do Jornalista", vendo-se, falando a propósito, o sr. Francisco Pelegrini perante grande assistência composta de autoridades e elementos da sociedade bandeirante.

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja -
107 s/ loja - 1.º e 2.º and.

Caixa Postal, 178-B e 2999

Tele fone 2-4550
grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA CONSTRUTORA UNIVERSAL

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agencias em todas
as cidades do Brasil.

**Quando fôr
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succadora da
MAPPIN STORES
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O JOCKEY CLUB MUNDANO



Antes de se iniciarem as carreiras de domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, a Diretoria do Jockey Club ofereceu ali um almoço aos cronistas de "turf". Fixamos acima um flagrante dessa homenagem, feito quando o ministro Salgado Filho pronunciava o seu aplaudido discurso, ladeado pelo Coronel Amilcar Dutra de Menezes, Dr. Herbert Moses e Dr. João Borges Filho. Na pagina estampamos ainda instantaneos os colhidos na "pelouse" pelo nosso fotografo.



VIRGINIA
PATTON
(WARNER)

NO TEATRO DA MODA

Los Angeles

(Verão de 43)

Querida LUCIENNE:

Ontem conversei com Linda Leath, a interessante cronista de "Hollywood Espelho da Moda", que declarou, entre outras coisas de sumo interesse, o seguinte: "O verão é a época em que a mulher tem que valer-se quase exclusivamente dos encantos que Deus lhe concedeu, já que de pouco servem, nas praias ou campos desportivos os cosméticos, o ajuste dos "corsets" ou o artifício dos penteados. Por isso, se acreditamos, até certo ponto, nos milagres do "maquillage", achamos que a beleza ao natural é muito melhor. Ora o segredo de uma silhueta que desperta admiração não está precisamente em manter-se tão delgada que as curvas desapareçam totalmente, mas sim que o corpo sinuoso de uma mulher — sem ser gordo ou demasiado delgado — conserve sua gentileza suave, se caracterize pela cadência do movimento e não dê nunca uma rota discordante. O exercício faz o milagre de dar grácil agilidade aos movimentos e de desenvolver os músculos proporcionalmente; segundo a opinião de Joan Leslie não há exercício como o baile, que é de fato muito recomendável".

E quando perguntei o que achava a respeito dos sapatos de cores, ela respondeu prontamente: "Vivemos numa época em que a força das tendências individuais é avas-

saladora; esta é a razão pela qual as modas refletem, tão às claras, os rasgos característicos daquelas que as impõem, entre as quais figuram como linha de vanguarda as estrelas de Hollywood. Se enveredássemos pelo caminho da filosofia diríamos mesmo que a independência da mulher norte-americana se manifesta com poderosa amplitude no personalismo de suas modas. Daí aceitarmos esses sapatos vermelho-flama, azues, verdes e de quantas tonalidades existem como elementos de fascinação e originalidade, porque hoje ninguém pode pensar em convencionalismo e é mesmo de boa psicologia, necessário, espantar a tristeza e afugentar as preocupações. Entretanto recomenda-se que, entre a maior variedade, se conserve certa harmonia indispensável para produzir belo efeito. Para os sapatos de côr melhor será usar meias de tons claros que se assemelhem ao matiz da pele, para que não contrastem desfavoravelmente; em se tratando de sandalias, podemos dispensar as meias embora estas completem sempre o conjunto".

"E quanto ao traje de noite, indagamos, qual a sua impressão?" "Que continuam cada vez mais sugestivos. E, já que deseja saber minha opinião, descreverei alguns modelos para jantares e bailes que me prenderam mais a atenção.

Bette Davis, por exemplo, outro dia foi a um clube elegante num impecável traje

(Continúa na página 49)

"NAS ASAS DO CANTO"

Reportagem de SUSAN RHODE
para a "REVISTA DA SEMANA"

(Fotos da Universal)

Marie Bashkirtseff, a russa sugestiva e romântica que refletiu, através do seu Diário e da sua célebre correspondência, a época em que viveu, escreveu sobre a voz da Patti: "...é um verdadeiro fogo de artifício. Fiquei inteiramente empolgada, quando lançou uma cascata de notas puras, altas e de uma delicadeza"... Foi isso justamente que sentimos quando Deanna Durbin, no salão de música de sua encantadora residência, acabou de cantar o difícil trecho de Rossini: "Una voce poco fa". Olhos brilhantes, a cabeça ligeiramente inclinada para trás, pareceu-me, sob a luz doirada da manhã, "tão viva quanto o mar se estendendo calmo e polido, sob o sol de Agosto, ao longo da costa de Kent..."

Fiz essa comparação em voz alta e ela agradeceu sorrindo. Depois suavemente perguntou:

— Você gosta muito de Maugham?

— Quem não gosta?

— É verdade. Seus livros são verdadeiros "best-sellers". E sem dúvida um autor surpreendente e universalista pois, ao mesmo tempo que descreve maravilhosamente as paisagens das ilhas dos mares do sul, focalizando os costumes e as tragédias, os romances e a poesia dos nativos e dos renegados, faz aquele estupendo estudo psicológico de "Servidão Humana", escreve ironicamente sobre o destino de um homem e biografa magistralmente Gaguin naquele incomparável "Um gosto e seis vintens"...

— Que por sinal foi filmado e elevou George Sanders à categoria de grande astro. Quanto a você, Deanna, o seu mundo...

— É o da música, ou antes, o do canto. Alguém que não preciso agora definiu a arte como "a expressão de uma impressão." Se assim é posso me considerar uma artista muito precoce pois desde pequenina me deixava levar, como Felix Mendelssohn, "nas asas do canto". Principalmente quando embalava meninos ou bonecas. Então chegava até a compor canções de berço.

— Por isso, provavelmente mostrou-se tão natural no último filme, quando embalava com tanta ternura o chinêsinho órfão.

— Aliás, Susan, aquele argumento emocionou-me profundamente. E a você?

— Sou apenas uma reporter, uma cronista de modas, nas horas vagas, como agora, por exemplo.

— Agora?

— Sim, porque sei que você possui uma invejável coleção de vestidos e tenho um público constituído quase exclusivamente de mulheres. E mulheres elegantes, observe. Olhe: está vendo este maço de cartas?

— Sim.

— Pois todas elas dizem mais ou menos isto: "Susan, quando entrevistará Deanna Durbin? Será que ignora que ela é atualmente uma das mulheres mais bem vestidas do mundo? Isso é quase imperdoável." E então, que responde?

— Respondo como devo. Para desobrigar-me de você e desse público tão gentil só me resta uma alternativa.

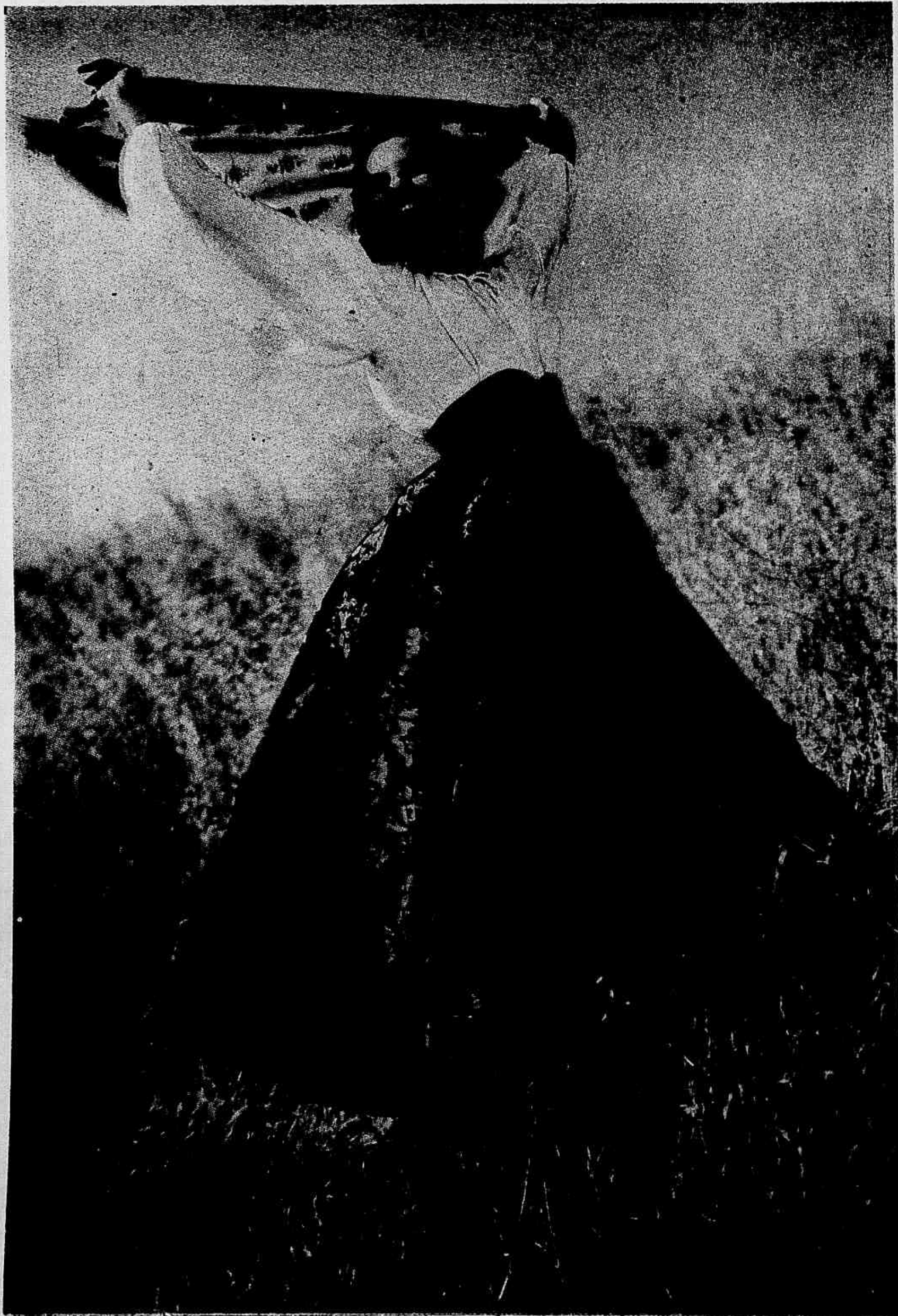
— Qual?

— Mostrar os modelos mais recentes. Serve?

— O. K.

— O primeiro, matinal, deve ser, executado em tecido de algodão "beige". É abotoado por inteiro com botões da mesma pelica marron do cinto.

"Depois vem um adorável costume em "crepe" cor de cereja com listras brancas. No casaco, estas aparecem horizontalmente enquanto na saia são dispo-



mo-
eja-
tui-
ele-
as?
Su-
que
mais
el."

em
com
côr
pa-
nos-



tos de forma vertical. O friso dos bolsos de côr branca combina com a blusa e o chapéu de "piqué" com uma orla de franjas.

"Agora, este modelo em "faille" turquesa combinando com acessórios negros. Observe o recorte na blusa que se prolonga neste vestido inteiro. A cintura um ramo de flores. E depois um chá, que tal?

— Ótimo, Deanna.

— Entretanto há mais ainda. Por exemplo, este conjunto para campo, onde uma saia em algodão estampado se ajusta à cintura por largo corpete negro que contrasta notavelmente com a blusa franzida de mangas amplas. Um lenço franjado para quebrar um pouco a intensidade solar e ...

— ...um feliz "week-end", não é?

— E para a noite?... — Para a noite possuo este modelo em "faille" negra com aplicações rosa-pálido.

"Botões redondos no corpete que aliás possui uma pequena aba como os das elegantes de antanho. Esse é usado quando janto em casa, mas para uma ceia no Copacabana não apareço de cabelos soltos nem de mangas compridas. Absolutamente.

— Então, como aparece?

— Penteio meu cabelo para o alto, enfeito-o com um lindo apanhado de flores ou um passador cravejado de rubis e diamantes. Depois visto alguma coisa sugestiva como esse traje em setim e tulle e quando "alguem" me adverte que estou muito "dés-habillée" calo minhas luvas de cano comprido. Assim, justamente assim, como nessa fotografia.

— Onde você está linda.

— Mais do que na realidade sou, não é verdade?

— Não, Deanna. Dentro da mais palpável realidade.

— Obrigada.

— Eu é que deverei dizer obrigada. Entretanto só me sinto disposta a fazê-lo quando você me prestar outro favor. Outro favor para um maior encantamento.

— Qual?

— Gostaria que cantasse novamente algo que me levasse "nas asas do canto" à perturbação inquietante e sempre desejada da "contemplação dolorosa da beleza".

— Mas, Susan, temos Maugham outra vez.

E é por isso que essas palavras soam deliciosamente, insistentemente como a própria música da eternidade, aquela que somente os artistas podem ouvir na suas fugas reais para o Infinito.



DUAS FOTOGRAFIAS DO BELÍSSIMO QUARTO DE DORMIR.
A SALA DE JANTAR NOS TONS CINZA CLARO E OURO.



NO "LIVING-ROOM" OS DONOS DA CASA CONVERSANDO COM O PRÍNCIPE DADIANI.

O Lar

O SOLAR DOS PRÍNCIPE'S DJORDJADZE

Compraram esta propriedade há poucos anos, restaurando, a seguir, a antiga casa e decorando-a com moveis do século dezoito. As suas terras, dantes plantadas com algodão e arroz, são hoje aproveitadas para pasto de enorme quantidade de gado bovino e ovino. A princeza, cujo nome de solteira é Andrey Emery, foi casada em primeiras nupcias com o príncipe Paulo Romanoff Ilynsky.
Este belíssimo recanto fica na Carolina do Sul, nos Estados Unidos.

MOBILIÁRIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

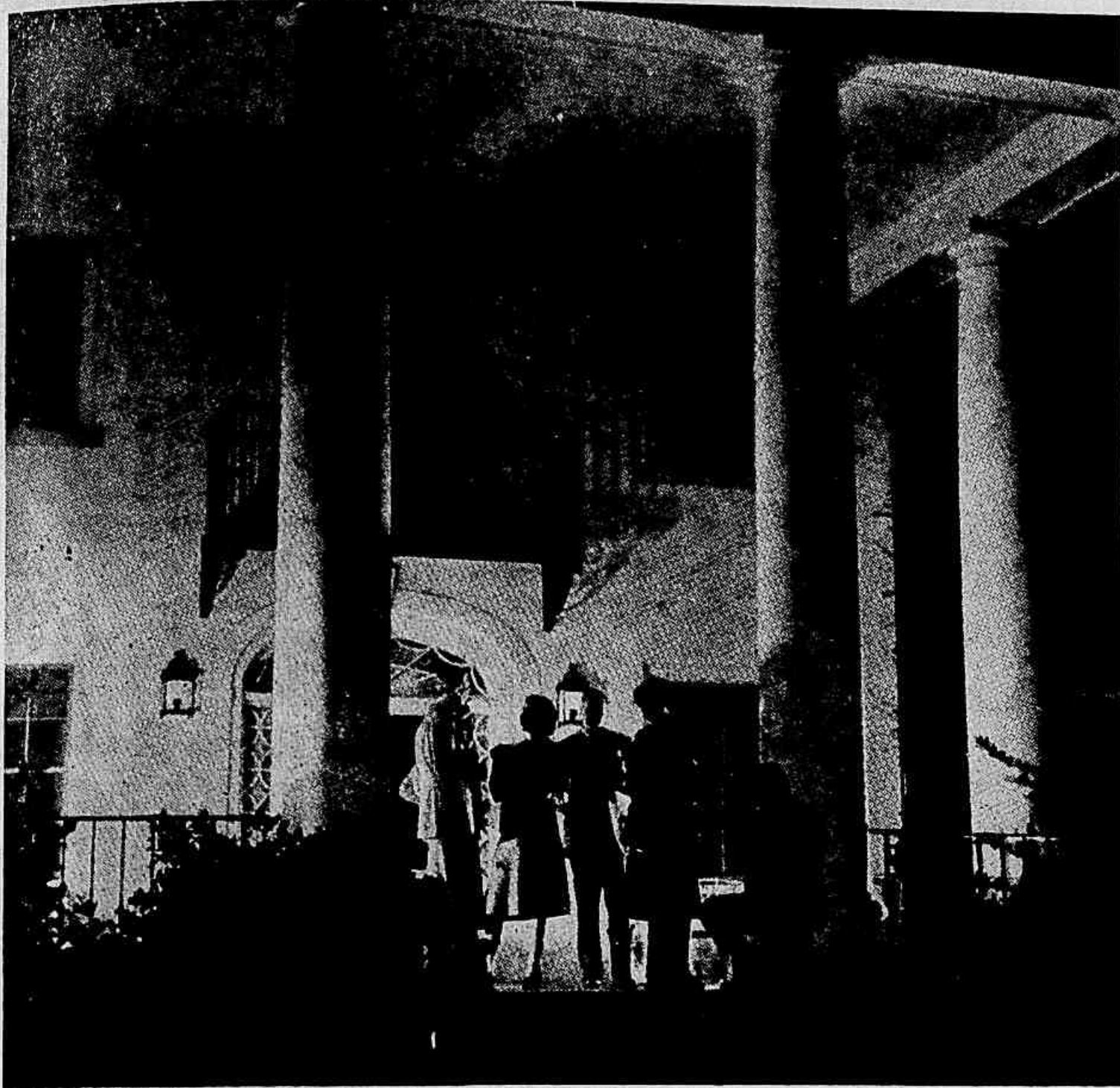
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

**A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE**

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



O VESTIBULO.

O PRINCE PAULO, FILHO DO PRIN-
CIPE PAULO ROMANOFF ILYNSKY.

O TERRAÇO COM AS
SUAS ALTAS CÔLUNAS.

A FACHADA DA CASA.



O homem-máquina

A loucura de William Duckson começou cedo. Muito moço, manifestou-se nele acentuadíssimo gosto dos esportes. Cultivou diversos, com o mesmo entusiasmo. Perto, porém, dos quarenta anos, declarou-se-lhe a paixão da bicicleta. E então tornou-se varrido.

Meteu-se-lhe em cabeça que era, ele próprio, uma bicicleta. Não tornou a sair de casa sem levar, bem à vista, entalada na fita do chapéu, uma placa com o número que ele entendia ser da Inspetoria de Veículos.

Não são raros os exemplos de maluquices semelhantes. Pode-se citar o caso da mulherzinha que enlouqueceu por ter bebido chá em excesso e se julgou convertida em bule. Assim viveu muito tempo numa casa de saúde onde lhe não contrariavam a mania. Deixava-se ficar habitualmente com um braço dobrado para a cintura, simulando a asa, e outro para a frente, fazendo o bico do bule. E imitava na perfeição o ruído do chá caindo na xícara. Tinha, porém, um medo horrível de esbarrar em alguma coisa, porque era de porcelana e, portanto, frágil.

William Duckson não receava tal desastre. Orgulhava-se de ser feito de aço da melhor tempera e borracha da mais fina. De acordo com a sua nova situação na vida, andava pela rua arredondando as pernas tanto quanto possível, o que o fatigava deveras, mas era absolutamente necessário a um homem que em vez de pernas tinha rodas e

Conto humorístico do escritor francês GABRIEL DE LAUTREC

não queria dar na vista. As vezes, ao voltar para casa, queixava-se à esposa de sentir caimbras nos raios. E era um trabalho enorme para o fazerem ir para a cama. Teimava em afirmar que ficaria muito melhor numa garagem. Cedia, por fim, porque era de bom gênio e não queria contrariar a família. Mas quase sempre, antes de adormecer de todo, desatava incontinentemente a rir. Achava engraçadíssimo aquilo de uma bicicleta metida no leito, como se fosse uma pessoa...

De manhã, antes de sair, enchia as bochechas de ar, como se fossem pneumáticos, e apalpava-as cuidadosamente, a ver se tinham a necessária elasticidade. Trazia sempre consigo uma chave inglesa, com a qual, a pretexto de frouxidão em várias peças, apertava os botões da roupa. No bolso esquerdo do paletó, levava uma almotolia para, de quando em quando, lubrificar a garganta. E, como precisava de fortificantes, a esposa se aproveitava da almotolia para o fazer tomar, sem ele dar por isso, óleo de fígado de bacalhau.

Assim foram as coisas até ao dia em que os progressos realizados na locomoção moderna começaram a anuviar a alma de William Duckson. O nosso homem entristeceu deveras. Deixou de dilatar as bochechas e de aparafusar os botões. Era uma bicicleta que perdera o gosto da vida. Como o metal deixa de reluzir, foram as côres da saúde esmorecendo nas faces de William Duckson. E a expressão dos seus olhos tornou-se comparável a uma lâmpada cuja pilha se vai extinguindo.

Está visto, porém, que aquilo não podia durar muito tempo. Um belo dia Duckson anunciou misteriosamente à esposa que era uma Vinte Cavalos. A transformação se operara "naturalmente", sem abalos. À sua alma voltou a serenidade. Houve apenas um inconveniente: tiveram que mudar de apartamento, porque o antigo se tornara acanhado para a nova máquina. E a velha criada do casal teve que ir fazer uma aprendizagem de oito dias numa oficina de automóveis, para poder cuidar convenientemente do patrão.

William saía a passeio todas as manhãs. Quando, defronte da porta, notava que não havia espaço bastante para dar volta, recuava cautelosamente até à parede e descrevia uma curva elegante. A esposa acabou assentindo em sair com ele. A sua marcha era então mais esforçada por causa do peso considerável que transportava. Assim que avistava um inspetor de veículos diminuía a velocidade, para evitar a multa. O único inconveniente para a esposa, dama de impecável compostura, era este: de onde em onde, William parava na rua. Era uma *panne*. William procedia a uma manobra desesperada para se examinar por dentro ou deltar-se sob si mesmo, para ver o que lá por baixo não estava certo...

A sra. William Duckson era pessoa enérgica e resoluta. Acabou por se aborrecer daquele marido-máquina e resolveu curá-lo. Conversou longamente com o médico da família e chegaram a acordo quanto ao processo a adotar. O doutor era altamente inteligente. Tinha obtido curas maravilhosas pelo sistema homeopático. Foi este sistema o escolhido para o caso. Não há maior erro que o de contrariar os doentes, não os considerando tais como julgam ser. E' sabido como se obteve a cura do filósofo Malebranche que julgava ter um presunto pendurado da ponta do nariz. Esse presunto imaginário causava o maior embaraço ao sábio quando este ia escrever. Até que o seu médico decidiu fazer a operação. Munido-se dum canivete e, tendo vendado os olhos de Malebranche, deu-lhe um corte no nariz; depois, exibiu o soberbo presunto que levava escondido; e o filósofo, ao examiná-lo, só estranhou um tanto, porque o julgava bem maior. Mas estava curado, era o essencial.

Assim se fez *mutatis mutandis* com William Duckson. O médico ouviu com perfeita seriedade as narrativas e as explicações do homem automovel. Felicitava-o pela sua condição de veículo e gabava especialmente certas peças. De comparação em comparação, dedução em dedução, concluíram que o homem outra coisa não era senão um automovel aperfeiçoado. Desde então Duckson só pensou em se aperfeiçoar. Toda a gente o aprovava, o encorajava nesse sentido. E um dia, William Duckson amanheceu homem como dantes, tendo à força de maluquice recuperado o juízo perfeito.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Sallará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pílulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pílulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



Esse primeiro SORRISO...

Quando se prepara para encontrar-se com *ele*, você se esmera no vestuário, no penteado, na maquiagem. Os seus dentes precisam estar resplandecentes. Manchados ou sujos, estragariam o mais lindo sorriso. Escove-os sempre com Creme Dental Squibb. É um "dever" de toda mulher de bom gosto. Milhões usam-no, pelo seu sabor agradável, pela sua deliciosa sensação de frescor. O importante, porém, é que se tra-



ta de um dentifício *seguro*. Sua fórmula científica impede o uso de substâncias rásantes ou adstringentes: jamais afetará o esmalte ou as gengivas. Pelo contrário, contém um excelente *anti-ácido* — o leite de Magnésia Squibb! Cada tubo traz o Selo da Casa Squibb — a segurança da melhor qualidade que o conhecimento científico e o cuidado humano podem produzir. Squibb é um nome de confiança.

CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

Não cometa esse erro!

Faltas psicológicas da mulher e meios de evitá-las.

Dr. Antonio Pita

A natureza deu ao homem a iniciativa no amor e à mulher a magia de enfeitiçar, o encanto de mentir e a resignação de esperar. O homem — em troca — é tão habil na ciência de afagar como torpe na arte de fingir. A mulher — ao inverso — confia mais em sua beleza e nos enfeites que a tornam mais encantadora que em todas as palavras que ela possa prodigalizar para triunfar no seu amor. Há — claro está — algumas exceções, mas, em geral, muitas cometem esse erro como o simular afetos ou dissimular intenções que o homem superior não tarda em perceber.

Seja dito, com o máximo respeito, a mulher, em geral, é uma alma boa mas uma sentimental, que quando se entenece comete o erro de confundir o imaginável com o real; por isso é tão aficiada às novelas no seu afã de evadir-se da realidade pela dimensão virtual da fantasia — para esperar desde sua inércia espiritual que as ociosas ilusões deem passagem às generosas esperanças.

Todas anseiam, como é natural, possuir armas poderosas para a conquista do amor; poucas, sem embargo, sabem explorar a eterna vaidade do homem; ainda que muitas sejam calorosas em fingidos elogios, algumas são frias nos elogios merecidos; esquecem que ao homem agradam as palavras que lhe atribuem virtudes que não possuiam ou importância que de fato não tem. Freud assinalou o instinto sexual e o "desejo de ser grande" como únicos motivos de toda a atitude humana. Não se pode negar que em toda atitude humana aflora o interesse. Por isso, se perdoados as delituosas ignorâncias e as risíveis faltas de espírito, ganharemos as simpatias dos tolos que formam a maioria já que, ao conquistarmos sua leal devoção, ganhamos um desinteressado colaborador e até um bom propagandista.

Outro de nossos habituais erros psicológicos é o olharmos só nossa conveniência, supondo que interesse ao demais. O segredo do êxito — disse Henry Ford — reside na capacidade de apreciar o ponto de vista alheio, e dentro dele, olhar as cousas como proprias.

A mulher inteligente — que as vezes é rica em engenho e pobre em beleza — é uma mestra na arte de agradar; sua técnica social é impecável; como conhece a alma humana, adverte que é melhor compreender que censurar. Nas reuniões escuta com interesse as maiores tolices. Nas reuniões deixa falar os demais, e quando o faz, usa uma forma suave e amistosa; esquivava com habilidade as discussões e é respeitosa para as ideias alheias. Sabe que os homens são seres emotivos, que estão cheios de prejuízos e que atuam dominados por dois grandes sentimentos: o anelo de ser grande e o instinto sexual e a estas realidades ajustam suas palavras e seus atos.

Sabe que todos oferecem um amor eterno que seu instinto não os permite sustentar; que os homens são escravos de paixões, desejos e necessidades impostos por sua natureza animal, sujeita e comprimida pela sociedade; que são, enfim, animais razoáveis amansados e polidos pela educação. Não ignora que em todo o ato humano, por elevado ou altruista que seja, há sempre um interesse ruim ou generoso, porque na comédia da vida todos anelamos algo.

Poucas são as mulheres como esta, que estão dotadas deste temperamento modular e do talento para manejar com engenho os fatores psicológicos... Entretanto, dito em tom menor, os moralistas em geral são os culpados da mulher, via de regra, ser uma analfabeta do amor. Em verdade que classe de educação dão às meninas casadoras? Nenhuma. Envia-nas às escolas para que se instruem e aprendam muitas cousas inúteis e que advinhem as demais. Em troca são preparadas nas artes, idiomas, ciências, etc. e sobretudo no cultivo de sua beleza isto é no "camouflage" para sua carreira definitiva que é o matrimônio; mas a técnica do trato social, a arte de conquistar respeito e consideração, ou o tato da psicologia para conhecer e tratar os homens tudo isso só advinha pelo instinto ou conhece de ouvido.

Claro está que elas não teem a culpa, senão os prejuízos morais e intelectuais de seus educadores; os pudores e silêncios familiares não permitem a leitura de livros instrutivos nesta matéria tão complexa e a entregam desarmada a competir num mundo onde campêam as sacerdotisas do amor. Numerosos fracassos conjugais devem sua origem a causas incontáveis, por que a mulher moderna, tão aficiada aos estudos universitários — que adornam sua personalidade — está descuidando um dos setores mais importantes, pois em seu afã de conseguir uma vida independente não tem tempo de ocupar-se dos vulgares mistérios da vida prática, e é, a meu ver, inabil nas

fainas próprias de seu sexo e até na direção da sua criação.

Do lado oposto temos a "menina" de BEM que não se preocupa com sua cultura mental e espiritual porque acredita que "não a necessita" já que conta com seus encantos exteriores e sua posição social. Resultado: quando conhece um homem sério, a única coisa que sabe é sorrir e, se tem a sorte de prendê-lo, pior para ela. Se fracassa não lhe ocorre pensar em seu vazio espiritual, em sua cultura descuidada, em seu léxico defeituoso e isento de interesse ou em sua inaptidão de sustentar uma conversação amena, salpicada de humorismo. Pensa que não foi "seu tipo"; então oculta o desencanto criando ao seu redor certo "ballyhoo", ao mandar seus retratos às crônicas e organizar festas que somente logram atrair ao homem mosca, hóspede habitual de seus festins. Ante essa realidade parece útil aconselhar a estas meninas, já que a mulher superior prescinde disso. O primeiro que devem fazer é instruir-se, abandonando o passatempo de ler contos e novelas; depois cultivar seu jardim espiritual, povoando-o de pensamentos, lembranças, meditações e finalmente desenvolver, com o trato, essa psicologia social a que Dale Carnegie chamou a "técnica para tratar o próximo"; algumas de cujas ideias encontrarão aqui para que possam ocultar por momentos seu vazio espiritual.

"Não critique; não censure ninguém e fale bem de todos (ainda que o não mereçam); abandone o costume de queixar-se de um lugar: espetáculo, reunião, festa, etc., etc., porque é de mal tom, mas falar dos ausentes, trocar frases cruzadas, murmurar ou dar ouvidos a chistes pondo na berlinda uma pessoa, isso é de gerite inferior. Alente ao seu redor uma atmosfera simpática; recorde que as demais têm suas necessidades, suas vaidades, seus defeitos; seja sempre tolerante, procure que os outros fiquem bem, etc. e siga a tática exposta pela mulher superior. Quando falar com rapaz é melhor escutá-lo e falar dele que demonstrar o que você vale. Observe que "esse interesse" deve partir dele e não de você. Faça com que se sintam importantes a seu lado. Quando quiser algo jamais comece pela parte dura — seu interesse — mas busque apoiar-se primeiro no próprio interesse da vítima. Não esqueça que nossas intenções e desejos são egoístas e devemos ocultá-los: assim para pedir uma coisa nunca diga: "Quero" ou "Desejo" porque isso só interessa a você. Diga melhor "A Fulana" gostaria...

Seja discreta no elogio: lembre-se que a lisonja é o embuste das boas almas enquanto que a "adulação", a mentira interessada dos seres despresíveis. Sorria, oportunamente; seja uma boa ouvinte e deixe falar os demais. Nomeie as pessoas com quem fala porque todos apreciam ouvir seu nome; tenha pequenas atenções e — sobretudo — seja cortês com seus inferiores; não critique, não insista, não discuta.

A qualidade de um pretendente se conhece nas suas primeiras palavras: o superior é ponderado e sério na questão; e o medíocre é tímido primeiro e falador depois; mas o vulgar será sempre um fanfarrão que oferece o que não pode e que critica os demais.

Desconfie do amor à primeira vista — que descansa sobre seu aspecto físico. Este é precisamente o objetivo do homem vulgar. Se está para casar-se ouça este conselho: não creia que com o matrimônio conquistou seu marido; porque os fatores fisiológico e moral decidirão sua felicidade ou sua desgraça. O que deve fazer, de princípio, é demonstrar sua superioridade moral — a falta de outras — manter o domínio de si mesma abandonando zelos e paixões.

Contra a opinião geral, dê absoluta liberdade a seu marido, não fale de seus amigos e pessoas com quem trabalha, atue como amiga e conselheira e torne atraente seu lar. Surpreenda-o com um bom prato, vista-se e adorne-se a seu gosto, ajude-o em seus assuntos, apoiando-o nos seus fracassos; desculpe-o em seus erros e não sustente opiniões encontradas que deem lugar a discussões; e sobretudo mantenha relações íntimas com sua família, visite-a a meude, interesse-se por ela, etc.

Se obedecer esses conselhos cousa alguma ou alguém poderá derrubá-la do pedestal em que se coloca porque descansa sobre a base da mútua compreensão; demais, não seja uma analfabeta no amor; leia e estude nos livros escritos sobre este tema, para que não seja no futuro uma dessas infelizes do amor que, devido a erros psicológicos, terminam enfermas dos nervos a ponto de perambular pelos confessionários, pelos gabinetes das advinhas e das cartomantes para terminar nos consultórios médicos.



O homem, em todas as partes do mundo, é sempre igual: habil na ciência de afagar como torpe na arte de fingir.



"Surpreenda-o com um bom prato, vista-se e adorne-se ao gosto dele, ajude-o em suas tarefas e ninguém poderá derrubá-lo de seu pedestal".

Charles Drake e Alexis Smith
(da Warner)



OITO

CHAPEUS PARA MENINAS





Há por aí muitas pequenas para as quais uma estação sem o chapéu adequado é como uma primavera sem flores ou como um doce sem açúcar. A verdade é, senhor ou senhora, conforme for o caso, que enquanto os homens pensam em amor, na imaginação das meninas existe um cantinho para as modas.

Houve um tempo em que elas não tinham direito de dar opinião sobre o que deveriam ou não vestir.

Mas estes dias passaram e agora os desenhistas de modas resolveram descer do seu Olimpo para dar atenção às jovens, beneficiando-as com a sua arte.

Este ano os desenhistas deixaram tudo de lado para deleitá-las com uma avalanche de chapéus.

Há chapéus de todas as confecções e de todas as formas e tamanhos: chapéus para costumes, chapéus para festas, chapéus de palha e de feltro, chapéus inspirados pelos modelos dos usados pelas mulheres em serviços de guerra, todos interessantes e alegres.

A série de fotografias dá uma idéia de alguns destes chapéus para as lindas garotas que serão as debutantes de amanhã.



- 1 - Miss Primavera... De estampa brilhante e a coroa redonda, com uma faixa de fita, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 2 - Chapéu de Feltro... Uma pequena aplicação de fita, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 3 - Garçonnet... Uma jovem, vestida para um baile, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 4 - Tricô... Um chapéu de tricô, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 5 - Feltro... Um chapéu de feltro, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 6 - Sua escolha... Um chapéu de feltro, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 7 - Chapéu leve... Um chapéu de feltro, com uma coroa redonda, dá a impressão de uma jovem primaverã. Sua decoração, realizada em tecido, é simplesmente linda, com o toque de cor que lhe dá o charme.
- 8 - A la WAAC... Este modelo foi inspirado nos chapéus das mulheres do "Army Auxiliary Corps" e foi desenhado para que as meninas possam usá-lo. O símbolo é de feltro domado com fitas vermelhas.

NOTICIARIO



Realisou-se nesta Capital o enlace matrimonial da Srta. Rachel Novo de Macedo, filha da Sra. Leonor Novo de Macedo e do Sr. Antonio de Souza Macedo, com o Sr. Edison Giudicelli.

Aniversarios da Semana

4:— Senhorita Genita Horta de Araujo. Senhores: Governador Beedito Valadares, Filinto de Almeida, dr. Jorje de Castro Barbosa, capitão Felisberto Batista Teixeira e Osmundo Pimentel, nosso colega de imprensa.

5:— Senhora Alexandrina Santana Cardoso. Senhores: dr. Eurico Tavares, dr. Severino Leite Miranda, Emilio Barbosa dos Santos o nosso confrade dr. Jorge Santos e dr. Abrahão d. Benoliel.

6:— Senhoras: Ester Mangabeira e Corcheta Bastos Tigre. Senhores: general Emilio Lucio Esteves, coronel Armando Nestor Cavalcanti, dr. Renato Almeida e o advogado Alvaro Batista.

7:— Senhora Avelina Cruz Rics.



Um aspecto da cerimonia religiosa do recente enlace matrimonial da gentil Senhorita Lydia Noronha Garcia, neta do saudoso Almirante Luiz Henrique Noronha, com o Snr. Nicola Martire, negociante estabelecido nesta capital.



Aspecto da cerimonia religiosa do enlace da Srta. Mary Halliday, filha do Sr. Thomaz Halliday e exma. esposa, membros da colonia britanica do Rio de Janeiro, com o Sr. Angus Frederick Hiltz Jr. A cerimonia nupcial teve lugar ás 17 horas do dia 28 de outubro ultimo na igreja de N. S. da Piedade, á sua Marquez de Abrantes, 215.

ELEGANTE



ENLACE GODOY-MOURA — Realizou-se em Outubro p. findo o enlace da senhorita Maria de Lourdes de Godoy com o Dr. Carlos Eduardo Soares de Moura. A noiva é filha do Dr. Candido Caro de Godoy, e da Sra. D. Francisca Ladeira de Godoy, e o noivo filho do Dr. Camillo Soares de Moura, e da Sra. D. Emilia de Almeida Soares. Foram padrinhos da noiva no ato religioso o Dr. Luiz Vergara, e sua exma. esposa D. Adelia Dutra Vergara, e do noivo o Dr. Francisco Duque de Mesquita e a Sra. D. Judith Soares Barreto; no ato civil o professor Dauro Mendes e sua exma. Sra. D. Ivanoska Maciel Mendes e por parte do noivo o Dr. Helio Bruno e a Senhorita Emilia Soares de Moura.

8:— Senhora Brulda, Silvester de Carvalho. Senhores: dr. Rodrigo Otavio Filho, dr. Abrahim Tebet, Rodolfo Cardoso e dr. Roberto Beltrão.

9:— Senhora Deolinda Pereira Santos. Senhores: dr. Aibal Machado, dr. Raul Gomes de Mates, dr. Valfredo Machado e dr. Mazzini Bueno.

10:— Senhora Eudilia Pereira da Cunha. Senhores: miistro Leopoldo da Cunha Melo, desembargador Alvaro Belfort e José Olimpio Pereira Filho.

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS

A Papeiaria Mascote Ltda., fundada pelo saudoso comerciante Antonio Bruno, completou a 20 de novembro ultimo o seu 33.º aniversario, efemeride esta que foi comemorada pelos seus atuais proprietarios, os Srs. Augusto Teixeira Azeredo e José Carvalho, com uma missa em ação de graças mandada celebrar na Igreja de São Francisco de Paula, à qual compareceram, além de todos os auxiliares da casa, pessoas das familias dos socios da firma aniversariante e grande numero de amigos.

A data foi ainda comemorada festivamente na séde da Papeiaria, à rua do Ouvidor, 165, pelos seus proprietarios e auxiliares.

O cliché ao lado mostra um grupo formado após a missa, aparecendo o Sr. Augusto Teixeira Azeredo ladeado por seu socio, pessoas de sua familia e amigos que compareceram ao ato religioso.



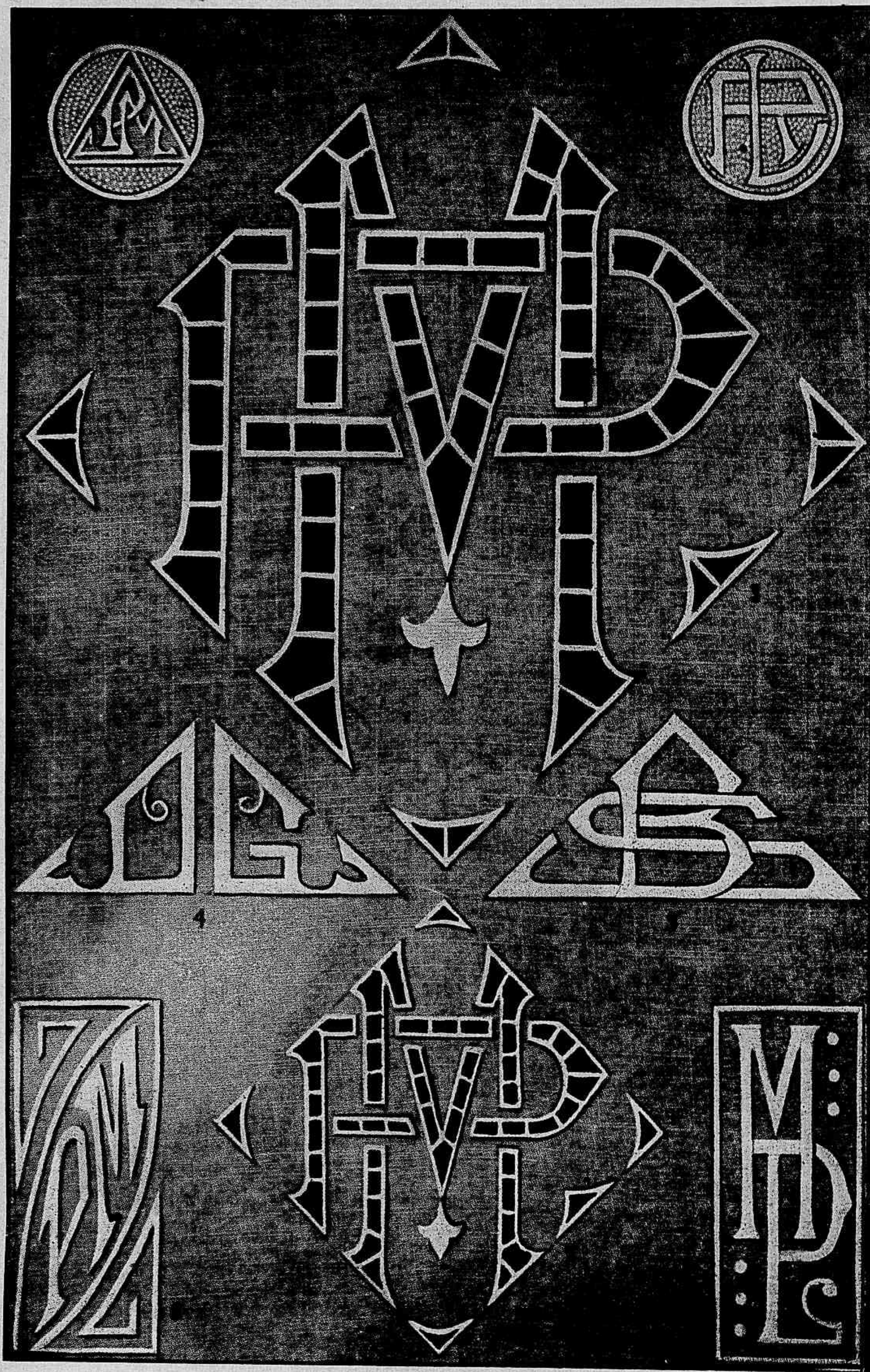


COMO ELAS ARRUMAM OS CABELOS



Al vão alguns conselhos dados pelas estrelas da sua predileção:
 "Si seus cabelos são lisos — diz Olivia de Havilland — não os queime com nenhuma forma de ondulação moderna. Para mantê-los sempre lisos e sedosos basta e cová-los cinco minutos cada noite e lavá-los uma vez por semana com um bom sabão líquido. Para marcar aquela onda que, partindo da frente, vai até o centro da cabeça, use um pente especial para esse fim, retirando-se apenas a hora de sair.
 Si, pelo contrário, prefere uma cabeleira larga e ondulada, então siga os conselhos de Brenda Marshall: lave o cabelo com um bom "champo" perfumado. Deixe-o secar ao vento; mas nunca ao sol ou sob toldos e aparelhos quentes. Depois repartia-o em madeixas pequenas, enrolando-as no dedo para formar rosinhas; prendas com um gramplinho pequeno assim de conservá-las assim duas horas, pelo menos. Depois, quando retirar os gramplinhos, encontrará o magnífico resultado obtido por Brenda Marshall.
 Observe os esmalamentos dessas duas elegantíssimas estrelas da Warner e evitara que seu cabelo caia ou se torne descolorido como, em geral, acontece depois de várias ondulações permanentes ou pelo uso abusivo da tintura. Entretanto, para um baile ou para um jantar de cerimônia, não nos oponham às maravilhosas criações dos cabeleiros. Mas note bem: uma vez por outra, ouviu?
 Eleanor Parker e Alexis Smith (Warner) apresentam lindos penteados, próprios para cabelo liso e para cabelo ondulado, que podem ser executados por você mesma em sua casa.

CORRESPONDENCIA



Mariazinha — Ponte Nova — Minas.

"...gostaria, por esse motivo que me enviasse sugestões de monogramas com as letras M e P e C e V."

Resposta:

Aí estão as sugestões pedidas e note que poderá executá-las à máquina — o caso do bordado à Richelieu — e à mão — em geral ponto cheio. — Espero que tenha ficado satisfeita, sim?

Um homem correndo

(Continuação da pág. 23)

Facil o acesso à janela dos fundos do apartamento, sobre os telhados acessíveis dum par de telheiros externos. E a janela do fundo do apartamento, pude ver, abria-se uma ou duas polegadas acima dos alpendres; o que queria dizer que podia ser alcançada de cima deles.

Fechei a janela do corredor e fiquei um momento sem saber ao certo o que fazer. Duma janela do lado oposto podia ver o Nove Agulhas. Podia ver mesmo dire-

tamente dentro do salão do bar onde estava a senhora ainda fazendo tricô, atrás do balcão.

Por esse tempo eu não precisava persuadir-me de que o homem que ia correndo estivesse fugindo de alguma coisa horrível, e desejava descobrir o que fosse.

Parado ali, à escuta, não ouvindo outra coisa além do rádio que não estava tocando para ninguém (eu tinha a certeza), pareceu-me ouvir passos também, passos que vinham de baixo e, em circunstâncias mais alegres, teria dado um hurra! de satisfação ao ouvi-los. Pois só podiam ser os passos do velho Diver, e poucos segundos depois pude avistá-lo no patamar.

Naturalmente ele ficou certo de que eu estivesse pro-



curando seu apartamento (que por sorte ficava no andar superior) e gastei tempo para impressioná-lo com a sequência dos fatos que me haviam induzido a ficar espiando na porta de outro apartamento, escutando o rádio lá dentro.

— Você quer dizer que aconteceu alguma coisa? — disse eu.

— Se você tivesse visto a cura daquele homem... — tentei.

— Tudo isto está muito bem, meu velho — disse Diver.

— Mas como você sabe que ele veio deste apartamento?

— Tenho plena certeza — respondi. — E estou certo de que ele fez qualquer coisa terrível aqui.

— Certo?

— Bem, você sabe o que eu quero dizer. Você não viu a cara do homem. Olhe aqui, mano velho, nós devíamos telefonar à polícia.

Mas Diver não pensava assim.

— Tudo isto está muito bem. Você se acha aqui há uma ou duas horas, mas eu **moro** aqui. Se nós invadirmos o cortiço de um vespão e não acharmos nada — nem mesmo um vespão — é provável que eu me torne tão popular quanto uma epidemia. Você não pode chamar a polícia e invadir a casa dum camarada e esperar que ele fique gostando de você.

— Ele provavelmente gostará muito de você — disse eu.

— Mas você não tem provas, meu velho — disse Diver. — Suba comigo ao meu apartamento e vamos conversar a respeito.

— Não vou sem ter visto o que há aqui dentro.

— Bem, venha ao botiquim e vamos procurar alguém e decidir o que se deve fazer.

— Não vou, antes de ter visto o que há aqui dentro — repeti. — Você pode perceber que há qualquer coisa de anormal. O rádio está tocando e não há nenhuma luz no quarto.

— Provavelmente estão deitados ouvindo o rádio. Daqui a pouco desligam.

— Quem mora aqui? Você conhece? — perguntei.

— Não tenho a mais leve idéia. Não se conhece ninguém aqui.

— Bem, disse eu. — Daqui a pouco sei alguma coisa.

— E bati com bastante força na porta do apartamento.

— E se você vai tirar essa gente da cama? — Diver queria saber.

— Eu gostaria que assim fosse — repliquei. — Direi que estou procurando uma pessoa chamada Wilberforce.

— E se seu nome for Wilberforce? — disse Diver.

Não liguei atenção.

Bem, o chamado na porta não trouxe resposta e nessa hora Diver estava percebendo que devia haver alguma coisa pelo menos fora do comum atrás da porta daquele apartamento. Level-o à janela e lhe mostrei a parede dos fundos.

— Como posso descer ao pátio? — disse eu.

Ele me respondeu, mostrando uma passagem trazeira.

— Então me espere aqui — disse eu — do lado de fora da porta do apartamento. Estarei de volta o mais breve possível.

— Tomara que não arranje uma trapalhada — disse Diver.

— Tomara, mesmo — disse eu. — E não estou pensando o que você pensa.

Deixei-o e me achei de repente no pátio. Não havia muita luz para agir, mas havia bastante e tornava menos provável que eu pudesse ser visto. Havia caixotes de embalagem e outras coisas. Consegui atingir o teto do alpendre sem maiores dificuldades. E a janela, como eu disse, estava aberta. Na minha vida achei coisas muito mais difíceis do que entrar naquele apartamento.

O quarto onde penetrei de um pulo era um dormitório. Risquei um fósforo, mas a um olhar de relance me pareceu que não havia nada de anormal. Passei para a saleta de estar, riscando outro fósforo, e aqui, também, à primeira vista, tudo parecia estar em ordem, se não se levasse em conta o rádio, que estava ainda tocando. Atravessei a porta, ao lado da qual estava o comutador da

luz. Apertei o botão e levantei o trinco. Um segundo depois Diver estava ao meu lado.

— Então? — disse ele.

— Não sei — disse eu. — Ande com cuidado. Temos que revistar a casa.

Não nos movemos por um momento. Ficamos de pé, observando as coisas que eram, na maioria, mesas, cadeiras, tapetes, quadros — tudo o que se espera achar em lugares onde se espera achar.

Havia apenas uma coisa — um prato no chão, quebrado em vários pedaços.

— Derrubado por ele na pressa desesperada de fugir! — disse eu.

— De que? — perguntou Diver.

— Veremos — respondi.

Foi o que fizemos, num modo de dizer, mas não vimos nada. **Olhamos.** Examinamos todos os armários existentes; olhamos debaixo da mesa e debaixo da cama, até mesmo em cima do guarda-roupa. Não havia cofre arrombado. Não havia cofre a arrombar. Não havia cadaver.

— Aí está! — exclamou Diver. — Aí tem você! Bem doido seria eu se tivesse chamado um policial!

— Deve haver outro apartamento — disse eu.

Ele fez o que praticamente significava um resmungo de desprezo.

— Que horas são? O botequim vai fechar antes que eu tenha tempo de dar-lhe uma recepção oficial.

Olhou o relógio na prateleira do fogão. Mostrava dez minutos para nove.

— Dez minutos para nove? — Encostou o ouvido. — Está parado! — disse ele.

Tirei meu relógio.

— Perto de nove e meia.

— Então venha! Apague a luz. Deixe as coisas como achamos. E vamos sair pela porta. Você não me vai ver pulando pelos encanamentos d'água.

Fora, no patamar, com a porta fechada depois que havíamos saído, tomei-lhe o braço.

— Naturalmente, eu não podia ter a certeza de que era neste apartamento.

— Bem, há mais quarenta e nove iguais neste bloco — disse Diver. — Vá revistá-los se quiser. Eu vou ver outro.

E se largou. Eu fui com ele, ao Nove Agulhas.

Quando estávamos em segurança, atrás de nossos corpos de **bitter**, Diver quis rir.

— Que foi que deu em você? — perguntou ele. — Você está vendo visagens?

— Se você tivesse visto a cara daquele homem...

— Estou vendo a sua! Bem, revistamos a toca e não descobrimos nada.

— Eu não digo que o apartamento fosse aquele. Podia ser outro qualquer. E quanto a não achar nada — disse eu — descobrimos quatro coisas dignas de nota.

— Não me lembro — disse Diver.

— As luzes apagadas, o rádio ligado, o prato quebrado.

— Três — disse Diver. — Qual é a quarta?

— O relógio parado às nove horas — disse eu.

— Não vejo nada de suspeito nisto — disse ele.

— Não digo que seja suspeito — disse eu. — Digo que é uma das quatro coisas que notei.

— Oh, está bem.

Diver tomou um gole fundo e descansou o copo num jélio que queria dizer apenas uma coisa, falar em assuntos mais agradáveis. Ele queria contar novidades suas e lembrar coisas do nosso tempo antigo, e não tinha vontade de ser importunado com histórias inconclusas de homens correndo sem deixar rasto de interesse.

— Como vão as coisas no velho... — começou ele. Ele de repente parou. Estávamos olhando um para o outro, diretamente nos olhos, e o olhar nos disse a ambos num relance o que havíamos escutado, embora não houvesse muito o que escutar.

— Alguém correndo — disse Diver, finalmente excitado.

Corremos à janela, mas por mais depressa que andássemos a pessoa que ia correndo estava quasi fora de vista. Era um polícia, subindo a rua o mais ligeiro que podia. E lá em baixo na rua, dois homens e um garoto, vinham correndo o mais depressa que podiam.

— Há alguma coisa — disse Diver, e investiu para a porta, seguido por mim.

Os dois homens tinham sumido e o garoto estava passando justamente quando saíamos.

— Que é que há? — gritou Diver.

(Continúa na pág. 48)



Levemente adocicada, saborosa e rica em valiosos princípios nutritivos — a Malzbier da Brahma, feita à base de malte selecionado, aumenta o poder alimentício de qualquer refeição. Ao almoço, lanche ou jantar, peça Malzbier da Brahma para fazer uma refeição completa. É uma bebida que a todos agrada.

Malzbier

da

Brahma

COMPLETA QUALQUER REFEIÇÃO

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANONIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

MENTHOLATUM

Acalma

QUEIMADURAS

Contusões e Ferimentos

DEPRESSA MARVI

TRAGA-ME

MENTHOLATUM

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUÊDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

Joaquim Mironga

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 19)

Resfolegou forte o Mironga e, tirando o cigarro da fita do chapéu, bateu fogo, puxando fumaça.

A camaradagem, mudando de posição e concertando-se nos logares, murmurava: — Esse Joaquim é da pele, é da pele do diabo! ele já tem visto cousas!

— Vocês sabem, continuou o Joaquim, que a frente da fazenda, além dos muros de pedra, tinha o cercado feito com toras de madeira de lei. Aquela segurança toda era por não deixar o gado romper, quando investisse, na arrancada. Valeu-nos Deus que era assim. Estivemos engambelando a escolta um dia e metade de uma noite, debaixo de fogo. A soldadesca era toda de cavalaria, mas não era gente curraleira e, por isso, não conhecia nossas batidas. Não foi custoso mitrar aqueles diabos. E esse rio Preto — bem eu gosto dele! — foi a nossa salvação, ele passa nos fundos da fazenda, fechando uma manga de pôtros separados das eguas.

— Anoteceamos e não amanhecemos na fazenda. Com o escuro, ganhámos uma trilha pela manga abaixo — eu, patrão, patrão, meninos, mucamas, toda a gente de dentro; os campeiros e os negros ficaram entretendo a soldadesca, rebentando as pipocas toda a hora.

— Você lembra, Pio, daquela canôa em que o patrãozinho caçou anta rio abaixo? — Oral pois então!

— Foi nela mesmo que estivemos passando o povo para a outra banda, eu no varejão e Bazílio no remo. Quando chegámos do outro lado, adeus escolta! Não havia ponte, nem váu. Se eles quizessem nós perseguir haviam de atravessar o rio a nado, ou, quando não, rodear as cabeceiras, porque as nossas canôas ficaram muito bem escondidas do outro lado.

— Ganhamos, sem maior novidade, a barranca fronteira e pousámos num retiro da outra banda, a duas leguas do rio.

— Até eles passarem também, temos tempo — dizia comigo.

— Sô moço, sô Juca, desde a hora da saída, ficou meio esturdido, sempre de cara fechada. Ele tinha teimado, muito com o patrão velho, querendo ficar. Dizia que aqueles demonios de caramurus não haviam de tomar conta da fazenda assim, com dous tiros e meio. Mas o patrão ficou brabo com ele e não lhe tirou mais os olhos de cima até passarmos o rio. O patrão sabia que o mocinho não era brincado e que, se não lhe tivesse mão, era bem capaz de voltar para a fazenda a puxar briga com os caramurus da escolta.

— Arranchamos no retiro e a família toda acomodou-se, como Deus foi servido. O patrão estava acostumado a lidar sempre e aproveitou o tempo para cuidar da criação empastada naquela redondeza.

— Nisto as cousas principiaram a apertar.

— A gente que tinha ficado do outro lado do rio tomou conta da fazenda depois de uma resistência grande. Quem ponde fugir fugiu; o restante que não morreu na briga ficou agarrado pela escolta. Os ladrões do inferno já tinham carneado muita rez boa da fazenda e acabado com a capadaria do chiqueiro. Essas cousas chegaram ao conhecimento do patrão e o fizeram ficar irado. A patrão ia tendo mão nele todo o dia porque ele virava mexia, daqui p'r'alí e falava sempre em acabar com aquilo de uma vez morrendo ou dando uma lição àqueles excomungados.

(Conclue na pagina 49).

Desfile



de Modelos.

O Verão está chegando. Mansamente e dourado como os gestos morenos de preguiça nas manhãs luminosas de Copacabana. Muito sol e romance... Vestidos leves de algodão, *laisé* e *mousseline*... Sapatos abertos, indiscretos, mostrando pés pequeninos de dedinhos pintados.

"Você usa Safari ou Revlon?"

"Safari — côm Rita Ray..."

"Combina bem com a sua pele."

"Tenho gesto..."

Fitas... cabelos soltos... Saias rodadas e simples. Botões. Golinhas brancas. 'A tarde, rayon estampado e modelos *made in U. S. A.*...

— Ou de Goulart...

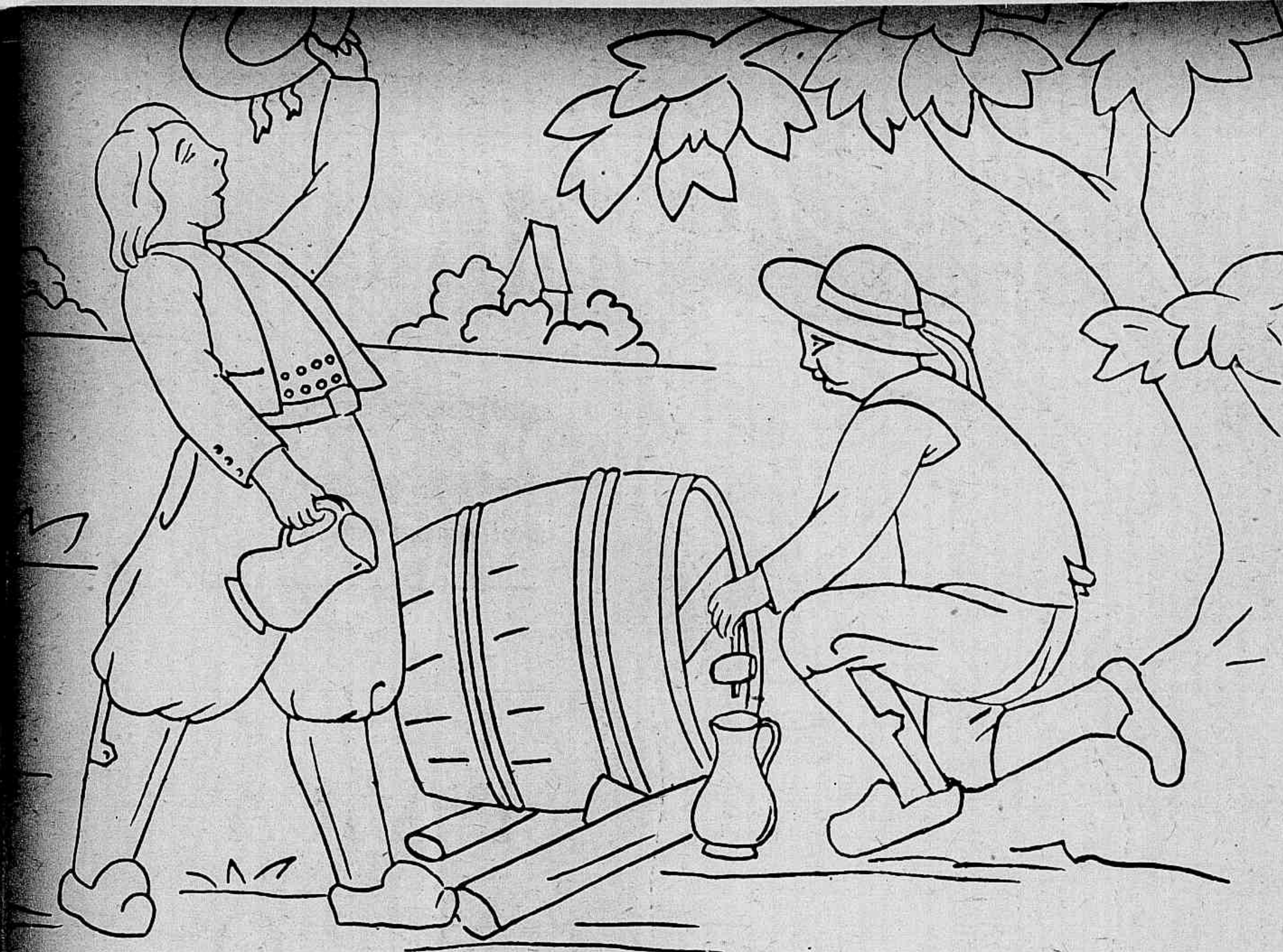
— Sim, de Goulart, baseados nos últimos modelos criados por Valentine, Riam, Bonwit Telles, Maxwell, Stern ou Bergdorf.

— Repare, pois, brasileira, esses lindos vestidos; escolha alguns; e, creia, você fará sensação nessas manhãs luminosas em que o Verão está chegando mansamente e dourado como os gestos morenos de preguiça das sérias do Rio.



UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

iecarelli



Finalizando o nosso risco, estampamos, as "Cenas do velho mercado" onde sem duvida nossas leitoras encontrarão o pitoresco e o encanto que as caracterizam.

Executando esses motivos em cores vivas e adequadas, obterão um lindo efeito que provavelmente constituirá uma das atrações da sua casa de campo.

ROUGE LIQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
 De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARAVEL
 A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
 O CREME
 EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



ENQUANTO VOCÊ DORME,
trabalham os
germes...



Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odorans impede a fermentação e as infecções bucais, como piorréia, gengivites, etc.

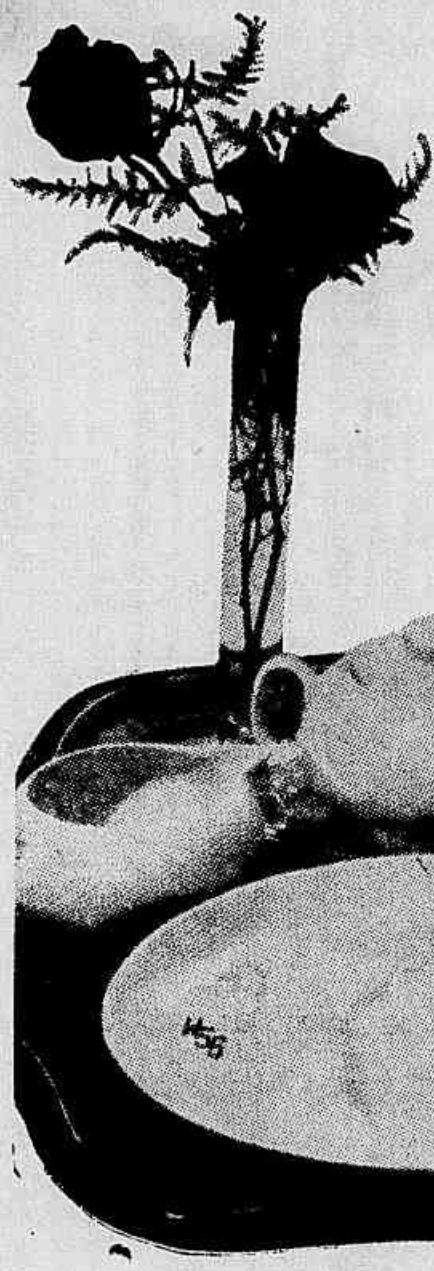
MAU HALITO!

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

UM "PANNEAU" PARA CASA DE CAMPO





BOLINHOS PARA CHÁ

DA SOGRA

Leve ao fogo 1/2 litro de leite com 1 colher bem cheia de manteiga e um pouco de sal. Logo que levantar fervura jogue de uma só vez, 3 chicanas mal cheias de farinha de trigo. Bata bem, deixe cozinhar mais um pouco a farinha e retire do fogo para esfriar.

Junte 7 ou 8 ovos, um a um, até tornar a massa mais branda. Bata com as mãos fortemente para ficar bem leve e junte 2 chicanas de queijo de Minas ralado.

Frite as colheradas em bastante gordura e polvilhe com açúcar de baunilha.

BOLINHO

Bata 150 gramas de manteiga com 100 gramas de açúcar. Junte quatro gemas, noz-moscada ralada, canela e raspa de um limão.

Bata bem, adicione três colheres de leite e 350 gramas de farinha de trigo, uma chicara de vinho do Porto, uma colher de chá de fermento e por último as claras em neve.

Misture com farinha de trigo umas passas e pedaços de goiabada e junte á massa.

Leve ao forno em fôrma untada.

Forno quente.

BOLINHOS DE LEITE

Bata bem uma colher bem cheia de manteiga com 1 1/2 chicanas de açúcar.

Adicione três gemas e 1 colher de chá de essência de canela.

Em seguida misture 1 chicara de coalhada e duas chicanas de farinha peneiradas com 1 colher de chá de fermento.

Misture com cuidado as claras em neve.

Forminhas untadas, forno regular.

Prepare uma calda rala e perfume com rum.

Quando tirar os bolinhos deite-os nesta calda e deixe até que fiquem bem embebidos.

DE FUBA' DE ARROZ

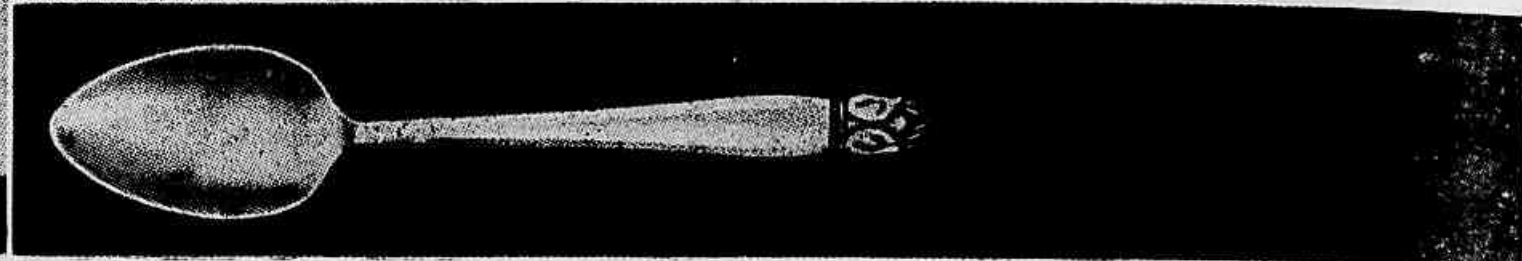
Bata bem uma chicara de manteiga com duas chicanas de açúcar. Junte aos poucos quatro gemas, uma chicara de leite de côco, 3 chicanas de fubá de arroz e as claras em neve.

Asse em forminhas untadas e forradas de papel.

Quando retirar da fôrma, cubra a parte superior com um pouco de geléia derretida.

BOLINHOS DE QUEIJO

60 grs. de manteiga, 60 grs. de farinha, 1/2 litro de leite, 100 grs. de queijo ralado, 4 gemas, sal, pimenta e noz-moscada. Deita-se a manteiga em uma caçarola, que se leva ao fogo. Quando a manteiga estiver derretida, junta-se farinha sem deixar corar a manteiga. Em seguida acrescenta-se o leite, mexendo-se bem e deixa-se cozinhar assim até despregar do fundo da caçarola. Retira-se do fogo e quando fria a massa juntam-se-lhe as gemas, queijo, sal, pimenta e noz-moscada. Deita-se esta massa sobre uma táboa



untada com manteiga e, logo depois, sobre uma mesa que se pulverizou com farinha. Cortam-se rodela ou quadradinhos que se deitam em farinha, em clara batida e por fim em farinha de rosca. Fregem-se em gordura quente.

EMPADINHAS DE QUEIJO

Massa mole: 1/2 litro de leite ou nata, 2 a 3 ovos, 200 grs. de queijo e sal. Para a massa mole: 200 grs. de farinha, 100 grs. de manteiga, 1 pitada de sal e 100 grs. de água. Peneira-se a farinha que se põe sobre uma pedra marmore, deixando-se um buraco no meio da farinha. Deitam-se neste buraco pedacinhos de manteiga, água e sal, mexendo-se primeiro com uma faca, depois ligeiramente com as mãos, até a massa não grudar. Deixa-se descansar por 20 a 30 minutos em lugar fresco. Em seguida estende-se com um rolo e com esta massa foram-se forminhas untadas com manteiga. Mistura-se o leite ou a nata com os ovos, sal e queijo ralado. Enchem-se as forminhas até 3/4 da altura com esta mistura. Cobrem-se as mesmas com a massa, apertam-se os bordos e levam-se a forno médio. Querendo, pode-se juntar á massa um pouquinho de cominho.

Um homem correndo

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 43)

— Não sei, mister — respondeu o menino.

Seguiu os homens dobrando a esquina em direção ao rio.

— Vamos? — disse Diver.

— Vamos — disse eu.

Seguimos.

Foi tudo rápido assim.

— Engraçado — Diver arquejou, ao dobrarmos a esquina. — Habitualmente não vemos viva alma aqui, nesta hora da noite. Alguma coisa deve ter acontecido.

Seguimos os três, varando ruas, enquanto os outros corriam na frente. A corrida fez uma ou duas pessoas apressarem nas janelas. Quando chegamos ao fim, os pioneiros — os dois homens e o garoto — haviam reunido talvez uma dúzia em volta deles, incluindo Diver e eu. E outra dúzia esperava por nós. Uma verdadeira multidão para este recanto da City, em semelhante hora da noite.

O ponto onde havíamos chegado era uma rua curta, dando imediatamente para o rio. A pequena multidão espalhou-se de um lado a outro da rua. Além estavam policiais, reunidos em torno da porta duma velha casa com placas de bronze aos lados.

— Que é que há? — perguntou Diver. — Alguém sabe?

Ninguém parecia saber. Alguém tinha ouvido um apito da polícia, tinham visto um polícia correndo, haviam-no seguido. Outros haviam seguido aquele. A bola de neve crescera. Mas ninguém sabia.

O barulho de um motor e uma buzina cortaram o grupo em duas partes, impelindo-nos para os passeios fronteiros. Passou uma ambulância pelo meio, depois nos juntamos de novo. Um homem desceu da ambulância e penetrou na casa de placas de bronze, mas nada pareceu acontecer.

Sabem como as coisas mais singulares nos ocorrem no momento mais inadequado.

— Não bati o trinco! — disse eu, de repente.

— Como? — Diver não fez mais do que voltar a cabeça.

— Naquele apartamento. Depois que deixei você entrar.

— Oh — disse Diver, sem interesse.

De repente ele se animou um pouco. — Conheço aquele polícia ali — disse ele. — Vou saber o que houve.

Segui com ele, naturalmente. O polícia era afável, mas estava aflito. Não sabia também muita coisa. Tinha havido um assassinato, e outro polícia, de passagem, ouvindo um tiro, metera-se no meio. Agora estava lá dentro, moribundo, pensavam. Ninguém estava muito a par do que acontecera, disse o policial. O doutor havia entrado.

— Prenderam o sujeito? — perguntou Diver.

— Não parece, ao que eu saiba — respondeu o polícia.

Ora, eu tenho escrito ocasionalmente para o **Correio da Tarde**. Não sou redator efetivo, naturalmente, mas alguns artigos sobre certos assuntos, uma vez por outra. A imprensa é uma coisa misteriosa para o velho Diver: escrever para os jornais é o mesmo que trabalhar neles, assim lhe parece. Portanto, se eu era "do" **Correio da Tarde**, num relance estávamos no hall da velha casa, mesmo antes de Diver ter acabado de contar a história ao polícia. O polícia estava muito aflito, e tinha o resto da multidão a conter do lado de fora. O resto da multidão andava agora em quarenta ou cinquenta pessoas.

Ninguém nos prestou muita atenção. Podemos ver o policial ferido, por uma porta aberta à nossa esquerda. Estava deitado num tapete, com o médico, o homem da ambulância e numerosos policiais em torno.

De fragmentos de conversa que ouvimos, conseguimos saber qualquer coisa. Não era muito. Parecia que houvera um tiro. O polícia entrara, agarrara o assassino, lutara com ele e por sua vez fôra ferido. E o assassino fugira. Além desse ponto ninguém sabia nada. Não descobrimos, portanto, quem dera o alarma e como os outros tinham entrado em cena.

O polícia na sala à nossa esquerda estava muito aflito. Outros policiais, ao que parecia, estavam procurando o assassino, porém não pareciam muito esperançosos. Havia duas saídas para a rua e por uma certa razão sabiam que ele não gira por uma delas. A outra era o rio, e não houvera ninguém que o perseguisse, senão quando fôra muito tarde. Ninguém sabia como ele era. O policial ferido sabia, sem dúvida, mas pelo visto não viveria muito. No momento não podia dizer nada.

Levei um dos policiais a um canto. Desde que eu passara pelo primeiro, este pareceu achar natural que eu estivesse ali. Em qualquer caso, o velho Diver repetiu a história sobre o **Correio da Tarde**. Mas isso apenas pareceu aumentar a aflição do polícia.

Falei-lhe sobre o homem que ia correndo, e instei que se ele desse uma busca no bloco de apartamentos fronteiro ao Nove Agulhas podia achar outro corpo para aumentar a coleção da noite. Ele disse que ia falar com o superior, e saiu para isso. Se o superior ligou muita atenção ou não à história não sei, mas o polícia não veio pedir mais detalhes.

O médico levantou-se, e o homem da ambulância e um policial carregaram o ferido para o carro. Ouvimos a ambulância afastar-se. Então os policiais se reuniram, intrigados, em torno de alguma coisa que o superior tinha na mão. Era uma coisa que havia caído, parece, da mão do polícia ferido, arrancada ao assassino, na luta, pois que a roupa do homem assassinado estava intacta.

Era um retalho de pano, circular, de forma afunilada. E era a forma que estava intrigando alguns deles, no momento.

O superior levantou o braço.

— E' isto — disse ele. — Bem de cima do cotovelo. E' por isso que o pano conserva esta forma afunilada. Algum dia isto pode enforcar um homem. Se pudermos achar o homem...

Havia atividade do lado de fora, e eu e Diver saímos. Um bole havia atracado, sem trazer novidades. O assassino desaparecera na escuridão, e parecia disposto a continuar desaparecido. Talvez houvesse alguns indícios. No momento não parecia haver nada. A polícia movimentou-se lentamente, cochichando.

— Muito sem graça — comentou Diver. — Não parece absolutamente com o que você lê depois nos jornais. Esse é o segundo assassinato que vejo. Acho que todos são sem graça assim. E' muito melhor ler as notícias. Olhe aqui, temos tempo apenas de pegar um par de garrafas no Nove Agulhas e levá-las para o meu apartamento. Podemos voltar aqui depois, se você quiser.

Fiz que sim, com a cabeça. Vinha um vento frio do rio e não havia razão para permanecer ali. Diver tinha razão. Assassinatos uma vez cometidos, eram um negócio muito sem interesse, em primeira mão.

Voltamos pela rua e tornamos ao Nove Agulhas, e tínhamos apenas chegado à porta do botequim, quando as coisas de repente pareceram ajustar-se, num estalo, dentro de minha cabeça.

— Diver! — exclamei de súbito.

— Que é que há? — perguntou ele assombrado.

— Apanhe a cerveja — disse eu. — Não demoro mais de um minuto. Apanhe a cerveja. Espere por mim aqui!

E rapidamente o deixei, correndo pela rua e cruzando o pátio de recreio em direção aos apartamentos. Subi rapidamente. A bandeirola em cima da porta estava escura. As luzes estavam ainda apagadas.

— Muito bem! — pensei e corri de volta para junto de Diver que ficara em pé, estonteado, do lado de fora do botequim, com duas grandes garrafas na mão.

— Depressa, velhol — arquejei. — Corra à delegacia e traga um polícia. Traga dois.

— Sim, mas o que...

— Escute. Eu estava enganado — fiz eu. — Suponha que você marcasse um encontro com um homem. Talvez para o matar. De qualquer modo, você marcara um encontro, para as nove horas, nem antes nem depois. A hora é importante mas não me pergunte por que, porque não sei. Você fica em casa, sentado, esperando. Olha para o relógio. Dez para as nove. A banda de música pára no rádio. Seis notas. Você dá um pulo, olha o relógio. Parado! E' preciso dar uma carreira, apanhar aquele homem a tempo. Você corre. Derruba um prato, na passagem. Apaga a luz, mas deixa o rádio ligado. Corre. Não está entendendo?

Diver olhou para mim de olhos arregalados.

— Eu pensava que ele estivesse fugindo, mas ele ia era correndo para o lugar do crime. Se acertei, se acertei, ele mora ali. Não compreende? **Nós sabemos para onde ele vai voltar.** Arranje um polícia. Podemos conversar depois.

Faço justiça a Diver. Ele recuperou o senso em perfeita forma. Deixou as garrafas comigo e trouxe dois policiais tão depressa como era humanamente possível. O que é mais, havia explicado a eles. Não conseguira inteiramente convencê-los.

— Mas, os senhores sabem, ele tem de voltar para casa — expliquei. — E se estiverem lá esperando por ele... Os senhores podem entrar. Deixei o trinco aberto.

— Mas, se não for ele, disse um dos policiais. — Como vamos explicar-lhe a nossa presença? Sentados no seu apartamento...

— Se houver um retalho da manga do paletó arrancado no cotovelo... — fiz eu.

— Mas, se não houver...

— Da janela do apartamento — disse eu — os senhores podem ver-me, de pé na porta do botequim. Ficarei aqui até ele voltar. Eu o reconhecerei. Se ele estiver com o paletó perfeito, eu irei embora. Os senhores terão tempo para sair do apartamento antes dele chegar. Se houver um pedaço de pano rasgado na manga, eu acendo um cigarro. Então o caso é com os senhores. Mas, se ficarmos aqui, conversando até que ele nos veja...

Ficou assentado o plano. Os policiais levaram Diver na sua companhia. Quanto menos gente na rua melhor.

As luzes se apagaram no botequim atrás de mim, deixando-me escondido na sombra. Um relógio bateu dez, dez e meia, depois onze horas.

Subindo a rua, o homem, que passara correndo, vinha agora a passo. Parou um momento debaixo do lampeão, sem me ver. Levantou o braço para enxugar o rosto, o cotovelo bem defronte de mim.

Entrou no bloco de apartamentos.

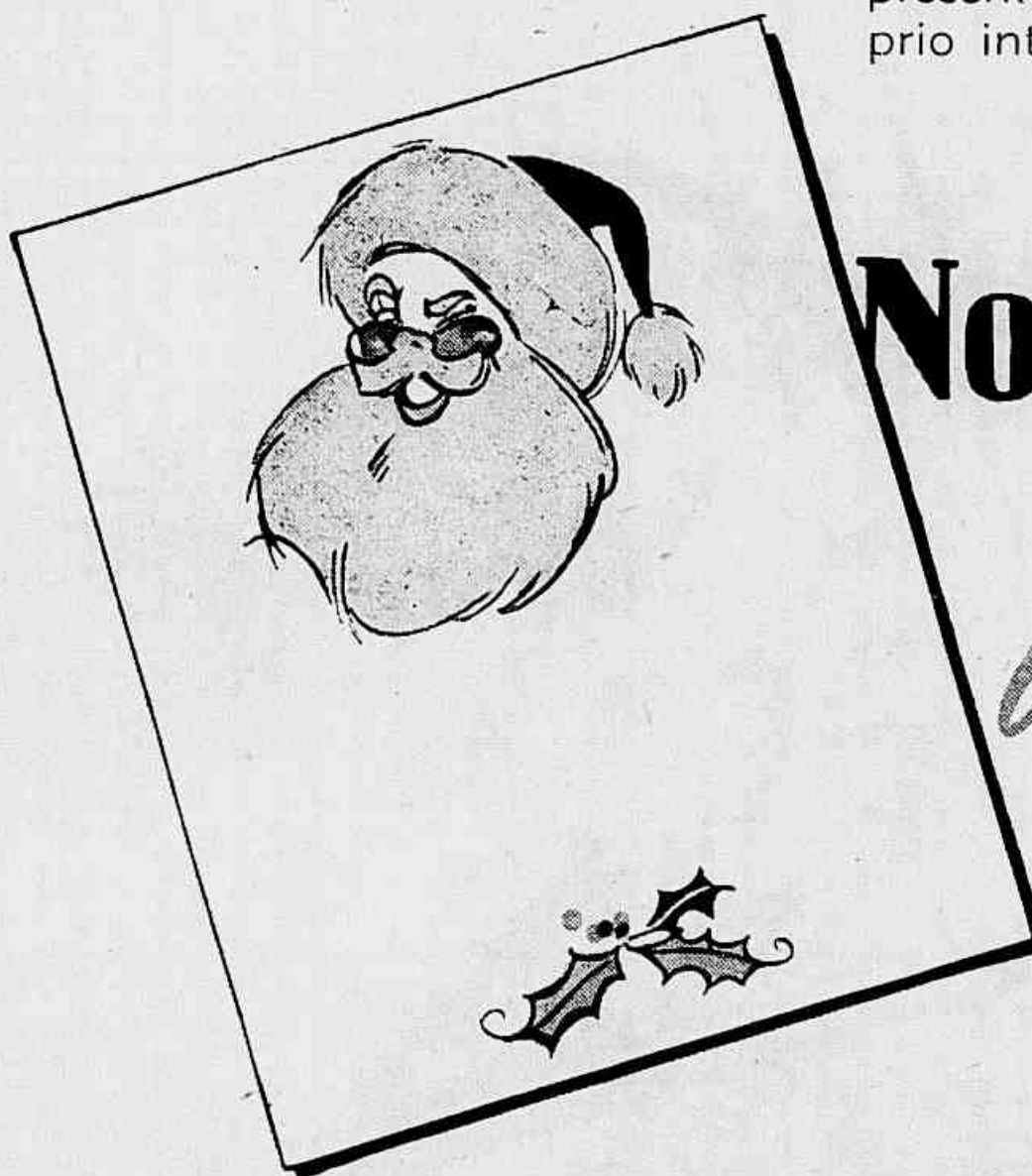
Eu acendi um cigarro.

Presentes



AS proximidades das grandes festas da humanidade — Natal e Ano Bom — impõe-se às pessoas de bom gosto uma visita às magníficas **Secções** da NOTRE DAME.

Elas apresentam, numa estonteante variedade, os mais belos e uteis presentes de festas. No seu próprio interesse, faça já uma visita à



Notre Dame de Paris

SECÇÕES "NOTRE DAME":

SEDAS E TECIDOS FINOS — ROUPAS PARA CRIANÇAS — LINGERIE — MODELADORES — CAMA E MEZA

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE EM TODO O RIO DE JANEIRO — OUVADOR 182

NO TEATRO DA MODA

(Continuação da pag. 31).

negro em crêpe, de linhas muito simples, levando um chapéuzinho a que chamamos vulgarmente "caixinha de pílulas" porque são redondinhos e diminutos; o dela fôra executado em cor amarelo-ouro e enfeitado com uma pluma — por sinal — muito atrevida. A carteira do mesmo tom do chapéu e os sapatos em estilo originalíssimo com uma franja amarelo-dourado completavam a "toilette". Ah! já ia esquecendo de contar que ela também levava um véuzinho negro e um bracelete de ouro.

Os bolsinhos estão de ultima, porem que bolsinhos distintos! A gente os encontra em todos os modelos e até mesmo dando uma elegancia infinita nos abrigos de pelucia quando se apresentam orlados com pequeninas plumas de côres. Priscilla Lana escolheu para baile um vestido lindo, branco com bolsinhos de "tissu" de prata, e um rico cinturão confeccionado em cordão prateado rematado por duas borlas de fio de prata. Tudo isso era completado com um kepi também prateado que, adornado com uma pluma reta azul e posta precisamente na frente dele, lhe dava um ar de marechala ou generala. Estava, não obstante, preciosa.

Rita Hayworth também compareceu à estréia de "Cidade da Conquista" com um belo modelo azul pavão onde notámos grandes bolsos cobertos de lantejoulas negras e reluzentes. Não nos esqueçamos porém de que estes bolsos são simplesmente decorativos e que para guardar o lençinho, a carteirinha ou os cosméticos teremos que nos valer da "trousse" ou da carteira de noite.

Joan Leslie — eminentemente prática — afirma que não está positivamente de acordo com estes bolsos falsos e que, se eles não servem para nada, prefere qualquer outra qualidade de enfeite: Aí está, minha amiga, o que "elas" dizem e usam. Como você não ignora, não podemos vacilar quando afirmamos que Hollywood seja hoje o centro da moda pois todas as elegantes do mundo copiam as estrelas do cine.

JOAQUIM MIRONGA

(Conclusão da pagina 19)

Ha muita gente traiçoeira neste mundo como vocês sabem. Um desalmado desses que Nosso Senhor já chamou a si — Deus te perdê! deu denuncia do retiro onde estava o patrão. Com pouca duvida nós soubemos que na Tapéra a umas quatro leguas do retiro, estava se ajudando um magote de caramurus para virem prender o patrão. Esses diabos tinha uma sede na gente do patrão, porque diziam que ele fôra o rebelde mais destemido destas beiradas.

"Patrão ficou desatinado de raiva. Quiz por toda lei dar caça aos caramurus, mas a patrão ficou de tal modo que nós estávamos vendo a hora em que ela caía para traz, morta. Por isso, o patrão não teve outro remedio senão ir tentando, como Deus ajudava. Vendo que nós eramos cercados de uma hora para outra e que uma desgraça ia acontecer, ele me chamou a um canto e disse:

"— Joaquin, eu fiz tenção de não cair nas unhas daqueles diabos e não ir parar na cadeia. Mas as cousas estão muito feias. Se não fosse a dona... Olha: disfarça de qualquer geito e entra na Tapéra, assim como quem vai de passagem. Assunta bem e apanha as tenções deles. Vê quantos são, se estão bem armados... Tu não és tolo e sabes bem o que eu quero. Precisamos saber o que eles pretendem, para nós podermos desmanchar a esparrela..."

"—Vossemecê me conhece, meu amo. Fique socegado. Eu arranjo as cousas. A conversa ficou aí.

(Continua na pag. seguinte)

Por isso é que elas, como grandes sacerdotisas da beleza, levam da California para todos os ambitos da Terra — iluminando tudo à sua passagem — sugestões de elegancia e segredos de eterna mocidade.

MICHELLE



JOAQUIM MIRONGA

(Conclusão da pág. 49).

"Comigo não se precisa de muita explicação.

"Corri ao quarto e tirei minha capanga, minha companheira velha. Puz dentro dela pólvora, chumbo grosso e uma bucha de paulista. Num bolsinho de dentro, guardei um pedaço de fumo e palhas. — "Estou pronto" — ia dizer, quando dei com os olhos no Moisés, meu clavinote, que dormia enfiado no canto. Pareceu-me que o páu de fogo falava — "também queria ir Joaquim" — Eu lhe fiz a vontade.

"Areiei a arma bem areiadinha, limpei-lhe ouvidos, puz uma pedra rova em baixo do cão e carreguei-a. Ali por perto havia um jambeiro com frutas; apanhei uma e, depois do escorvar bem a arma, joguei o jambo para o ar, lá em cima, meti a arma à cara e fiz fogo: a fruta espatifou-se toda.

— "Está bom, só Joaquim, disse comigo, você está meio turuna na pontaria! Isto é que serve."

"Amarrei o clavinote nos coldres da sela, apertei bem o pedrez, corri os olhos no peitoral e na retranca, passei por cima da sela um pelego bom e apertei de novo o pedrez com a sobre cinza.

"De arma de fogo eu não gosto muito mas minha vara de vaqueiro, minha vara de derribar, pior do que uma azagaia, essa eu não deixo! Desembainhei o ferrão da ponta e dei uma chuçada num portal. O ferro estava firme e amolado.

"Esse arranjo todo pouco durou.

"Apalpei, por ultimo, meu rosario do pescoço e pulei no lombo do pedrez.

— "Eta, mundo! Chegou a hora!

— "Só moço, só Juca andava farejando esse negocio e me atormentou muito para eu contar a conversa que tive com o patrão. Rondou sempre por perto de nós, para ver se apanhava qualquer cousa. O merino mordida os beigos, arrancava os cabelos, esbravejava, fazia tudo para saber, porque ele queria ter uma embarruada com os caramurus. Eu nunca vi mociño assim.

"Uma cousa me dizia que esse menino ia fazer alguma. "Hei de ir! hei de ir!" — falava ele, com os dentes cerrados, batendo com a mão direita fechada na palma da mão esquerda.

— "Hei de ir"

— "Vossemecê não vai, nhonhô, porque meu amo não quer."

"Ele desconversou e sumiu.

"Quando eu já estava longe, ouvi um tropel de cavalo atrás de mim. Era só moço que vinha num cavaliño castanho carêta, corredor que nem um veado. O mociño vinha debruçado p'ra frente, de rédea bamba e o cavalo parecia que roçava a barriga no chão na corrida.

"No eu sair, só moço já tinha o cavalo pronto, escondido. Ganhou o rasto e bambeou as rédeas. Não foi preciso mais nada.

— "Ora já se viu! Virgem Nossa Senhora, como é que está para ser?"

— "Não tem nada, Joaquim, vamos embora. Eu te mostro que já sou duro."

"Cá dentro, o coração me pulou de alegria, de ver a disposição do menino. Carreguei-o nestes braços e era a minha menina dos olhos. "Ora! lá se avenha! o que ha de ser tem muita força, pensei eu; não tive culpa da vinda dele. Se ele veio, é porque gosta de veras deste mulato velho."

— Está bom, nhonhô vossemecê agora me ha de ouvir. Quando chegarmos á Tapéra, quem e-tra primeiro sou eu. Vossemecê fica amoitado ali por perto. Se os homens me prenderem ou me matarem, vossemecê percebe logo, porque isso não demora. Então, vossemecê dá de rédeas p'ra trás e toca a bom tocar até chegar à casa, para avisar a meu amo.

— "Has de ver que eu já sou duro, Joaquim. Vamos embora."

"Com pouca duvida entrámos em terra da Tapéra.

— "Póde ter algum espiã por aí, meu patrãozinho. Vamos cortar pelo cerrado afóra e ganhar a estrada que vem da Boa-Vista; enganamos os diamos, porque eles ficam pensando que somos viandantes saídos do Vão."

"Assim fizemos.

"Antes de confrontarmos com a fazenda da Tapéra, eu fiz só moço entrar num capãozinho de mato e ficar aí amoitado. De lá ele via a casa e o curral da frente.

"Entrei, como já contei, sem vêr ninguém. Subi a escada e gritei — "O' de casa! — Uma porta abriu-se e um caboclo de beico rachado apareceu, respondendo: — "O' de fora! Entra e vem tomar congonha, que está no cuité."

"Entrei e vi na sala de fóra, passante de vinte pessoas; uns agachados, outros de pé, os homens estavam resmungando baixo. Pelas paredes havia muita arma dependurada nos tórnos. Os homens me reparam de baixo p'ra cima, de cima p'ra baixo, me estudando.

— "Ainda que mal pergunte, quem é você rapaz? disse com mau modo um sujeitinho bexigoso, com os cabelos já pintando."

— "Eu sou Manoel João, para o servir. Assisto no Vão, perto do arraial de Morrinhos e vou buscar um sal à cidade. Venho vindo escoteiro, mas o carro vem atrás e deve chegar nestes dous dias."

— "Você não sabe que estamos em guerra e que aqui não passa gente sem minha licença?"

— "Mas, meu patrão, manda quem póde. Não estou fóra disso."

— "E se eu te segurar aqui?"

— "Póde ser que fique seguro; mas hei de porfiar por sahir e — quem porfia mata caça."

"Eu fiquei ativo, correndo os olhos nos homens e chegando devagarinho para a porta. Já tinha na mente o jogo que havia de fazer com aqueles diabos.

"O homem esteve, esteve, esteve... Depois, encruzou as pernas em riba do banco onde estava sentado e disse:

— "Tu sabes alguma cousa desses chimangos por aí?"

— "Meu patrão, eu sou de longe; estou muito fóra disso. Tenho ouvido rosnar uma cousa e outra, mas não ponho sentido em falas e ditos do povo."

"Mal tinha acabado de dizer isso, quando apareceu de repente na porta um tula magricela, por nome Anselmo. Esse desavergonhado tinha trabalhado junto comigo

uns dias, numa arribada de gado, quando eu fui levar uma boiada do patrão à Pratinha. O diabo me encarou um bocado, depois disse:

— "Aqui, Joaquim? Você já largou o sargento-nór (era meu patrão)? Que diabo de cousa traz você cá?"

"Não foi preciso mais nada. Só Chico Duarte, capitão daqueles jagurços, gritou logo:

— "Então, maroto, tu querias me lograr, eim? Péga esse cabra aí, minha gente!"

"A cousa ferveu logo.

"Anselmo fez menção de me agarrar num pulo.

"Eu tinha deixado meu clavinete amarrado nos coldres e a vara de ferrão encostada lá fóra. Voei logo á porta. Quando Anselmo me quiz abotoar, juntei-o pelos peitos e num empurrão mandei-o à parede. Isso tudo foi assim — zás! Pulei pela escada abaixo e ganhei a sela do pedrez. O matungo estremeceu de baixo dos arreios e, bufando forte, largou na carreira. Curvei-me sobre o pescoço do animal e gritei-lhe ao ouvido — "upa meu pedrez! salva teu dono!" Bichinho fiel! A porteira não era alta e ele voou por cima dela, caindo do outro lado.

"Nisto, as pipocas rebentaram da frente da casa. A noite ia fechando, e os homens atirando das janelas e do alpendre em meu vulto, que fugia, erraram fogo. Eu virei a cara para traz e acenando-lhes com a mão, gritei: — Até logo, meu povo.

"Aí, uma buzina tocou forte da banda da casa, dando alérta. Os caramurus tinham gente na tocaia, pela redondeza, vigiando; acudiram logo.

"A lua, na barra do céu, alumiou um vulto de cavaleiro que crescia para mim na carreira. E mais outro e outro.

"Um cavaleiro, cruzando na minha frente, gritou:

— "Pára, ladrão, que eu te faço comer terra já!"

"Eu torci o cavalo, colhi a vara de ferrão e peguei o homem pela volta da pá. Ele deu um urro e escangotou. Seu cavalo, desgovernado, correu p'ruma banda. Não vi se o homem caiu, mas gostou pouco da chuçada. Cheguei as esporas ao vazio do pedrez e joguei-o para a frente, à disparada. — Que é de só moço? que será dele? onde estará agora? — Topei um redomoiño de cavaleiros deante de mim. Chegando mais perto, vi que eram só dous que pelejavam e ouvi a vez de só moço, só Juca, dizendo: — "Cheguem, caramurus do inferno!" Meu cavalo passou rente do dele e eu piquei com o ferrão a anca do castanho carêta, que estendeu por ali fóra com só moço, na horinha mesma em que ecoava um tiro de bacamarte.

"No meio do tropel da corrida, me pareceu ouvir perto de mim um gemidosinho. Olhei para os lados e vi só moço emparelhado comigo. — "Não é nada" — pensei. E corremos e corremos obra de meia legua.

"Adeante, numa escampada — ninguém nos perseguia mais — eu olhava só moço e reparava que só moço estava calado. Não extranhei muito...

"A lua subia, e pela beira dos capões, os peixe-fritos cantavam...

"Mais adeante, na descida de um correjo, eu voltei para só moço e disse em tom de brincado:

— "Esteve feia a cousa, eim? Mas nós não somos caçoada de ninguém"

— "E" — disse ele co'a vozinha sumida.

No subir um tope, me pareceu que ele esbarrou o cavalo.

— "Que é que vossemecê tem?"

— "Nada".

— "Então, toque o animal."

"E fomos indo..."

"Daí a pouco, ele andava penso p'rum lado, meio envergado, como quem estava curtindo uma dôr muito grande.

"Eu, achegando-me para ele, disse:

— "Conta, meu sinhôzinho, conta a seu mulato velho o que vossemecê está sentindo"

"Ele endireitou o corpo logo, respondendo

— "Nada, Joaquim. Eu não te disse que era duro?"

"Fomos embora.

"Com pouco, alcançou-nos um pé de vento bravo. As folhas e os gravetos do chão subiam em revoadas; nossos cavalos, abicando as orelhas p'ra frente, levantaram as cabeças e rincharam forte.

"Tinhamos de dobrar um serrote por uma ladeira esperta; no meio, um murundú fazia a trilha acotovelar para dar passagem aos cavaleiros. Quando o animal de só moço torceu de repente, para voltar o murundú, eu vi só moço cambalear. Dei um arranco e amparei-lhe o corpinho franzino, puxando-o fóra dos arreios e sentando-o no cabeção de minha sela. O castanho, solto, correu na frente.

"Quando só moço debruçou sobre mim, falou-me com uma voz que nunca mais me saíu dos ouvidos e me corta até hoje o coração — "Está doendo, Joaquim!" Eu me apeguei com Senhora da Abbadia do Muquem e bradei alto:

— "Santo do céu! tem dó de nós!"

"Só moço deu mais um gemidosinho, muito fraco. Parecia um carneirinho novo sem mãe, que vai querendo morrer por falta de leite e de calor..."

Neste ponto, a voz do velho campeiro tornou-se profunda, como a das enxurradas que tombam, guêla abaixo, nos socavões da terra.

Nenhum campineiro mais recostado.

Todos, de pé, apertavam-se ao redor do Mironga, estendidos os pescoços, os semblantes mal assombrados p'itando-lhes os sentimentos da alma.

— "Quando eu segurei só moço por baixo dos braços para tira-lo da sela, senti as mãos molhadas. Apalpei e reconheci que não podia ser suor. Tirei fogo e vi minha mão direita vermelha de sangue!"

Erecto no meio dos companheiros, o capataz daqueles homens bravios tinha o semblante demudado e a voz entrecortada pelos ofegos do largo peito hirsuto.

O fogareiro aceso avermelhava aqueles rostos, que formavam círculo ao redor do Mironga; todos mudos, atentos, como os guerreiros das tribus barbaras ouvindo ao chefe valente as peripecias dolorosas da peleja recém-ferrida.

— "Excomungados, malditos caramurus! Ficaram satisfeitos os demonios e não buliram mais com o patrão..."

Fóra, na orla do campo, os guarás famintos uivavam dolentemente, do meio da sombra.

O velho campeiro não falava mais.

A's interrogações de tantos olhares, de tantas bocas semi-abertas, Joaquim Mironga respondeu com estas ultimas palavras, apontando para o céu recamado de estrelas

— Lá, naquele campo azul, junto com os anjos, pastorando o gado miúdo...

Vençamos a "Batalha da nutrição"

Da vitória na "batalha da nutrição" dependerá o futuro do Brasil. Para ganhá-la, um grupo de industriais resolveu tomar uma iniciativa que denota coragem, visão ampla e profundo patriotismo, lançando as bases do

INSTITUTO DE TECNOLOGIA ALIMENTAR

Com efeito as pesquisas científicas estão ampliando dia a dia os campos e as possibilidades da industrialização dos alimentos, até limites imprevisíveis.

Assim, vemos que o consumo dos vegetais poderá ser aumentado consideravelmente com grande vantagem para as nossas populações e nossa economia, quando forem conservados por longo tempo e transportados a grandes distâncias, e isto será obtido com o emprêgo intensivo do processo de desidratação, que prolonga a sua vida como alimento e como mercadoria.

Para exemplo basta citar a abóbora: já se conseguiu reduzir o seu peso natural de 92%, conservando-se-lhe, no entanto, todas as propriedades nutritivas e organeléticas.

A mesma coisa pode ser dita para qualquer legume. Dentre as fontes de proteína animal, temos a carne, cuja desidratação experimental afirma a exequibilidade de ser empacotado um boi de 200 quilos em um volume cinco vezes menor.

Os ovos e o leite desidratados, ou seja sem quase a totalidade da sua água de constituição, já são largamente usados.

Além da desidratação, outros estudos estão sendo feitos, visando o enriquecimento vitamínico e de sais minerais dos alimentos que merecem observações circunstanciadas quanto ao seu aproveitamento industrial.

O homem de hoje só conhece para a sua alimentação uns trezentos alimentos: muitos outros serão revelados pela pesquisa sistemática, permitindo assim o seu aproveitamento e resolvendo problemas gerais de nutrição que virão aumentar a eficiência e a produção do indivíduo.

Torna-se, por isso, necessário conjugar os esforços num ambiente de cooperação e de entendimentos mútuos, único clima propício para a sua evolução racional.

Para que nenhuma indústria de produtos alimentares fique alheia a essa manifestação de patriotismo e de ciência aplicada ao bem comum, dirija-se, Sr. Industrial, à

COMISSÃO ORGANIZADORA DO INSTITUTO DE TECNOLOGIA
ALIMENTAR

(com a assistência do Serviço Técnico de Alimentação
Nacional da Coordenação da Mobilização Econômica)

Rua Araújo Porto Alegre, 64 — 5.º andar

que lhe indicará a melhor forma de cooperar nesse grandioso empreendimento.

Um presente
de Papai Noel

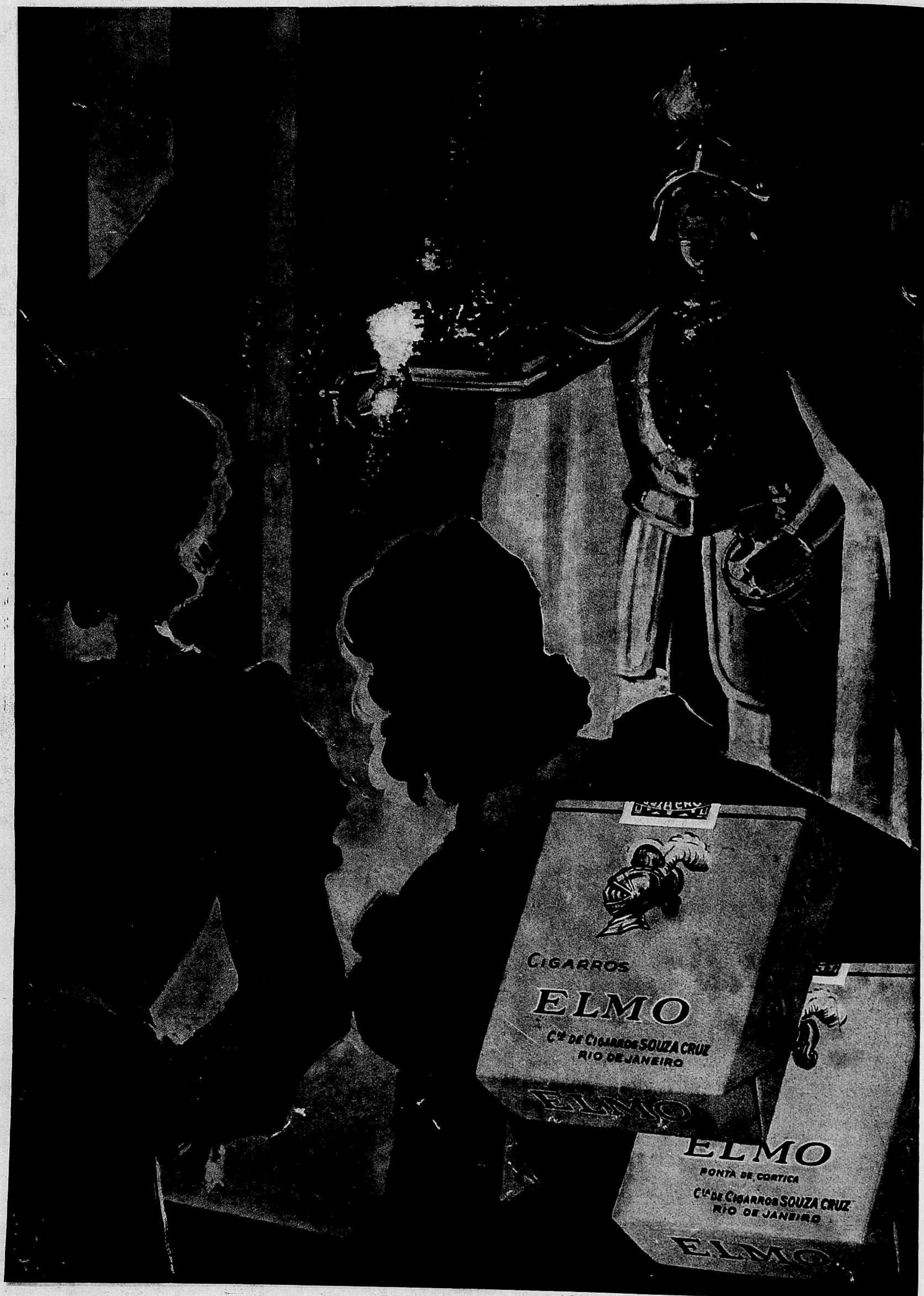


Uma visita à *Casa Lú* facilitará a V. Exa. a escolha de um presente de Natal. A *Casa Lú* se esmerou em proporcionar a V. Exa. o conforto de um ambiente agradável e distinto, onde V. Exa. encontrará sempre bom gosto, qualidade e preço.

VESTIDOS — CHAPÉOS — COSTUMES — LINGERIE — "SPORT" E PRAIA — BOLSAS — LUVAS
MEIAS — BIJOUTERIE

Casa Lú
Modas

ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS



An